



PERDIGÕES
COMPLEXO ARQUEOLÓGICO

PERDIGÕES MONOGRÁFICA I 03
PROGRAMA GLOBAL DE INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA DOS PERDIGÕES

03 DELIMITANDO O CENTRO DOS PERDIGÕES

NO 3º MILÉNIO AC: O FOSSO 7

António Carlos Valera



NIA

NÚCLEO
DE INVESTIGAÇÃO
ARQUEOLÓGICA

ERA
ARQUEOLOGIA



PROGRAMA GLOBAL DE INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA DOS PERDIGÕES (INARP)

PERDIGÕES MONOGRÁFICA

3

**DELIMITANDO O CENTRO
DOS PERDIGÕES
NO 3º MILÉNIO AC: O FOSSO 7.**

ANTÓNIO CARLOS VALERA

2026

Colecção PERDIGÕES MONOGRÁFICA

Volume 3

Edição: NÚCLEO DE INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA (NIA)
ERA ARQUEOLOGIA S.A.

ISBN: 978-989-35314-2-6

Local e data de edição: Cruz Quebrada, 2026.

Trabalho integrado no Programa Global de Investigação dos Perdigões desenvolvido pelo Núcleo de Investigação Arqueológica (NIA) da ERA Arqueologia S.A. Colaboração de Nelson J. Almeida, autor do Capítulo 5.



Índice

Resumo / Abstract	09
1 Introdução: o recinto central dos Perdigões durante o Calcolítico	11
2 O Fosso 7 e as fossas calcolíticas do Sector P: estratigrafia e faseamento	15
2.1 A Fossa 47. Uma estrutura calcolítica prévia ao Fosso 7.....	16
2.2 O Fosso 7. Estratigrafia e faseamento	18
2.2.1 A Secção A	19
2.2.1.1 Fase VII.....	20
2.2.1.2 Fase VI.....	22
2.2.1.3 Fase V.....	22
2.2.1.4 Fase IV.....	24
2.2.1.5 Fase III.....	24
2.2.1.6 Fase II.....	25
2.2.1.7 Fase I.....	28
2.2.1.8 Em síntese.....	28
2.2.2 As Secções C e B	30
2.3 Fossa 36	31
2.4 As Fossas 37, 38 e 39.....	32
3 Cronologia absoluta do Fosso 7 e a sua integração na sequência construtiva dos fossos dos Perdigões.....	35
4 A componente material	43
4.1 O Fosso 7.....	43
4.1.1 Os recipientes cerâmicos.....	43
4.1.1.1 A decoração cerâmica.....	51
4.1.2 Colheres.....	58
4.1.3 Pesos de tear	58
4.1.4 Indústria lítica talhada.....	59
4.1.5 Indústria lítica polida	59
4.1.6 Metais e metalurgia.....	59
4.1.7 Elementos de adorno	62
4.1.8 Artefactos ideotécnicos.....	62
4.1.9 Os restos humanos	62
4.2 A componente material das fossas.....	64

4.2.1	A Fossa 47	64
4.2.2	A Fossa 39.....	64
4.2.3	A Fossa 37.....	65
4.2.4	A Fossa 38.....	69
4.2.5	A Fossa 36.....	69
4.3	Um predomínio local/regional pontuado por elementos exógenos	69
5	As faunas do Fosso 7: faseamento e (re)leitura diacrónica	71
5.1	Enquadramento	71
5.2	Resultados.....	73
5.2.1	Fase I.....	73
5.2.2	Fase II.....	73
5.2.3	Fase III.....	74
5.2.4	Fase IV.....	76
5.2.5	Fase V.....	77
5.2.6	Fase VI.....	77
5.2.7	Fase VII.....	78
5.3	Discussão e considerações finais	79
5.3.1	Taxonomia e diacronia	79
5.3.2	Demografia e diacronia	81
5.3.3	Do contexto do sítio e à região.....	83
6	Abordagem aos processos de enchimento do Fosso 7 (Secção A).....	85
6.1	A distribuição vertical de materiais na Secção A do Fosso 7	87
7	O Fosso 7: encerrando o centro dos Perdígões durante o Calcolítico.....	93
7.1	Sondagem 3, Sector Q.....	93
7.2	Sondagem 2, Sector Q.....	95
7.3	Sondagem 1, Sector Q (área aberta)	96
7.3.1	A (re)construção de um centro cerimonial: os primeiros timber circles	97
7.3.2	A construção de cabanas de sulco perimetral.....	99
7.3.3	Um novo timber circle, cabanas com soco em pedra, uma construção hemi- elipsoide em madeira e o contexto funerário de deposições de cremações.	102
7.3.4	Deposições campaniformes em fossa e espaço aberto, um último timber circle (?) e ainda as deposições de restos humanos.....	108
7.3.5	O final do 3º milénio a.C e a transição para a Idade do Bronze.....	117
7.3.6	A relação da sequência de ocupação central com o Fosso 7.	121
8	Concluindo: a construção de um espaço de “assembleia”	123

Resumo

Neste terceiro volume da série *Perdigões* monográfica apresentam-se os resultados das escavações realizadas no Fosso 7 dos Perdigões e em três fossas calcolíticas durante 2014 e 2015 no designado Sector P. É feita a descrição destas estruturas negativas e da sua estratigrafia de colmatação. Segue-se a análise da sequência de datações de radiocarbono obtidas para o Fosso 7 e a integração desta estrutura na sequência construtiva dos fossos dos Perdigões. É feito o estudo dos materiais arqueológicos e uma reanálise dos dados faunísticos em função de um novo faseamento dos enchimentos do fosso, cujas dinâmicas de colmatação são analisadas em função da distribuição de materiais. Por último apresenta-se uma primeira síntese, genérica e provisória, para a sequência de ocupação do centro dos Perdigões ainda em processo de escavação. Estabelece-se um faseamento para a construção dos vários *timber circles*, diferentes estruturas de cabana, contextos funerários de cremações, deposições estruturadas e encerramentos com empedrados, num tempo que se estende sensivelmente entre 2800 e 2000 a.C. e que permite caracterizar esta área central como um espaço de assembleia que coloca em relação uma multiplicidade de estruturas, práticas e vivências.

Abstract

In this third volume of the *Perdigões* monographic series, the results of the excavations carried out in Ditch 7 and in three Chalcolithic pits during 2014 and 2015 in the so-called Sector P at Perdigões are presented. These negative structures and their infilling stratigraphy are described. This is followed by an analysis of the sequence of radiocarbon dates obtained for Ditch 7 and the integration of this structure into the constructive sequence of the Perdigões ditch system. The archaeological materials are studied, and the faunal data are reanalysed in light of a new phasing of the ditch fills, whose infilling dynamics are examined based on the distribution of materials. Finally, a first general and provisional synthesis is presented for the occupation sequence of the centre of Perdigões, still under excavation. It is proposed a phasing for the construction of the various timber circles, different hut structures, funerary contexts of cremations, structured deposits, and stone-paved closures, over a time span extending approximately between 2800 and 2000 BC, allowing this central area to be characterised as an “assembly” space that brings into relation a multiplicity of structures, practices, and lived experiences.

1 INTRODUÇÃO: O RECINTO CENTRAL DOS PERDIGÕES DURANTE O CALCOLÍTICO

Após as sondagens diagnósticas realizadas em 1997 (Lago *et al.*, 1998), as intervenções arqueológicas realizadas pelo Programa Global de Investigação Arqueológica dos Perdígões restringiram-se, entre 1998 e 2006, à área de necrópole situada no limite Este dos recintos, tendo aí sido escavados os Sepulcros 1 e 2 (Valera *et al.* 2007; 2014; Evangelista, 2019, Silva *et al.*, 2017). Nos dois anos seguintes os trabalhos transferiram-se para uma zona intermédia dos recintos no Sector I, onde se sondaram os Fossos 3 e 4 (Valera, 2008). A partir de 2009 e até ao presente, os trabalhos de escavação dispersaram-se por vários sectores, com a realização de pequenas sondagens para “colocar tempo” noutros fossos detectados pela geofísica (Fosso 10, no Sector O; Fosso 11 no Sector H – Valera, 2018), a intervenção em área na porta Nordeste no Sector L (Márquez Romero *et al.*, 2022), a escavação dos Sepulcros 3 e 4 nos sectores S e T respectivamente (Valera, 2020) e as intervenções na área mais nuclear do complexo de recintos, nos Sectores Q e P (Figura 1.1).

A área central dos Perdígões, abordada neste trabalho, congrega, na sua fase neolítica, vários fossos que foram intervencionados na escavação em curso no sector Q (Valera, 2018). Os mais antigos, atribuíveis ao final do Neolítico Médio (c. 3400-3300 a.C.), correspondem a estruturas pouco profundas, que não aparecem na imagem geofísica e cujos planos integrais não são ainda conhecidos. Durante o Neolítico Final, o centro passa a ser delimitado por três fossos: dois interiores e mais pequenos (Fossos 5 e 12) e um exterior (Fosso 6), de maiores dimensões, que em parte se sobrepõe ao Fosso 12. Este fosso apresenta uma planta em forma de “gota”, com um lado recto e o restante trajecto em curva, evidenciando uma entrada a Este, orientada a 90º, ou seja, aos equinócios. Por último, ainda durante o Neolítico Final, esta área é envolvida por um outro fosso mais amplo e que parece não encerrar do lado Este (Fosso 8).

Durante o Calcolítico, e com os fossos neolíticos já totalmente colmatados, esta área central é encerrada pelo Fosso 7, definindo um espaço igualmente em forma de gota e com uma entrada também orientada a 90º, como que replicando o recinto neolítico delimitado pelo Fosso 6, que enquadra de forma genericamente concêntrica. Tal circunstância sugere que aquela estrutura prévia se mantinha visível e que terá influenciado a configuração do novo recinto (Figura 1.2). O Fosso 7 corresponde ao fosso mais interior construído durante o Calcolítico, demarcando, desta forma, o centro do complexo de recintos ao longo de parte do 3º milénio a.C., que vê aumentada a sua área encerrada relativamente ao Fosso 6 do Neolítico Final.

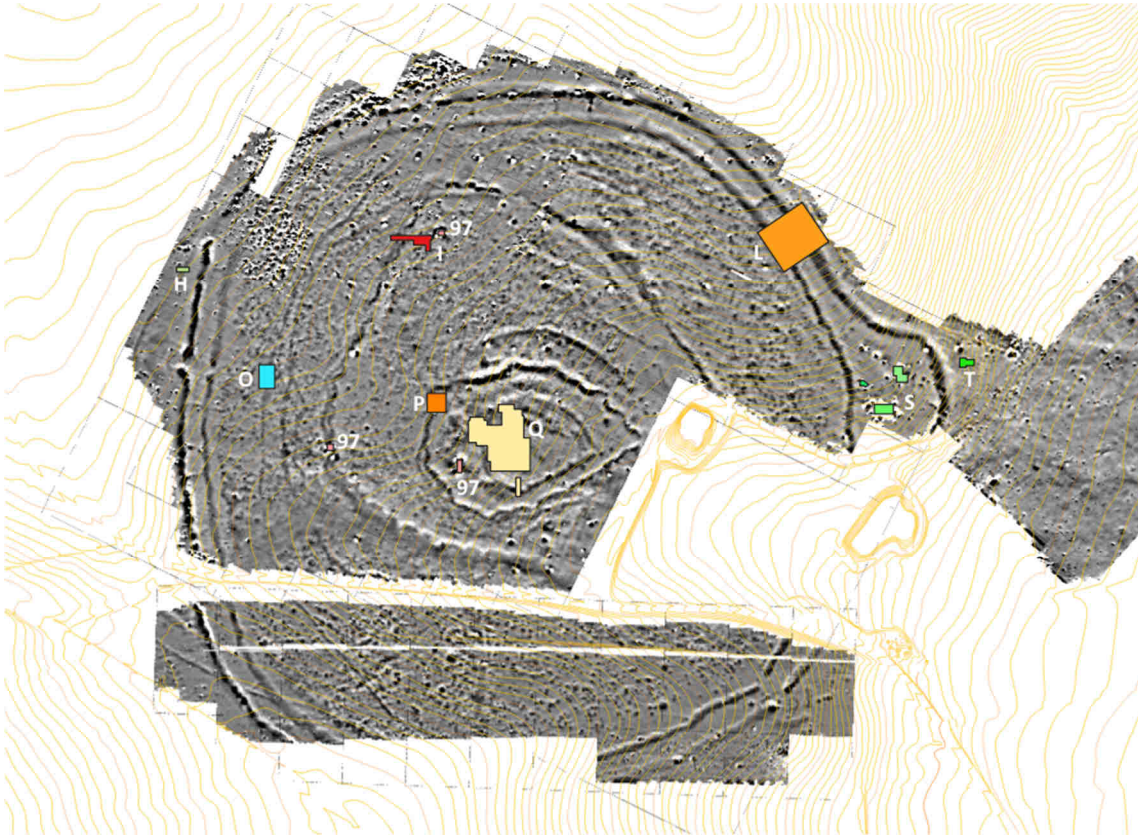


Figura 1.1 – Localização das áreas por sector já intervencionadas nos Perdigões entre 1997 e 2025. Os sectores estão referenciados pelas letras e as sondagens de diagnóstico de 1997 por “97”.

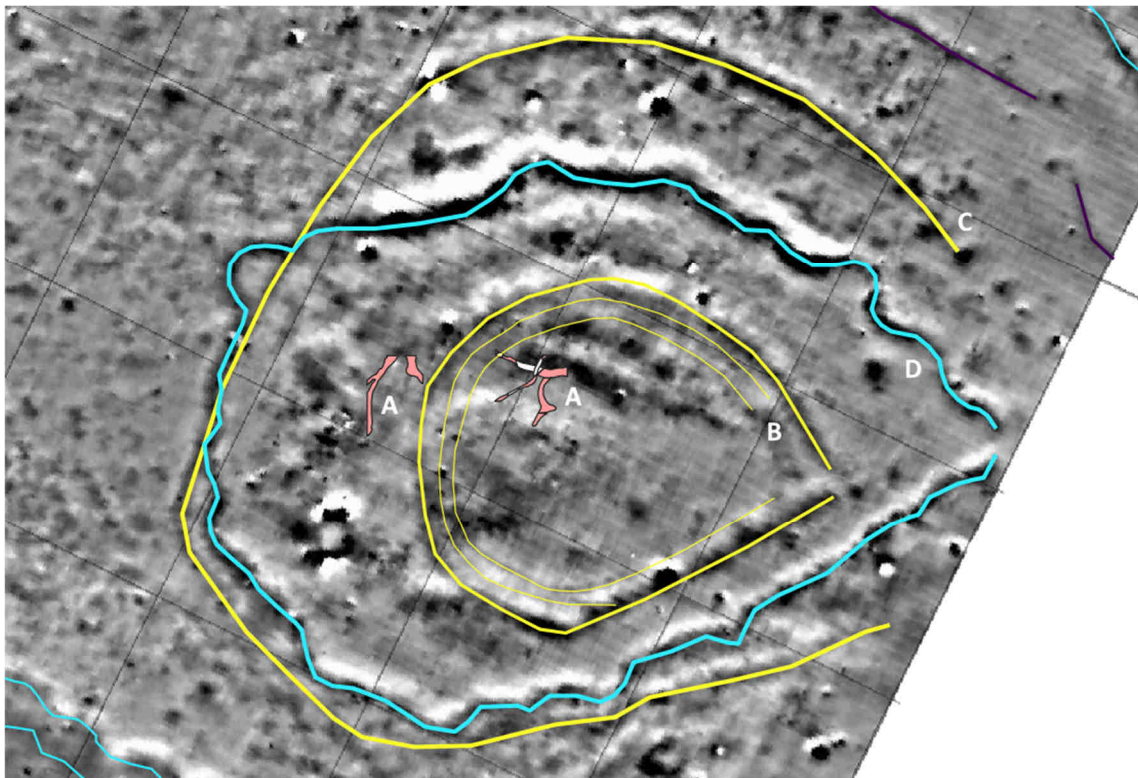


Figura 1.2 – Fossos da área central dos Perdigões. A - Fossos do final do Neolítico Médio; B – Fossos 5, 12 e 6 do Neolítico Final; C – Fosso 8 do Neolítico Final; D – Fosso 7 do Calcolítico.

Trata-se de um grande fosso de trajecto sinuoso, mas de uma sinuosidade não padronizada, alternando os lóbulos curvos de diferentes dimensões com traçados mais lineares ou apenas ligeiramente ondulados. Afasta-se, assim, daquilo que tem vindo a ser designado como traçado lobulado regular padronizado (Valera, 2012), presentes nos recintos de Santa Vitória, Outeiro Alto 2, Rouca 7, Borrachos, Folha do Ouro ou Xancra, para citar apenas alguns exemplos. Esta sinuosidade aumenta-lhe o perímetro, o qual atinge 380 metros de comprimento, delimitando uma área de 8924m², ou seja, 0.89ha. Sendo uma área que não chega a atingir um hectare, é, ainda assim, de uma dimensão superior à apresentada por muitos outros recintos, como Santa Vitória, Outeiro Alto 2, Coelheira 2/3, Torrão, Bela Vista 5, Borrachos, Rouca 7 ou Monte do Olival, todos com áreas máximas inferiores.

No interior deste recinto central foram realizadas duas sondagens, uma de diagnóstico efectuada em 1997 (S3 com 24m²) e a outra em 2012 (Q2 com 36m²), orientada à intervenção em três dos fossos neolíticos. Por outro lado, em 2009 iniciou-se uma escavação em “open area”, a qual se mantém em curso, e que de momento atinge os 1109m² (Q1), abrangendo boa parte da zona nuclear do recinto (Figura 1.3).

Estas áreas já escavadas têm permitido uma primeira caracterização da natureza das ocupações deste espaço central dos Perdigos durante o Calcolítico, possibilitando relacionar vários momentos, estruturas e actividades com a abertura e sequência de colmatção deste fosso. Conexões que agora ensaiaremos no final deste trabalho, depois de descrever a arquitectura, a estratigrafia, o faseamento, a componente artefactual e a cronologia das estruturas calcolíticas intervencionadas no Sector P, área onde o Fosso 7 foi sondado.

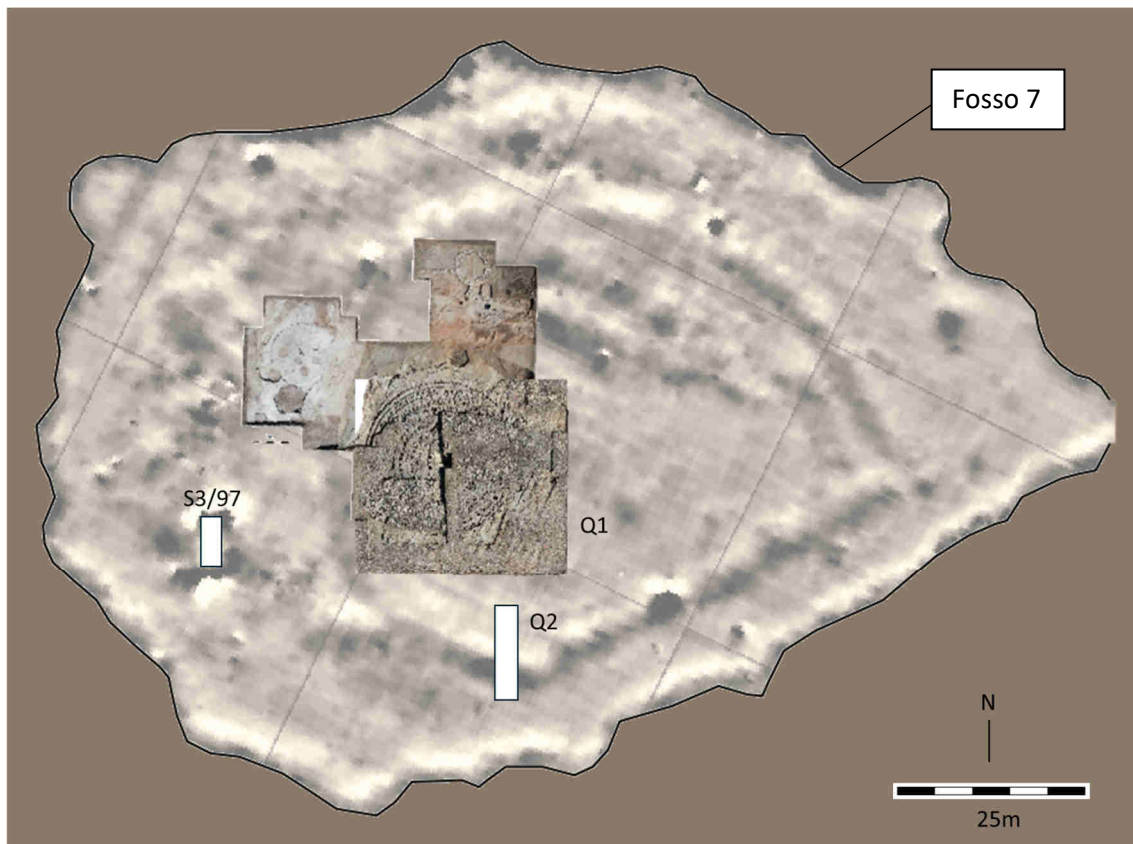


Figura 1.3 – Áreas já intervencionadas no interior do recinto definido pelo Fosso 7.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- EVANGELISTA, L.S. (2019) – *Resting in Peace or in Pieces? Tombs and Death Management in the 3rd millennium BC at Perdígões enclosure (Reguengos de Monsaraz, Portugal)*. Bar International Series 2955. Oxford.
- LAGO, M.; DUARTE, C.; VALERA, A.; ALBERGARIA, J.; ALMEIDA, F.; CARVALHO, A. (1998) – Povoado dos Perdígões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997, *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 1(1): 45-152.
- MÁRQUEZ ROMERO, J.E.; MATA VIVAR, E.; SUÁREZ PADILLA, J. coords. (2022) – *Complexo Arqueológico dos Perdígões, Reguengos de Monsaraz, (Portugal): El Sector L1. Actuaciones arqueológicas de la Universidad de Málaga (2008-2016)*. Málaga. Universidad de Málaga.
- SILVA, A.M., GARCIA, M., LEANDRO, I., EVANGELISTA, L., RODRIGUES, T., VALERA, A.C. (2017) – Mortuary practices in Perdígões (Reguengos de Monsaraz, Portugal): Bio-anthropological approach to Tomb 2, *Menga*. 8: 71-86.
- VALERA, A.C. (2008) – Recinto Calcolítico dos Perdígões: fossos e fossas do Sector I”, *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 3: 19-27.
- VALERA, A.C. (2012) – Fossos sinuosos na Pré-História Recente do Sul de Portugal: ensaio de análise crítica, *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Almodôvar. Município de Almodôvar: 25-38.
- VALERA, A.C. ed. (2018) – *Os Perdígões Neolíticos. Génesis e desenvolvimento (de meados do 4^o aos inícios do 3^o milénio AC)*. *Perdígões Monográfica*. 1. Lisboa. NIA-ERA.
- VALERA, A.C. (Ed.) (2020) – *O Sepulcro 4 dos Perdígões. Um Tholos da segunda metade do 3^o milénio AC*. *Perdígões Monográfica*. 2. Lisboa. NIA-ERA.
- Valera, A.C. (no prelo) – Digging for (in)equality? Measuring the social impact of ditched enclosures building in South Portugal.
- VALERA, A.C.; LAGO, M.; DUARTE, C.; DIAS, M^a I.; PRUDÊNCIO, M^a I. (2007) – Investigação no complexo arqueológico dos Perdígões: ponto da situação de dados e problemas, *Actas do 4^o Congresso de Arqueologia Peninsular*. Braga. Universidade do Algarve:
- VALERA, A.C.; SILVA, A.M.; CUNHA, C.; EVANGELISTA, L.S. (2014) – Funerary practices and body manipulations at Neolithic and Chalcolithic Perdígões ditched enclosures (South Portugal), In: A.C.Valera (ed), *Recent Prehistoric Enclosures and Funerary Practices*. Oxford. BAR International Series 2676: 37-57.

2 O FOSSE 7 E AS FOSSAS CALCOLÍTICAS DO SECTOR P: ESTRATIGRAFIA E FASEAMENTO

A área intervencionada no Sector P apresenta uma planta quadrangular com 12m de lado, totalizando 144m² (Figura 2.1). Os trabalhos decorreram entre 2012 e 2015, e foram desenvolvidos em simultâneo com intervenções realizadas noutros pontos dos Perdigões, nomeadamente na sua zona mais central delimitada pelo Fosso 7.

Nesta área foram expostos troços de dois fossos. O mais antigo, de traçado rectilíneo, corresponde ao Fosso 8 e está datado do Neolítico Final. Da mesma cronologia registou-se uma pequena sanja, que, partindo do rebordo do Fosso 8, se prolonga pelo corte Este da sondagem. Estas estruturas neolíticas foram já publicadas na monografia dedicada aos Perdigões Neolíticos (Valera, 2018).

O outro troço corresponde ao Fosso 7, de cronologia calcolítica, e que, apresentando um trajecto em curva (que integra um grande lóbulos semicircular), se sobrepunha parcialmente ao fosso neolítico.

Para além dos fossos foram ainda identificadas seis fossas, em princípio todas de cronologia calcolítica: Fossas 36, 37, 38, 39, 46 e 47). Destas, a Fossa 47 foi cortada pela abertura do Fosso 7, sendo-lhe anterior. Ao contrário, a Fossa 36 cortava ligeiramente o rebordo do fosso, sendo-lhe posterior. Das restantes, a Fossa 46 não foi intervencionada (mas tinha material calcolítico no topo), enquanto para as Fossas 37, 38 e 39 não é de momento possível estabelecer a sua relação diacrónica com o Fosso 7, ainda que seja possível estabelecer uma relação de anterioridade da Fossa 37 relativamente à Fossa 39.

Apresentam-se de seguida os dados relativos às estratigrafias dos enchimentos destas estruturas negativas calcolíticas, sendo de sublinhar que, em toda a área escavada do Sector P, não se registaram depósitos preservados foram de estruturas negativas, sendo o topo do geológico e destas estruturas ainda afectados pela surriba realizada em 1996 (Figura 2.1). A apresentação dos dados seguirá a sequência cronológica que foi possível estabelecer entre a estrutura mais antiga e a mais recente, começando pela Fossa 47, seguida do Fosso 7, e depois da Fossa 36. Finalmente as Fossas 37, 38 e 39 são abordadas em conjunto, uma vez que, para já, não são passíveis de correspondência com os três momentos definidos pelas outras três estruturas. Contudo, deve referir-se que, em função da longa cronologia do enchimento do Fosso 7 e de alguns dos materiais presentes em algumas destas fossas, é possível propor a sua contemporaneidade durante aquele processo de enchimento.

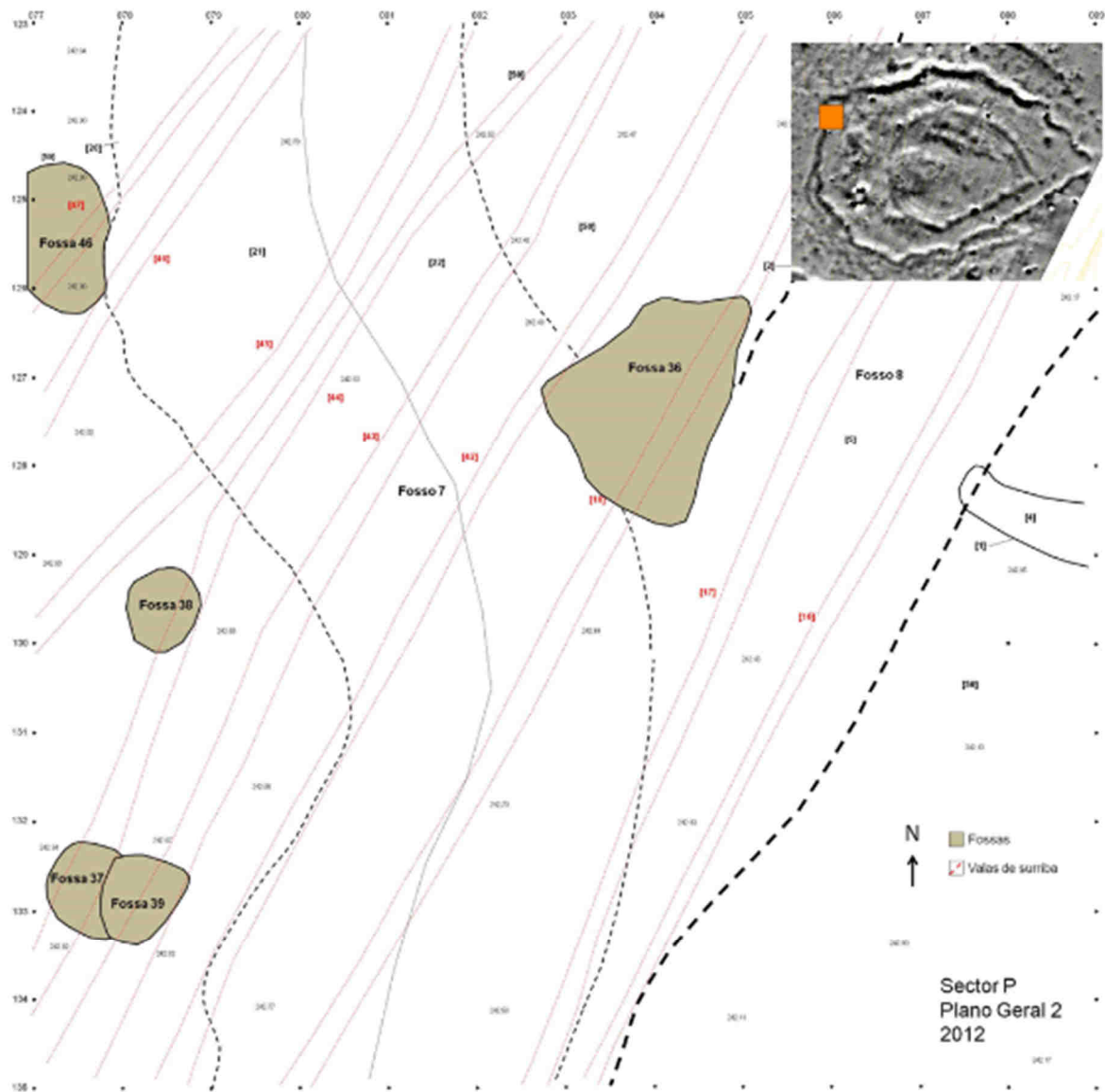


Figura 2.1 – Localização do Sector P no magnetograma e planta do topo das estruturas identificadas.

2.1 A FOSSA 47. UMA ESTRUTURA CALCOLÍTICA PRÉVIA AO FOSSO 7.

A Fossa 47 corresponde a uma estrutura relativamente grande de planta circular, com 1.4m de profundidade, um diâmetro na base estimado em 1.8m e um perfil troncocónico. Foi cortada a meio e na diagonal pelo Fosso 7, preservando-se cerca de metade na parede Oeste do fosso (Figura 2.2). Devido ao corte em diagonal, onde o limite superior do fosso é coincidente com a boca da fossa, a mesma não era visível quando se iniciou a sondagem transversal realizada no fosso. Assim, esta sondagem acabaria por apenas abranger a parte norte da metade preservada da fossa, ou seja, esta só foi intervencionada em cerca de $\frac{1}{4}$, ficando o restante $\frac{3}{4}$ conservado no interior da parede do fosso que se prolonga para sul.

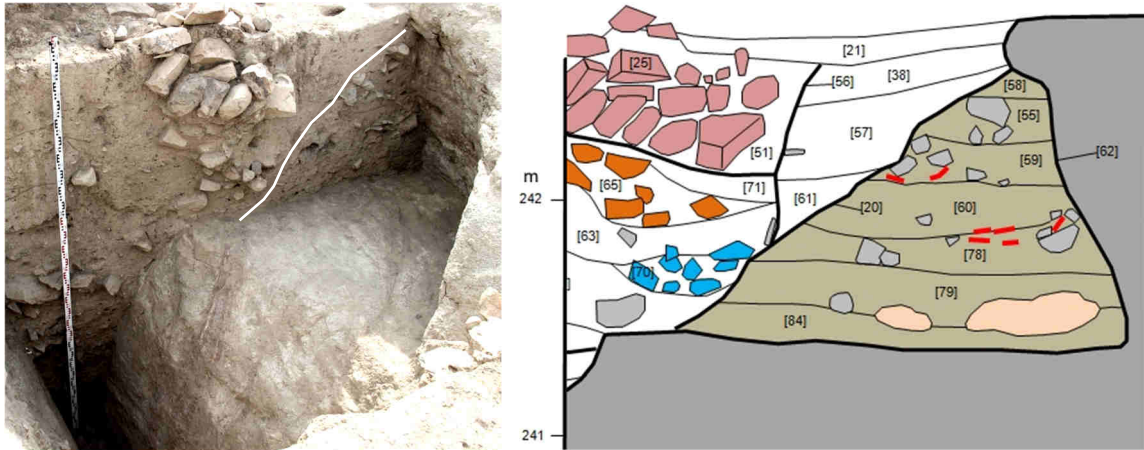


Figura 2.2 – Esquerda: vista da Fossa 47 após escavação; Direita: perfil estratigráfico da Fossa 47 (pedras acinzentado, cerâmica a vermelho e argila a rosa).

A secção escavada da Fossa 47 era preenchida por 7 depósitos com uma disposição horizontalizada (Figura 2.2). De cima para baixo, o primeiro depósito [58], escavado numa pequena área, correspondia a uma camada de areão de geológico que chegava até ao pequeno troço de tecto preservado, sugerindo um momento final de abatimento ou desagregação do topo da fossa, prévio ao corte efectuado pelo Fosso 7. Este depósito assentava sobre um outro com muitas pedras integradas numa matriz argilosa e com algum areão de geológico [55], o qual corresponderá a uma colmatção/encerramento pétreo intencional da estrutura no final da sua utilização (Figura 2.4). Forneceu alguma cerâmica e fauna e sobrepunha-se a um depósito de terra castanha e arenosa [59], pouco compacta e praticamente estéril do ponto de vista arqueológico. Por sua vez, este depósito cobria a [60], composta por terras cinzento-escuras mais argilosas, com pedras, fragmentos cerâmicos, nomeadamente de pratos de bordo espessado, e grandes fragmentos de um recipiente cerâmico junto à parede da fossa (Figura 2.3). Seguiu-se a [78] correspondente a um depósito castanho, relativamente solto, que continha alguma cerâmica e algumas pedras, nomeadamente na sua parte superior e mais junto à parede da fossa. Assentava no depósito [79], de coloração castanho-amarelado, integrando carvões e concentrações de argila na sua base. Finalmente, a base da fossa era colmatada pelo depósito [84], de matriz arenosa e com pouco material.



Figura 2.3 – Aspecto de fragmentos de um prato de bordo espessado e de um grande contentor da [60].



Figura 2.4 – Vista, em secção, do aglomerado pétreo [55] de encerramento do Fossa 47.

O posicionamento estratigráfico desta fossa mostra que esta área mais central dos Perdigões se encontrava ocupada no Calcolítico antes da abertura do Fosso 7.

2.2 O FOSSO 7. ESTRATIGRAFIA E FASEAMENTO

Na área intervencionada no Sector P, o Fosso 7 começou por ser definido nos seus limites e decapado no topo (Figura 2.5). Nessa decapagem escavaram-se dois finos depósitos, o [21], que preenchia longitudinalmente a metade Oeste do fosso e o [22], que preenchia metade Este (Figura 2.1). A remoção destes dois depósitos, que correspondem à última fase de sedimentação no fosso (Fase VII) expôs um extenso aglomerado pétreo que se desenvolvia ao longo do fosso e um outro mais pequeno no extremo Sul (Figura 2.5). O aglomerado mais extenso, [25], percorria o centro do fosso no lado Norte e, seguindo a curvatura do fosso, aproximava-se da parede Oeste no lado Sul. Já o aglomerado mais pequeno, [110], seguia junto à parede Este, na zona onde o Fosso 7 se sobrepunha ao Fosso 8 neolítico. Registou-se ainda uma pequena sanja que se desenvolvia ao longo da parede Este do Fosso 7 no seu lado Norte, entre o corte da sondagem e a Fossa 36, não sendo perceptível o seu prolongamento para além desta no lado Sul.

No sentido de esclarecer o comportamento estratigráfico destas realidades foram planeadas três secções, sendo que apenas uma delas se destinava a obter a sequência integral de enchimento do fosso. Esta, Secção A, foi implantada na área mais a Sul do Fosso 7, de modo a abranger também a sua sobreposição com o Fosso 8, procurando perceber a forma como esta sobreposição se operava. Foi implantada de forma perpendicular ao Fosso 7, com uma largura de dois metros e uma orientação SO-NE. A Secção B, com um metro de largura, foi implantada sensivelmente a meio do trajecto do fosso, visando compreender se um estreitamento no aglomerado pétreo [25] poderia corresponder a uma efectiva interrupção. Finalmente, a Secção

C, com dois metros de largura, foi implantada no extremo Norte, com o objectivo de apenas delimitar bem a largura do aglomerado [25] nessa área.

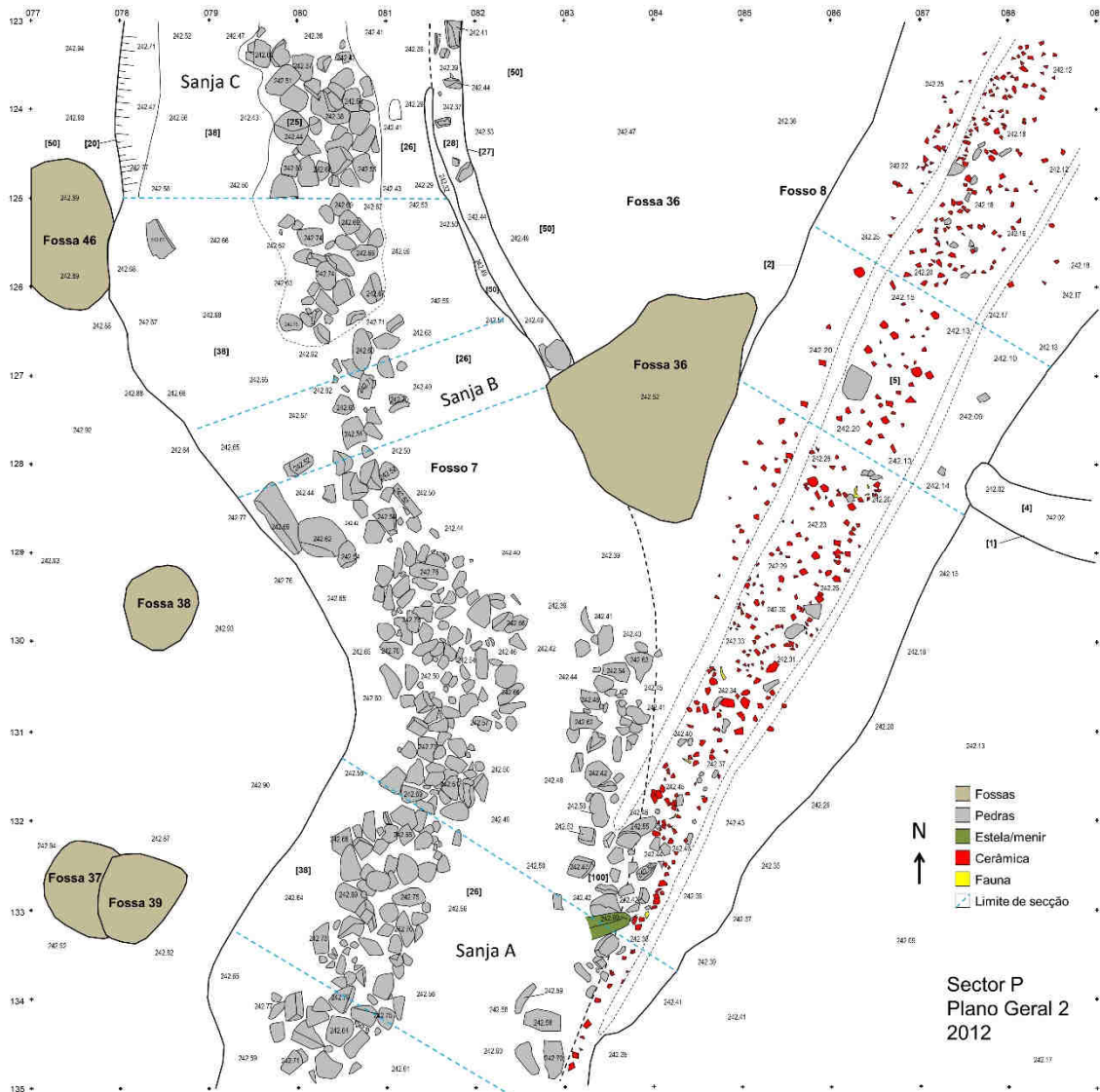


Figura 2.5 – Plano Geral, com localização das Secções escavadas no Fosso 7, dos aglomerados pétreos [25] e [100] e representação do Fosso 8 neolítico, com o seu depósito central de fragmentos cerâmicos e faunas.

2.2.1 A Secção A

Nesta secção transversal de dois metros de largura, o Fosso 7 foi escavado até à sua base, tendo revelado, como medidas médias, 3.8m de largura na boca, 0.3m de largura na base, 2.8m de profundidade (ao topo do geológico) e um perfil em “V” assimétrico. Estas medidas produzem um volume de 4.3m³ por secção de um metro de largura, o que multiplicado pelo perímetro do fosso dá um volume total de 1634m³. Tendo em conta a massa volumétrica aparente conhecida para os gabrodioritos de Arronches (2.8t por m³), rochas afins da geologia dos Perdigões, o volume global escavado na abertura do Fosso 7 seria de aproximadamente 4575 toneladas, isto assumindo que o fosso mantém alguma regularidade ao longo de todo o seu trajecto. Com base nos cálculos de investimento laboral necessários à abertura de fossos

nos Perdigões (Valera, 2025), a escavação deste fosso teria correspondido ao trabalho de 4248.4 pessoas/dia ou 141.6 pessoas durante um mês (Tabela 2.1).

Tabela 2.1 – Medidas para o Fosso 7 e área por ele delimitada.

	Perímetro	Largura boca	Largura base	Profundidade	Volume total	Massa (t)	Pessoas/mês	Área (ha)
Fosso 7	380	3.8	0.3	2.8	1634	4574	141.6	0.89



Figura 2.6 – Vista geral da fase inicial da escavação das estruturas calcolíticas do Sector P.

Nesta secção verificou-se que, como descrito no ponto 2.1, o Fosso 7 cortava uma grande fossa calcolítica (Fossa 47), cuja metade surgiu preservada para o interior da parede Oeste do fosso. Do lado Este, e devido à sobreposição relativamente ao Fosso 8, a parede era constituída pelos sedimentos de enchimento deste fosso prévio até uma profundidade de cerca de 1.8m, a partir da qual a parede era já também escavada no geológico, o que fica a dever-se ao facto de o Fosso 7 ser mais profundo que o Fosso 8 (Figuras 2.7). A sequência estratigráfica obtida pode ser organizada em sete fases de preenchimento do fosso (Figura 2.8), as quais serão descritas da mais recente para a mais antiga.

2.2.1.1 Fase VII

Como referido acima, corresponde à sedimentação de dois depósitos no topo do fosso e que o percorrem longitudinalmente, o [21] mais cinzento do lado Oeste e o [22] mais castanho do lado Este. Esta separação longitudinal ficará a dever-se à interferência no processo de sedimentação do aglomerado pétreo [25] que se desenvolve alguns centímetros mais abaixo e ao longo do centro do fosso. Assim, a formação do depósito [21] teria sido feita a partir do lado exterior do Fosso 7 e a do depósito [22] a partir do lado interior, ambas encostando e sobrepondo-se ligeiramente ao aglomerado pétreo [25] (Figura 2.7).

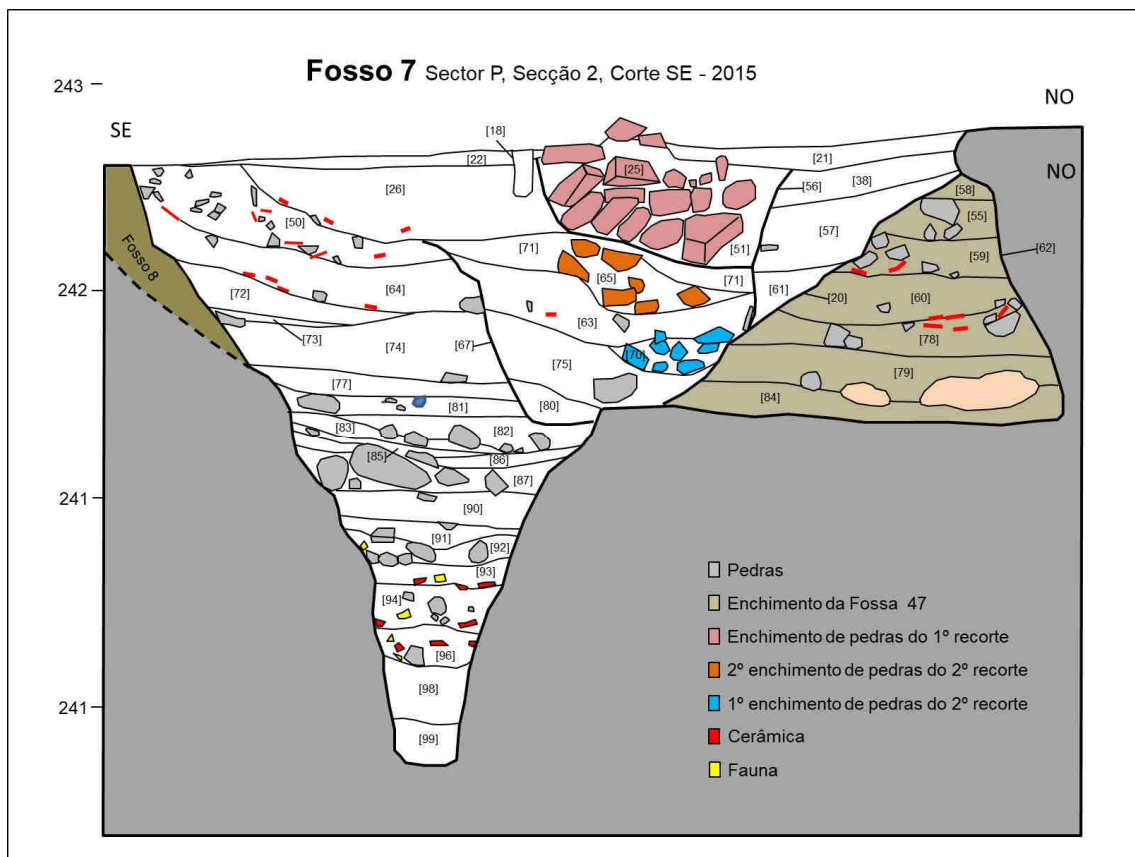
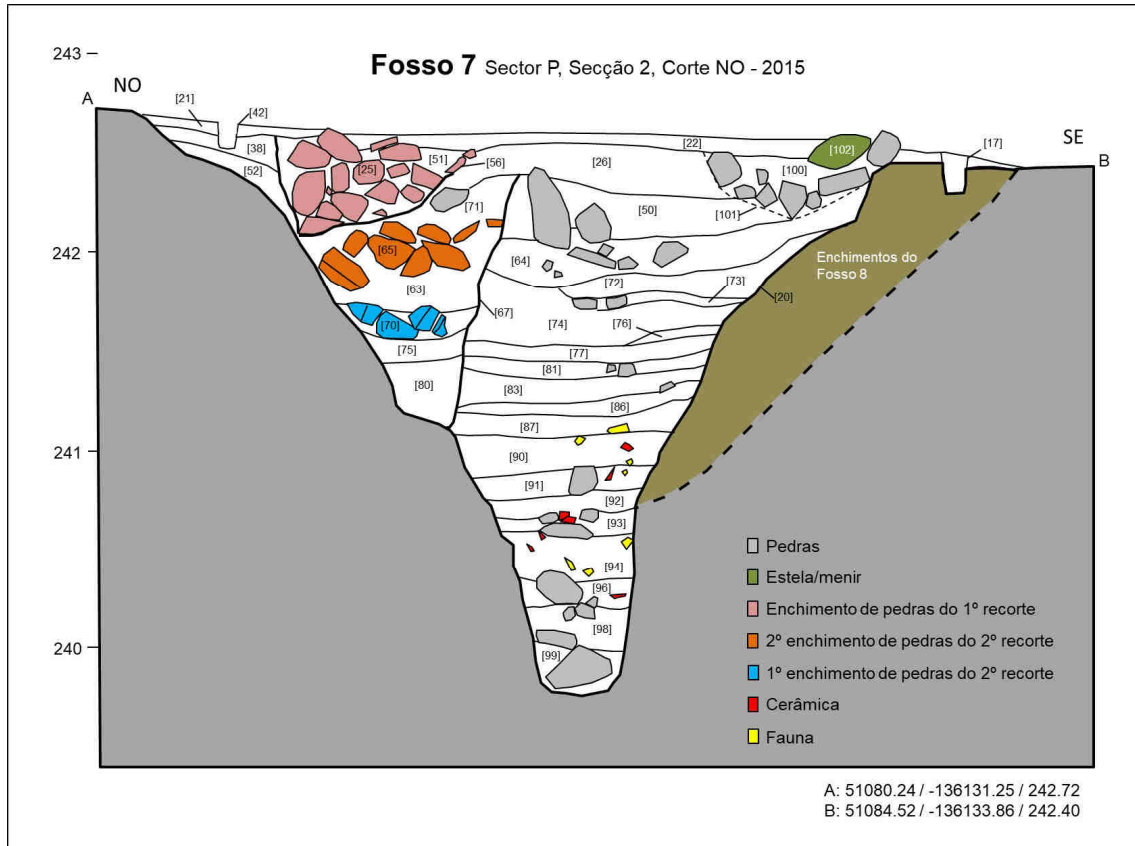


Figura 2.7 – Perfis estratigráficos da Secção A no Fosso 7. Perfil Norte em cima e perfil Sul em baixo.

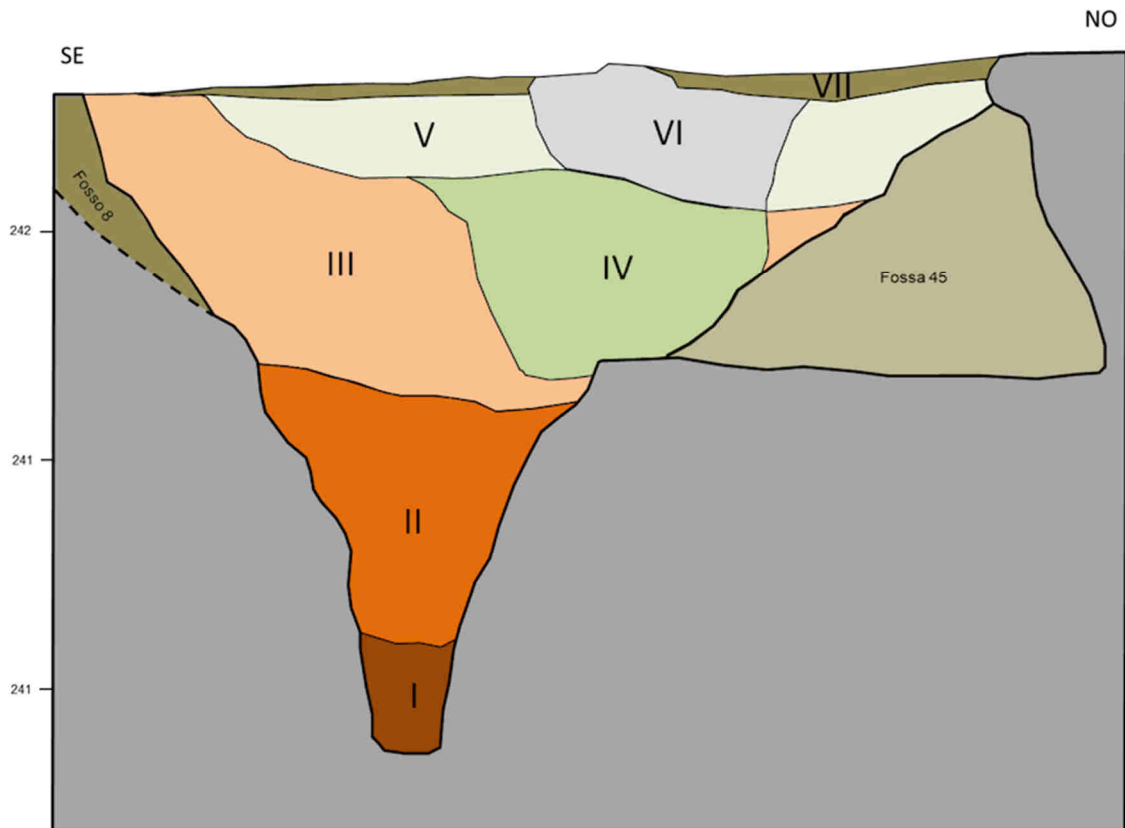


Figura 2.8 – Faseamento do enchimento do Fosso 7 no perfil Sul da Secção A.

2.2.1.2 Fase VI

A Fase VI corresponde à abertura de um *recut* longitudinal no centro do Fosso 7 e que, para Sul, se vai aproximando da parede Oeste (*Recut 2* – [56]). Como veremos na descrição da Secção B, é possível que este *recut* se encontre segmentado a meio do trajecto do fosso abrangido na área escavada do Sector P. Na Secção A, este *recut* tem uma largura máxima de 1.20m por uma profundidade de 0.50m. É preenchido pelo aglomerado pétreo [25], constituído por pedras de médio tamanho, encostadas lateralmente por um sedimento argiloso castanho claro [51] (Figuras 2.7; 2.9A; 2.9B).

A esta fase corresponde também outro possível *recut* (*Recut 3* – [101]) preenchido pelo aglomerado pétreo [100] situado junto à parede Este, na zona de sobreposição do Fosso 8. Na área abrangida pela Secção A, este *recut* e o respectivo enchimento pétreo parecem terminar numa espécie de alvéolo que sustentaria um pequeno monólito em granito, com cerca de um metro de comprimento, o qual se encontrava tombado (Figura 2.7; 2.9C).

2.2.1.3 Fase V

Esta fase corresponde à formação dos depósitos que foram cortados pelo *Recut 2*. Do lado Este deste *recut* definiu-se o depósito [26] argiloso, castanho claro, medianamente compacto, que era coberto pela [22] e cortado também pelo *Recut 3*. Pelo lado Oeste, mais estreito devido à aproximação do *recut* à parede do fosso, foram definidos três depósitos. Em cima o [38], castanho claro e argiloso, podendo ser equivalente ao [26]. Sobrepunha-se ao [57] a Sul e ao [52] a Norte, depósitos que se distinguiam pelo facto de o primeiro ser castanho claro e arenoso e o segundo ser essencialmente uma pequena bolsa de areão de geológico desagregado, que se formou junto à parede do fosso (Figura 2.7).

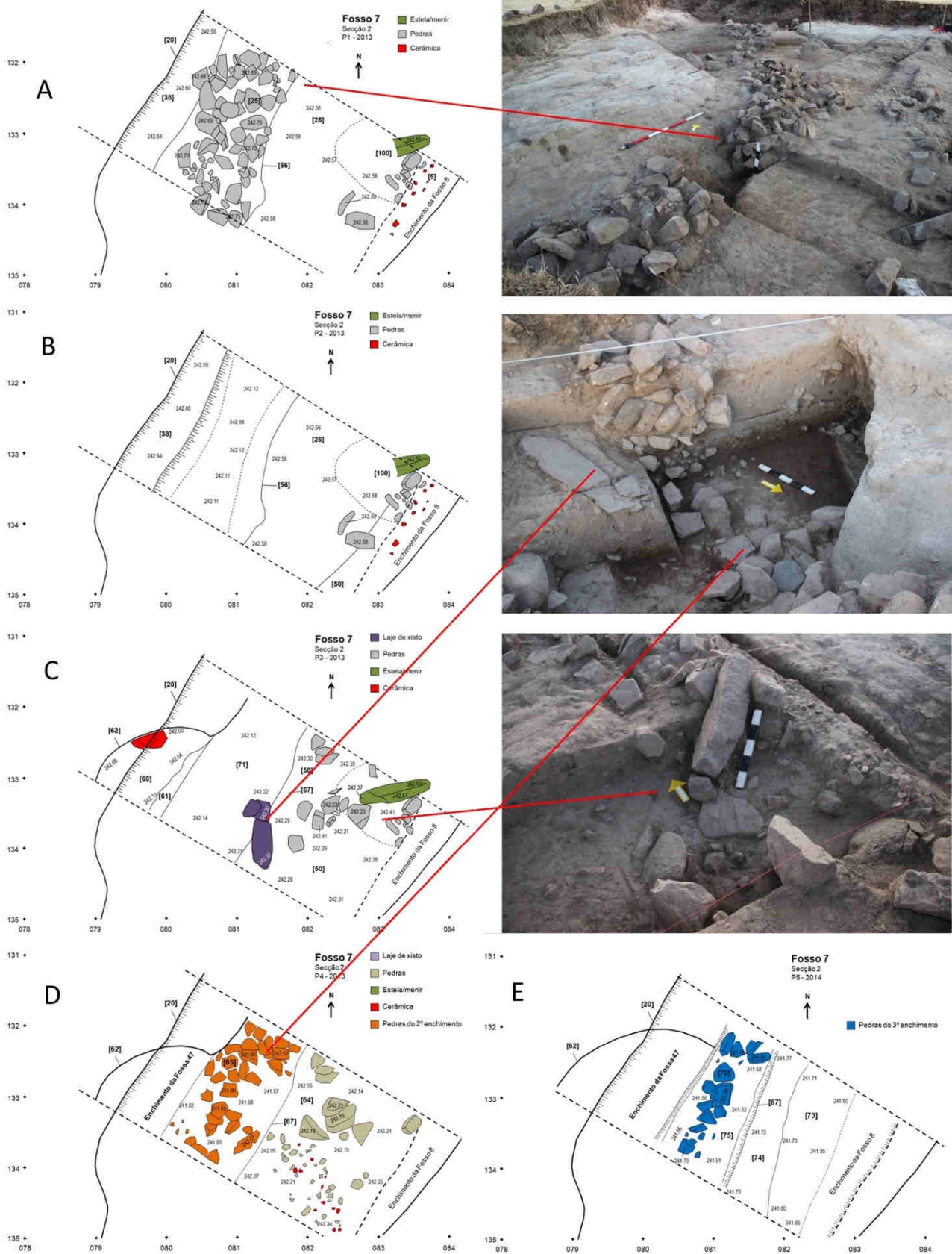


Figura 2.9 – Sequência de enchimento do Fosso 7, nas Fases VI (A, B, C), V (A, B) e IV (C, D, E).

2.2.1.4 Fase IV

A Fase IV corresponde a um primeiro *recut* (*Recut 1* – [67], cujo topo do enchimento era parcialmente coberto por depósitos da Fase V e constituía parte da base do *Recut 2* (Figura 2.7). Apresentava uma largura máxima na boca de 1.6m e na base de 0.70m, ambas no corte Sul, com uma profundidade de 1.20m junto ao corte norte.

A sua base era preenchida pelo depósito [80] castanho escuro, arenoso e com grão de diorito, ao qual se sobrepunha o depósito [75], mais argiloso. Este era coberto por um primeiro nível de acumulação de pedras numa matriz arenosa, [70] (Figura 2.8E), sobrepostas por novo depósito, [63], silto-arenoso e com alguns carvões, que intermediava o aglomerado [70] de um segundo momento de acumulação de pedras, [65] (Figura 2.9D). A sequência de enchimento deste primeiro *recut* culminava com o depósito [71] (Figura 2.8C), arenoso, cinzento e relativamente compacto.



Figura 2.10 – Pormenor dos *Recuts* 1 e 2 e dos respectivos enchimentos, com momentos diferenciados de acumulação de pedras. Corte Norte da Secção A.

2.2.1.5 Fase III

Esta fase, pré *Recut 1*, é composta por uma sequência de nove depósitos do lado Este e de apenas um do lado Oeste, o que se deve precisamente à aproximação do *recut* à parede Oeste do fosso (Figura 2.7). Assim, deste lado apenas se registou o depósito [61], acastanhado e arenoso, sob os depósitos da Fase V e assentando na parede constituída pelos sedimentos de enchimento da Fossa 47. Do lado Este, a sequência de depósitos atingia o topo do fosso previamente aos processos de *recutting*. Os depósitos mais superiores, [50] e [60] apresentavam uma inclinação da parede para o centro e concentravam bastante cerâmica e pequenas pedras. No topo do depósito [50] foi ainda registada a presença de uma grande laje de xisto, fina e comprida, fracturada na ponta pela abertura do *Recut 1* (Figura 2.9C). Os depósitos subjacentes, [72] e [73], apresentavam-se mais finos, mas mantinham ainda uma tendência ligeiramente

inclinada da parede para o interior. A partir deste ponto, os depósitos seguintes, [74], [76], [77], [81] e [82], nem todos ocupando toda a extensão deste segmento do fosso (por isso nem todos aparecem nos dois cortes desenhados), apresentam uma tendência mais horizontalizada. As suas características vão alternando entre o mais argiloso e o mais arenoso, fornecendo sempre material cerâmico e faunístico.

2.2.1.6 Fase II

A Fase II é separada da Fase III por um empedrado de pequenas pedras, [83], e que na base do lado Sul apresentava pedras de maiores dimensões, [85] (Figura 2.12A e B). Estas acumulações pedras parecem indicar um encerramento intencional de uma sequência estratigráfica marcada por sucessivas deposições selectivas e horizontalizadas que caracterizam esta fase de enchimento de grande parte da metade inferior do fosso, onde ele estreita significativamente (Figura 2.7).

Logo abaixo destes empedrados surgia do depósito [86], de sedimento argiloso fino e medianamente compacto, na extremidade Sul do qual afloravam algumas pedras de uma aglomeração pétreo subjacente (Figura 2.12C). Esta aglomeração, [88], era composta por pedras de grandes e médias dimensões, envolvidas a norte pelo depósito [87], argiloso e com grão de geológico (Figura 2.12D). Este aglomerado pétreo [88] cobria uma concentração de pequenas pedras, restos faunísticos e fragmentos cerâmicos, restritos ao recanto Sul da sondagem e envolvidos a Norte pelo depósito [90], castanho e argiloso (Figura 2.12E).

Seguiam-se dois depósitos, [91] e [92], com concentrações, em toda a área do fosso abrangida pela sondagem, de pequenas pedras, abundante fauna e fragmentos cerâmicos (Figura 2.13A, B e D) e alguns restos humanos parcialmente queimados, nomeadamente partes de um crânio e uma mandíbula de criança fragmentada em duas metades (Figura 2.11).



Figura 2.11 – À esquerda, crânio queimado e fragmentado por uma pedra; à direita, mandíbula fragmentada em duas metades depositadas com orientações opostas.

Estas deposições sobrepunham-se a dois depósitos, [93] e [94], respectivamente areno-argiloso cinzento e argiloso castanho, que forneceram igualmente alguma fauna e fragmentos cerâmicos, mas mais dispersos. Sob a [94] surgiu nova aglomeração horizontalizada de restos faunísticos, cerâmica e pedras (Figura 2.13D), seguida de um depósito com material disperso, areno-argiloso e integrando uma massa de geológico desagregado, [96], o qual cobria nova aglomeração de restos faunísticos, cerâmica e pedras, [95], a qual marcava o início desta fase de deposições (Figura 2.13E). Trata-se de uma fase de enchimento de origem claramente antrópica, com selecção de material incorporado nos depósitos e revelando um ritmo intercalado de concentrações de material e depósitos de cobertura.

FOSSO 7 DOS PERDIGÕES

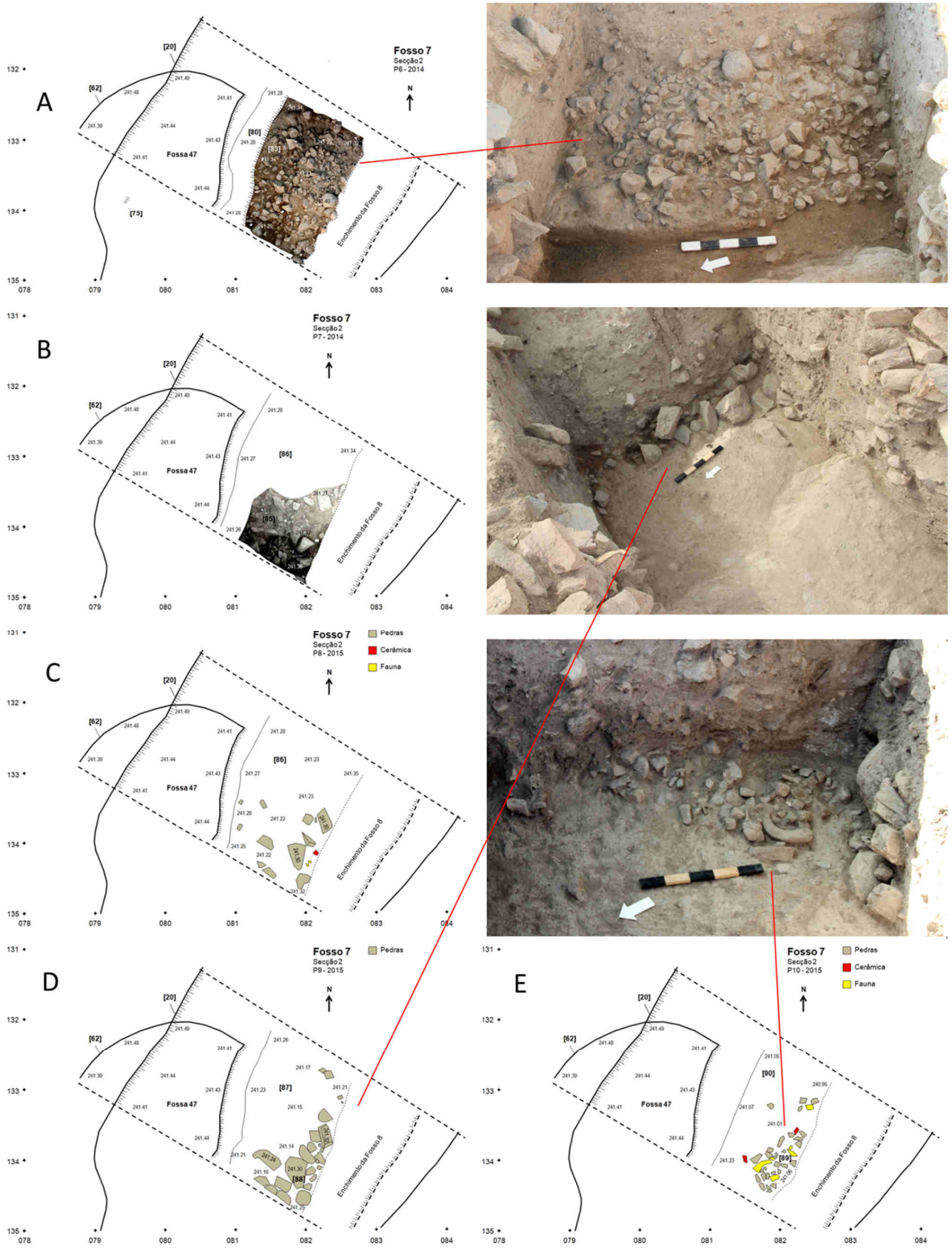


Figura 2.12 – Sequência de enchimento do Fosso 7, na Fases II, metade superior.

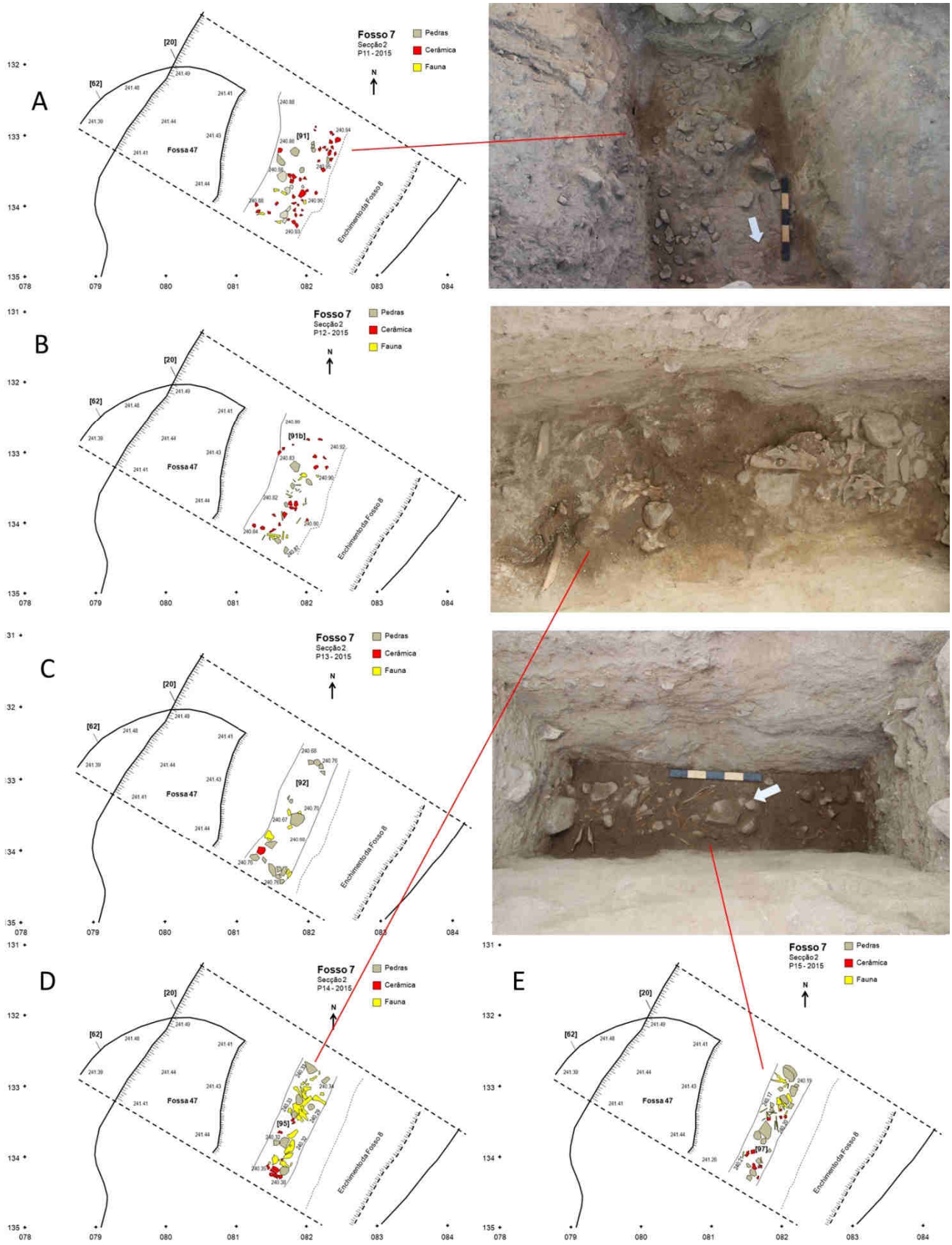


Figura 2.13 – Sequência de enchimento do Fosso 7, na Fases II, metade inferior.

2.2.1.7 Fase I

Trata-se do enchimento inicial do fosso, cobrindo os primeiros 40cm. Subdivide-se em dois depósitos, o superior, [98], arenoso, fino e com alguma cerâmica, e o inferior, [99], igualmente arenoso e fino, mas integrando do lado Norte duas grandes pedras (Figura 2.14).

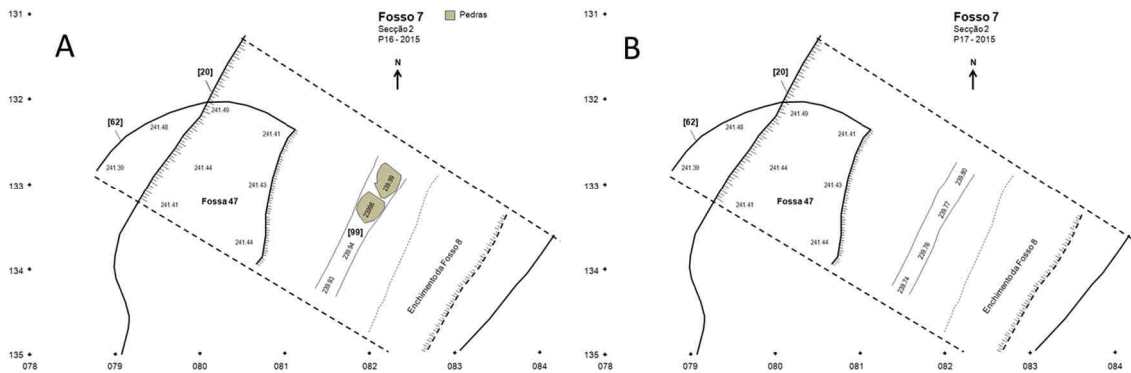


Figura 2.14 – Primeiro enchimento do Fosso 7 (A) e plano final (B)



Figura 2.15 – Aspecto do perfil Sul do Fosso 7 na Secção A, juntamente com a Fossa 47 (à direita) que corta.

2.2.1.8 Em síntese

Esta Secção A do Fosso 7 apresenta um enchimento faseado, com fases de características diferentes. Uma primeira que parece ser essencialmente de origem natural, seguida por uma fase de deposições intercaladas de origem antrópica e intencionalmente encerrada por um empedrado, e uma terceira em que processos antrópicos e naturais se poderão ter conjugado, num enchimento que quase colmatou o fosso completamente (chegando mesmo ao topo do lado Este). A partir deste momento, inicia-se uma seqüência de *recuts* que alternam com a formação de depósitos, sendo os *recuts* preenchidos por aglomerados pétreos, num caso alternando com depósitos. Sublinhe-se, ainda, a presença de um pequeno monólito que estaria verticalizado no empedrado que preenchia o *Recut* 3, o mais pequeno e lateralizado a Este.

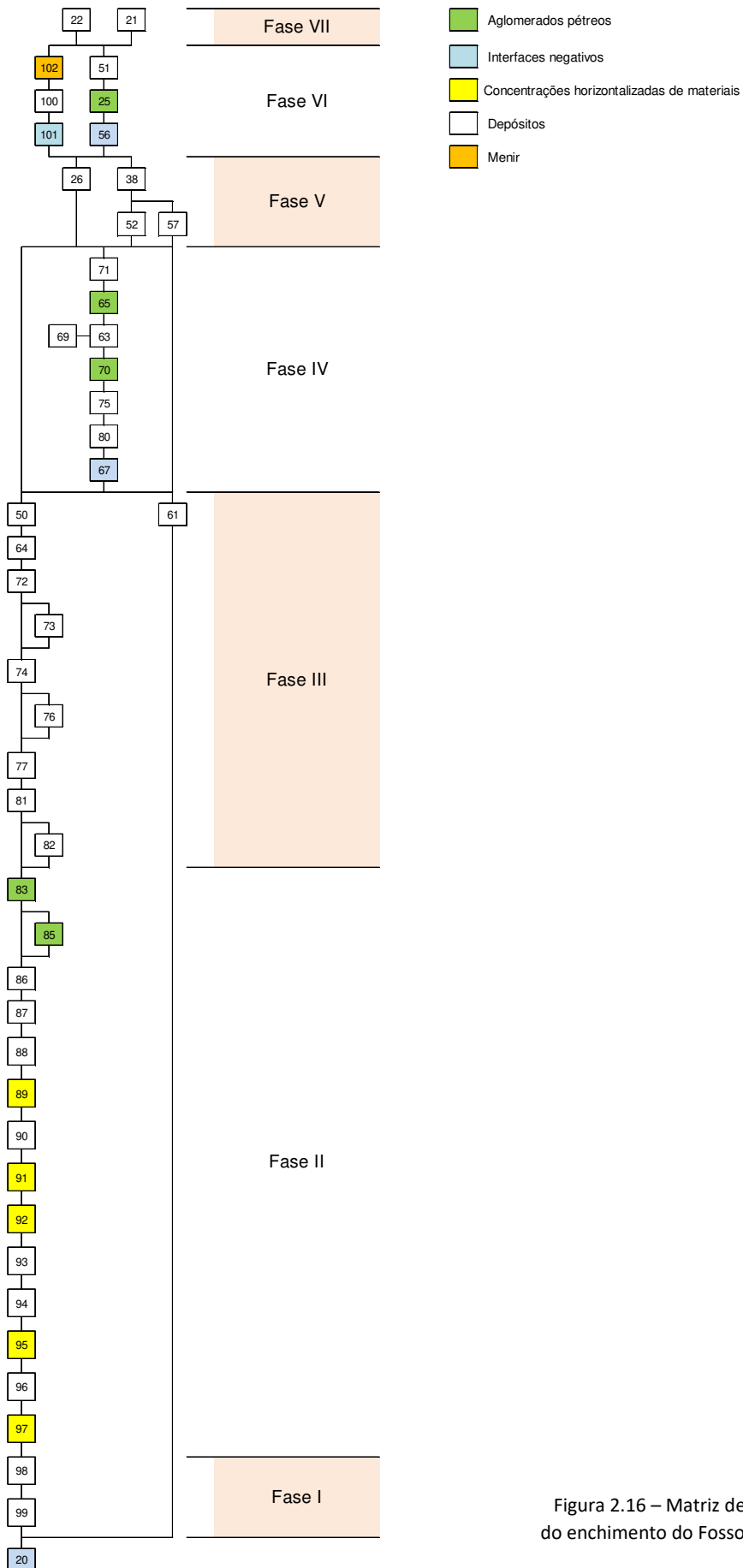


Figura 2.16 – Matriz de Harris faseada do enchimento do Fosso 7 na Secção A.

2.2.2 As Secções C e B

Nestas secções procedeu-se apenas à decapagem do topo do fosso, no sentido de expor em toda a sua largura o aglomerado pétreo [25] que preenchia o último *recut*, tendo-se removido apenas as unidades laterais [21] e [22] (Figura 2.17). O *recut* apresentava cerca de 1.20m de largura, sensivelmente idêntica à observada na Secção A.

Nesta área norte do Fosso 7 foi ainda registada a presença de uma vala [27] com cerca de 30 a 35 cm de largura e profundidade variável entre os 25 e os 15 cm. Esta sanja desenvolve-se ao longo do lado interno do fosso até à Fossa 36, que a terá cortado. Contudo, também não foi reconhecida a sul desta fossa, tanto no topo do Fosso 8 (neolítico) como no subsequente geológico, ficando a dúvida sobre a sua real extensão. Era preenchida por um depósito arenoso de cor amarelada, contendo algumas pedras cravadas em cutelo no seu interior, sugerindo que poderia ser o embasamento de alguma estrutura de alinhamento de postes. Não ficou claro se esta estrutura estava directamente relacionada com o fosso ou se o traçado exposto pertencerá a um outro tipo de estrutura que faz lhe uma tangente.

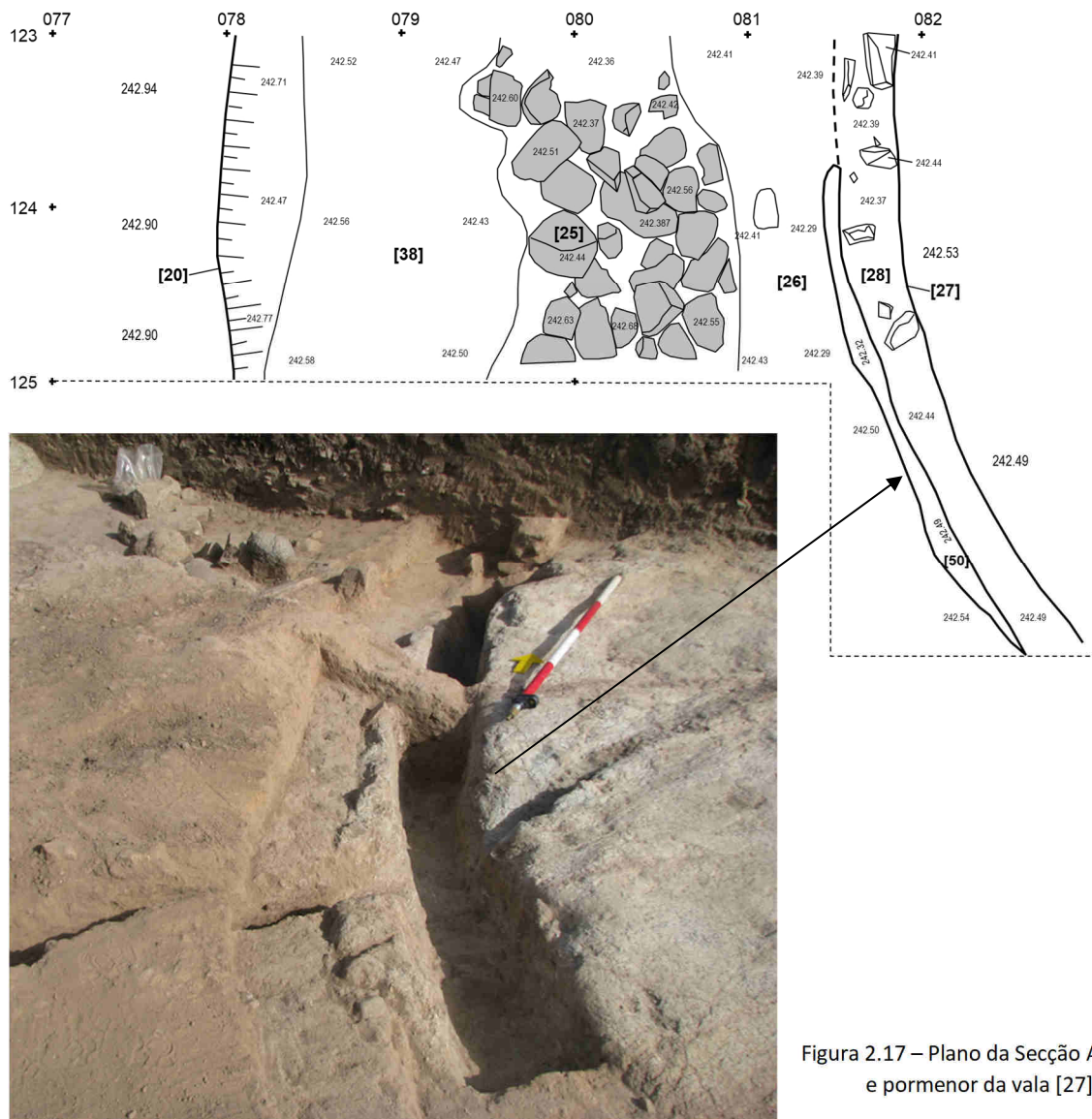


Figura 2.17 – Plano da Secção A e pormenor da vala [27].

Já a Secção B, realizada sensivelmente a meio do trajecto exposto do Fosso 7, visava esclarecer um aparente estreitamento do aglomerado pétreo [25]. A profundidade atingida, cerca de 30cm, permitiu confirmar esse estreitamento e uma redução em profundidade (Figura 2.18), sugerindo um seccionamento do último *recut* e do respectivo preenchimento pétreo, à imagem do que tem sido identificado noutros fossos dos Perdigões (Valera, 2018) e em outros recintos, como Bela Vista 5 (Valera, 2014) ou Santa Vitória (Valera, Basílio, 2023).



Figura 2.18 – Vista do perfil Norte da Secção B, observando-se a redução do último *recut* e do seu enchimento pétreo.

2.3 FOSSA 36

A Fossa 36 apresentava uma interface, [7], de planta muito irregular, sensivelmente com 3x2 metros, e cerca de 20/30 cm de profundidade. Era preenchida por um único depósito, [8], argiloso e castanho, relativamente compacto. Forneceu bastante cerâmica e restos faunísticos de animais de grande e médio porte. O material que forneceu é pouco discriminatório para uma cronologia relativa, sendo caracterizado por formas simples. Contudo, a presença de um bordo de prato aponta para uma cronologia calcolítica, confirmada pelo seu posicionamento estratigráfico que revela ser posterior à abertura do Fosso 7.

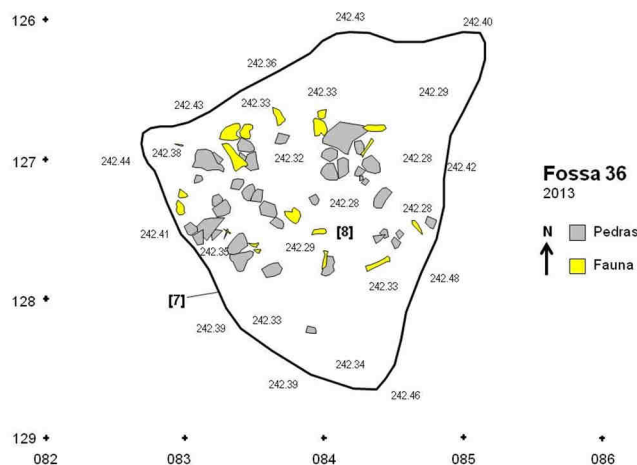


Figura 2.19 – Plano da Fossa 36.

2.4 AS FOSSAS 37, 38 E 39.

Estas fossas localizam-se pelo exterior do Fosso 7, perto do seu limite Oeste.

A Fossa 39, de planta tendencialmente circular, mas algo irregular, era preenchida por um único depósito, [31], de cor cinzento escuro, muito argiloso e compacto, que apresentava do seu lado Oeste uma concentração de fragmentos cerâmicos e algumas pedras. A fossa tinha entre 15 e 20 cm de profundidade e um diâmetro máximo de 1m e sobrepunha-se parcialmente à Fossa 37. Na zona de sobreposição, foi escavada um pouco mais em profundidade nos enchimentos da Fossa 37, tendo-se aí encaixado algum material cerâmico. Forneceu também um pequeno betilo de calcário.

A Fossa 37, mais profunda (cerca de 40 cm) era cortada pela anterior na sua extremidade Este. Apresentava três depósitos de enchimento. O de topo, [33], era castanho claro, arenoso de grão fino e muito compacto. Sobrepunha-se ao [34], depósito argiloso e homogéneo que incorporava fragmentos cerâmicos e algumas pedras pequenas. Sob este foi definido o [35], depósito que preenchia a base da fossa, composto por sedimentos castanho escuros e argilosos, os quais incorporavam no fundo da fossa três fragmentos cerâmicos de um mesmo recipiente e que remontavam. Forneceu abundante material cerâmico, sobretudo no nível intermédio.

A Fossa 38 apresentava uma planta ovalada, com cerca de 1m de comprimento, 0.80m de largura e 0.10m de profundidade. Era preenchida por um único depósito, [41], castanho claro e argiloso, com inclusões de grãos de geológico desagregado. Forneceu alguma cerâmica e pesos de tear crescentes.

Os materiais presentes nas três fossas, nomeadamente ao nível das morfologias cerâmicas, indicam uma cronologia calcolítica.

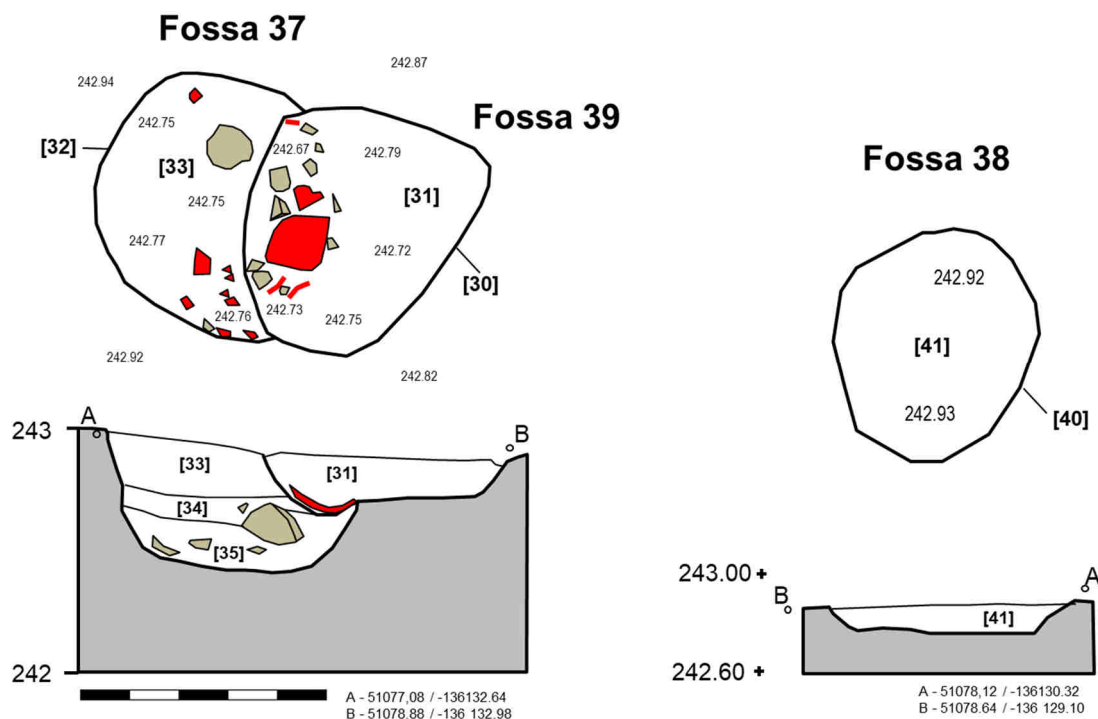


Figura 2.19 – Planos e perfis das Fossas 37, 38 e 39.



Figura 2.20 – Esquerda: Fossa 39, ao nível da base, cortando a Fossa 37; Direita: cerâmicas na base da Fossa 37.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- VALERA, A.C. (2014) – *Bela Vista 5. Um recinto do Final do 3º milénio a.n.e. (Mombeja, Beja)*. Era Monográfica 2. Lisboa. NIA-Era.
- VALERA, A.C. ed. (2018) – *Os Perdigões Neolíticos. Génese e desenvolvimento (de meados do 4º aos inícios do 3º milénio AC)*. *Perdigões Monográfica*. 1. Lisboa. NIA-ERA.
- VALERA, A.C. (2025) – Digging for (in)equality? Measuring the social impact of ditched enclosures building in South Portugal. Jutta Kneisel, Martin Furholt, Robert Hofmann, Doris Mischka, Wiebke Kirleis, Maria Wunderlich (eds.) *A Haunting Spectre – Archaeological Studies of Social Organisation, Economic Practice, and Inequality. A Festschrift for Johannes Müller on the occasion of his 65th birthday*. Bonn. Verlag Dr. Rudolf Habelt GmbH: 771-786.
- VALERA, A.C.; BASÍLIO, A.C. eds. (2023) - *Santa Vitória (Campo Maior, Portalegre)*. O "primeiro" recinto de fossos. Era Monográfica 7. Lisboa. NIA-ERA.

3 CRONOLOGIA ABSOLUTA DO FOSSO 7 E A SUA INTEGRAÇÃO NA SEQUÊNCIA CONSTRUTIVA DOS FOSSOS DOS PERDIGÕES

A tentativa de datação da sequência de enchimento desta secção do Fosso 7 é um excelente exemplo da dificuldade de datar este tipo de estruturas em recintos de grande complexidade e de longa duração. De facto, a intensa actividade e a ocupação prolongada no tempo traduzem-se amiúde na mistura de material com diferentes proveniências espaciais e temporais dentro do próprio sítio. Esta circunstância é particularmente frequente nos enchimentos dos fossos, obrigando a grandes séries de datações que permitam identificar as datas atípicas que traduzem a incorporação de material mais antigo em contextos mais recentes. No caso do Fosso 7 esta situação revelou-se ainda mais problemática devido a dois factores: os vários *recuts* que os enchimentos do fosso sofreram nesta secção e o facto de a mesma incidir sobre um ponto em que o Fosso 7 se sobrepõe parcialmente ao Fosso 8, mais antigo (neolítico), o que significou ter parte da parede Este em terra (enchimento do Fosso 8).

Assim, para estabelecer a cronologia absoluta da sequência estratigráfica de enchimento da Secção A do Fosso 7 foram realizadas no total 17 datações de radiocarbono (Tabela 3.1), sendo que uma boa parte delas se revelou atípica.

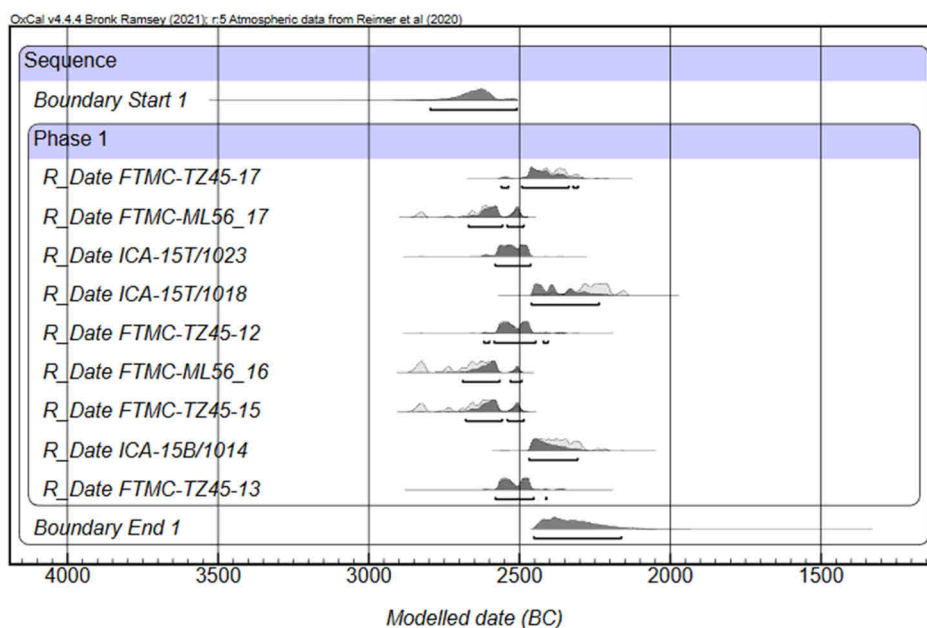
De facto, três datações forneceram intervalos dentro do 4º milénio a.C., sendo mesmo uma delas (FTMC-MA56_15) a datação mais antiga até agora obtida para os Perdigões, ou seja, relacionável com os contextos do final do Neolítico Médio existentes na área central dos Perdigões (Valera, 2018). A amostra que proporcionou esta data foi recolhida no segundo depósito acima da base do fosso, onde outra amostra datada se enquadra em meados/terceiro quartel do 3º milénio a.C. (FTMC-TZ45-17). O material presente desde a base até ao topo do fosso é integrável no Calcolítico, com excepção de alguns fragmentos cerâmicos que poderão ter sido introduzidos a partir da parede constituída pelo enchimento do Fosso 8 neolítico. Assim, esta data mais antiga, tal como as duas outras datas neolíticas (FTMC-TZ45-19 na Fase II e FTMC-TZ45-16 na Fase V), correspondem à incorporação de material mais antigo durante o processo de enchimento do fosso.

O mesmo acontece relativamente a cinco outras datas obtidas para as fases finais de enchimento do fosso: FTMC-ML56-18 para a Fase V; FTMC-ML56-19, FTMC-TZ45-14 e FTMC-ML56-11 para a Fase VI; FTMC-TZ45-18 para a Fase VII. Estas datas enquadram-se totalmente dentro da primeira metade do 3º milénio a.C., quanto para as fases anteriores já existem datas de meados e terceiro quartel desse milénio, revelando-se assim atípicas.

Tabela 3.1 – Datações de radiocarbono para a Secção A do Fosso 7.

Fase	Contextos	Amostra	Ref. Lab.	Data BP	Cal AC 2σ	δ ¹³ C	δ ¹⁵ N	C:N
I	UE98	<i>Equus sp.</i>	FTMC-ML56_15	4749±29	3634-3381	-21	4.71	3.25
	UE98	<i>Oryctolagus cuniculus</i>	FTMC-TZ45-17	3922±32	2557-2294	-20	7.45	3.37
II	UE95	<i>Bos sp.</i>	FTMC-ML56_17	4073±28	2850-2492	-21	5.24	3.24
	UE94	<i>Bos sp.</i>	FTMC-TZ45-19	4457±32	3340-3012	-21	5.95	3.28
	UE92	Mandíbula humana	ICA-15T/1023	4010±30	2617-2468			
	UE86	<i>Sus sp.</i>	ICA-15T/1018	3820±30	2448-2144			
	UE85	<i>Bos sp.</i>	FTMC-TZ45-12	3989±36	2621-2352	-21	6.3	3.3
III	UE83	<i>Sus sp.</i>	FTMC-ML56_16	4096±27	2859-2501	-20	5.16	3.23
	UE77	<i>Cervus elaphus</i>	FTMC-TZ45-15	4083±30	2857-2494	-20	4.16	3.31
IV	UE63	<i>Sus sp.</i>	ICA-15B/1014	3890±30	2468-2291			
	UE71	<i>Bos sp.</i>	FTMC-TZ45-13	3987±32	2580-2356	-20	5.68	3.31
V	UE26	<i>Cervus elaphus</i>	FTMC-TZ45-16	4506±32	3356-3097	-20	4.23	3.33
	UE26	<i>Sus sp.</i>	FTMC-ML56_18	4145±27	2875-2625	-20	2.9	3.3
VI	UE25	<i>Sus sp.</i>	FTMC-ML56_19	4167±27	2881-2633	-20	5.71	3.26
	UE25	<i>Ovis aries</i>	FTMC-TZ45-14	4156±33	2879-2627	-19	4.83	3.29
	UE51	<i>Sus sp.</i>	FTMC-ML56_11	4084±26	2851-2497	-20	4.66	3.14
VII	UE21	<i>Bos sp.</i>	FTMC-TZ45-18	4108±32	2867-2505	-20	5.23	3.34

As restantes nove datas para as Fases II, III e IV, que correspondem à colmatação quase total do fosso e à realização e preenchimento do primeiro *recut*, revelam também incongruências relativamente ao posicionamento estratigráfico de algumas das amostras, traduzindo eventualmente movimentações entre depósitos sobrepostos. Modeladas em conjunto como uma fase apontam para o início do preenchimento entre 2805-2508 cal a.C. a 94.5%, com o pico por volta de 2650 a.C., e o final do preenchimento do primeiro *recut* (Fase IV) entre 2453-2157 cal a.C. a 94.5%, com pico por volta dos 2400 a.C (Figura 3.1), estabelecendo um *terminus post quem* para as últimas fases de enchimento (fases V, VI e VII).

Figura 3.1 – Modelo bayesiano para as datas das Fases I, II, III e IV (excluídas as duas atípicas neolíticas). $A_{\text{model}}=87.7$

Contudo, o posicionamento da amostra (uma mandíbula de coelho) da data FMTC-TZ45-17 junto à base da sequência e apresentando um intervalo de meados/primeiro quartel do 3º milénio a.C. pode levar a questionar se a mesma não estabelece um *terminus post quem* para toda a restante sequência, não recuando o início do preenchimento do fosso tão atrás no tempo. Esta circunstância poderá ser considerada pouco provável, não só pela concordância com a estratigrafia das datas obtidas para as amostras seguintes, mas também pelo facto de terem proveniência em deposições de acumulações de restos faunísticos (casos das UEs 95 e 92) que sugerem a deposição material genericamente contemporâneo resultado de actos de consumo únicos ou próximos no tempo, podendo aquela data sobre mandíbula de coelho ter sofrido algum processo de rejuvenescimento ou migrado na estratigrafia devido ao seu reduzido tamanho.

Por outro lado, um preenchimento mais rápido pode ser sugerido pelo facto de parte da parede Este deste troço do fosso ser em terra (o tal enchimento do Fosso 8 neolítico) e não se terem registado evidências de escorrências significativas de sedimentos ou materiais resultantes da erosão dessa parede. Assim, se excluirmos as três datas que, nas Fases II e III caem quase totalmente dentro do segundo quartel do 3º milénio a.C., não alterando significativamente o intervalo final, altera-se o intervalo inicial para 2711-2468 cal a.C. a 94.5%, chegando o início do preenchimento do fosso para mais perto de meados do milénio, decorrendo depois o preenchimento das Fases II, III e IV ao longo terceiro quartel no milénio, mas com maior probabilidade até 2400 a.C. (Figura 3.2).

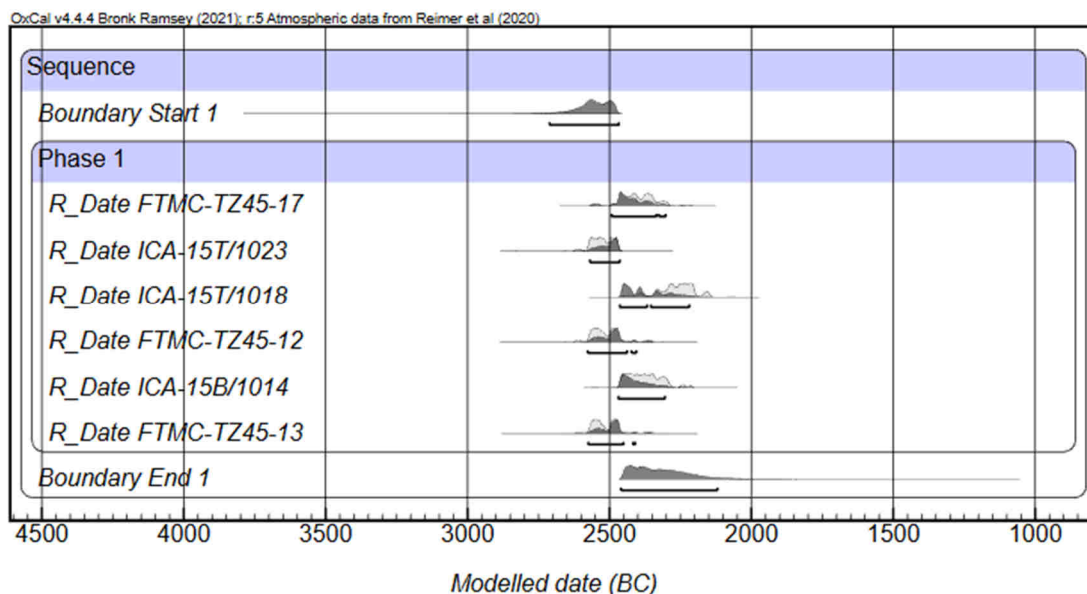


Figura 3.2 – Modelo bayesiano para as datas das Fases I, II, III e IV (excluídas as consideradas atípicas do 4º milénio e da primeira metade do 3º). $A_{\text{model}}=76.1$

Naturalmente, esta sequência cronológica é válida essencialmente para este troço do fosso e a sua extensão ao fosso inteiro tem sempre de ser feita com esta reserva. Por outro lado, não sabemos quanto tempo mediou entre a conclusão da abertura do fosso e o início da sua colmatação final neste troço específico. Porém, tendo em conta a hipótese de intervalo mais recente para esse início, podemos assumir que o fosso terá sido construído ainda dentro da segunda metade do terceiro milénio, por volta de 2600. Se considerarmos a hipótese mais antiga, então a abertura do fosso poderia recuar mais algumas décadas.

Estas propostas cronológicas para a abertura do Fosso 7 no contexto dos fossos já datados nos Perdigiões colocam-no como posterior ao Fosso 10 (para o qual, contudo, só há ainda uma datação) e que será o primeiro fosso calcolítico a ser construído. Fica sensivelmente a par dos Fossos 3 e 4 em meados do milénio e apresenta-se como anterior aos Fosso 2 e 1, que terão sido os últimos a serem abertos, com os seus enchimentos a mostrarem intervalos já completamente dentro do terceiro quartel do 3º milénio a.C. (Figura 3.3).

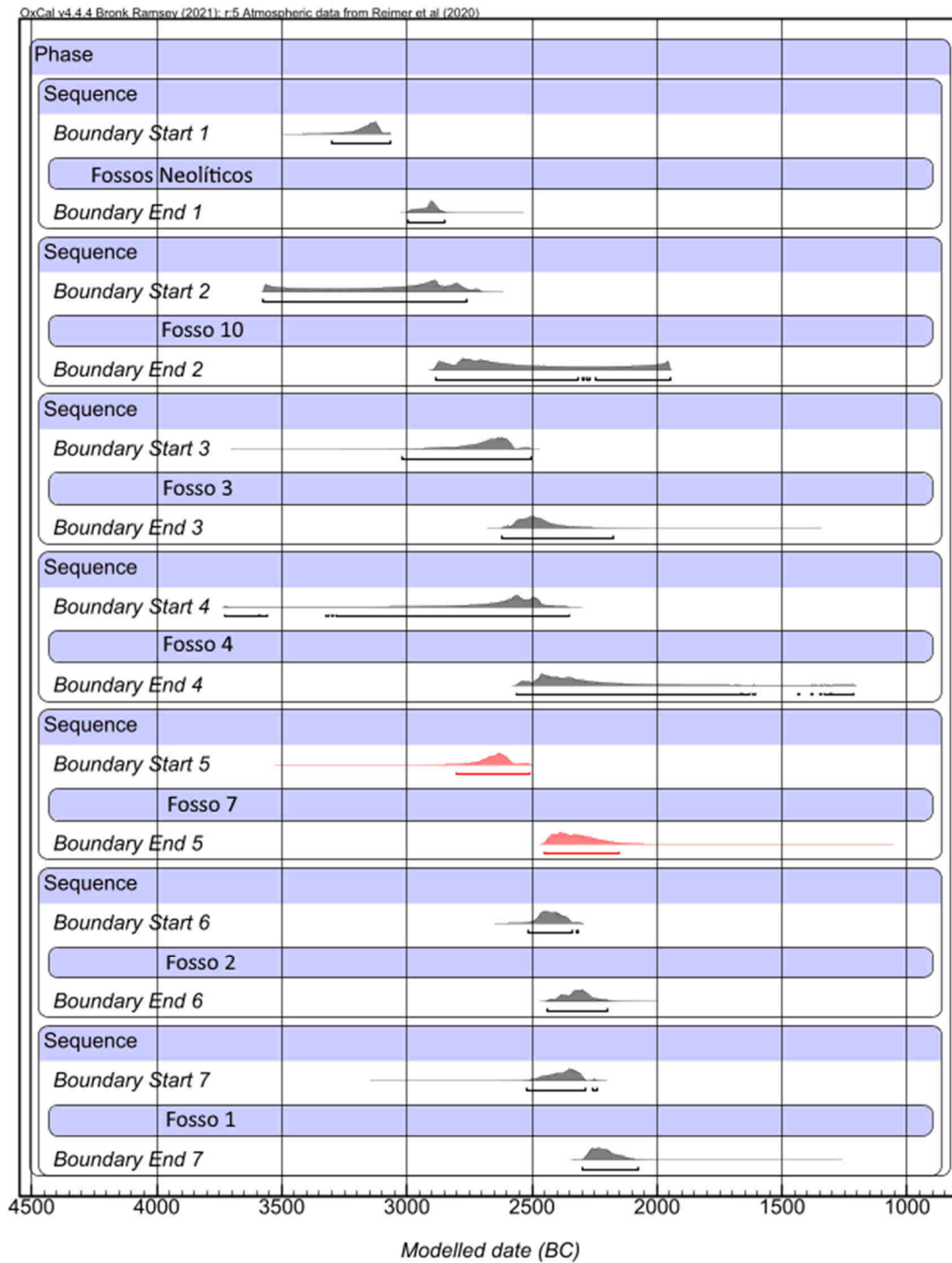


Figura 3.3 – Modelo bayesiano para os fossos já datados nos Perdigiões, modelados como fases com sobreposições, tendo-se utilizado a hipótese de início mais antiga para o Fosso 7. $A_{model}=73.8$

Assim, e com base no já alargado conjunto de datações disponíveis para os enchimentos dos fossos (49, excluindo as atípicas), podemos estabelecer uma sequência de construção de recintos com o seguinte alinhamento: primeiro os pequenos fossos do final do Neolítico Médio em meados do 4º milénio a.C., seguidos pelos fossos do Neolítico Final com um intervalo que abrange os últimos três séculos do 4º e primeiro século do 3º milénio a.C.. O primeiro fosso calcolítico (Fosso 10) datará ainda do primeiro quartel do 3º milénio a.C. e reduz a área do recinto relativamente ao máximo atingido no Neolítico Final. Quando este já estaria colmatado, surgem no segundo quartel, definindo recintos ainda mais interiores, os Fossos 3, 4 e 7, sendo este último o que delimita a área mais nuclear dos Perdigões. Por último, são construídos os Fossos 1 e 2 quando o Fosso 7 ainda estava em processo de colmatagem, os quais voltam a alargar o espaço encerrado, incorporando os recintos anteriores e voltando aos limites que já tinham sido atingidos por um dos fossos neolíticos (Fosso 11) (Figura 3.4). Estes dois últimos fossos estariam preenchidos no início do último quartel do milénio.

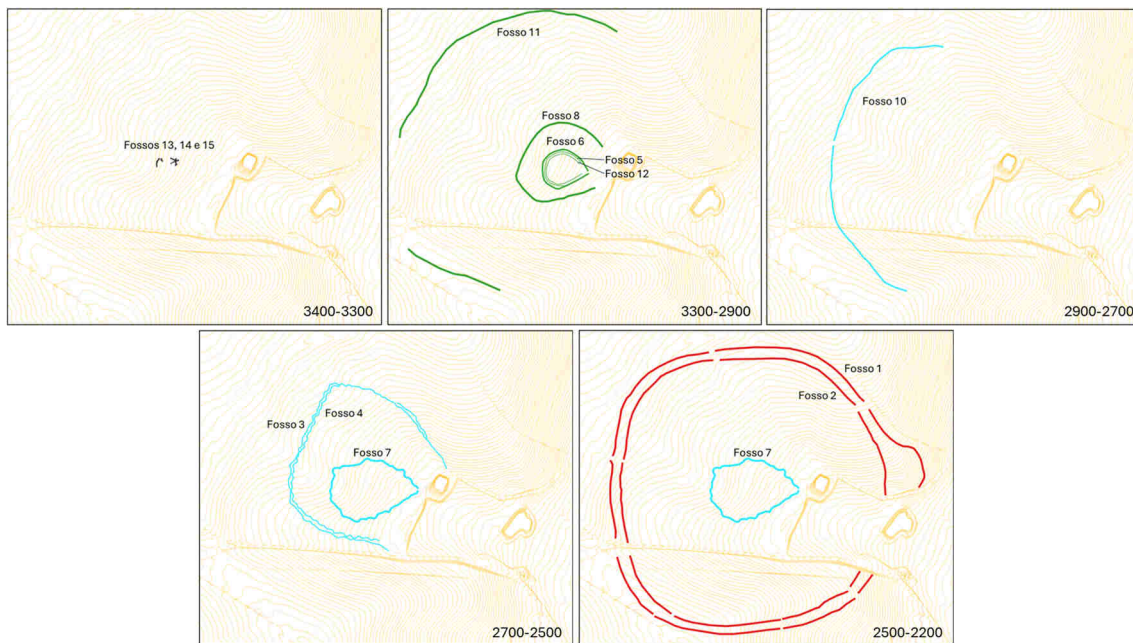


Figura 3.4 – Modelo para a sequência construtiva dos sucessivos recintos dos Perdigões.

Assim, após uma ocupação inicialmente restrita ao centro do anfiteatro natural durante o final do Neolítico Médio, opera-se um rápido crescimento da área delimitada para os seus máximos durante o Neolítico Final. Depois, no início do 3º milénio observa-se uma contração desse espaço, que se vê ainda mais reduzida durante o segundo quartel, para em meados do milénio voltar às dimensões máximas.

Esta flutuação em termos de área é parcialmente acompanhada pelo tamanho dos fossos. De facto, os fossos neolíticos iniciais são de reduzidas dimensões, mas vão aumentando de tamanho no Neolítico Final. No início do Calcolítico, a redução da área é acompanhada pela redução do tamanho do fosso, que volta a ser pequeno. Voltam a crescer de dimensões a partir do segundo quartel com a construção dos Fossos 3 e 4, aumentado ainda mais com o Fosso 7, atingindo os maiores volumes com a construção dos Fossos 1 e 2 em meados do milénio (Figura 3.5).

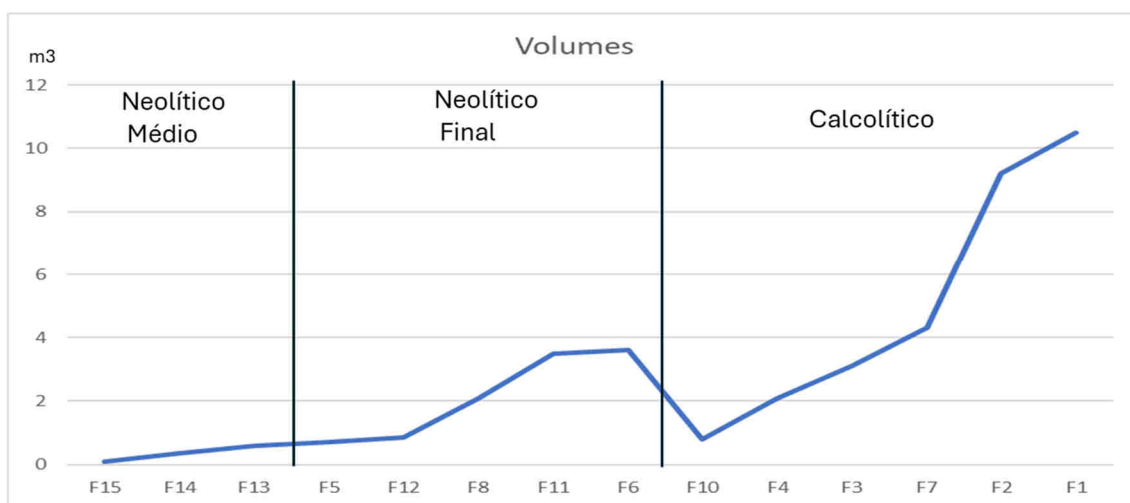
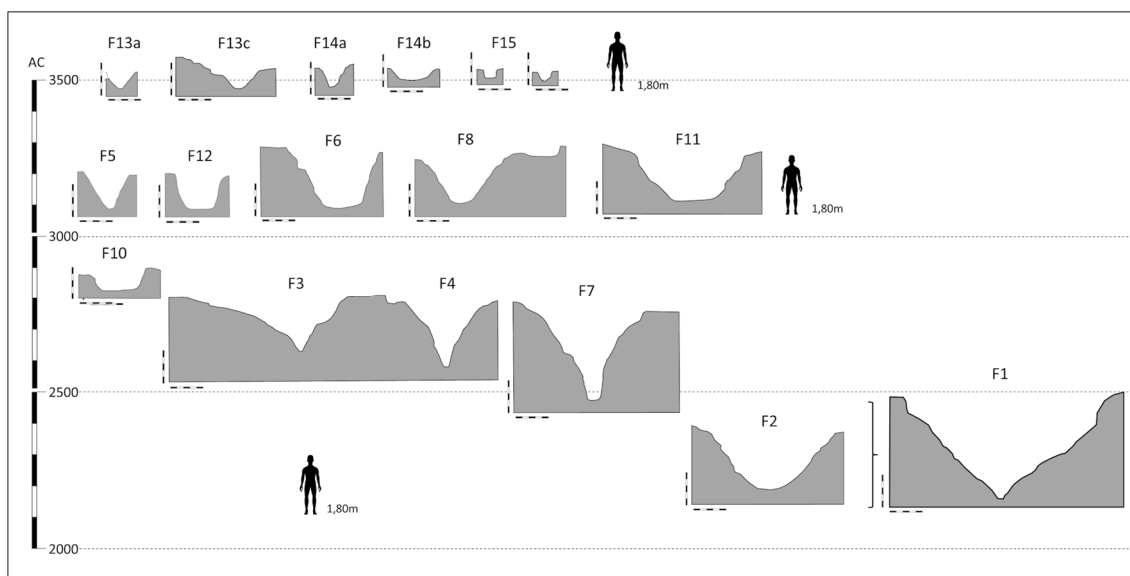


Figura 3.5 – (Em cima) Perfis dos fossos dos Perdígões organizados cronologicamente; (Em baixo) comportamento diacrónico dos volumes dos fossos por secção de 1m².

A transição Neolítico Final / Calcolítico nos Perdígões parece, assim, marcada não só por uma contracção do espaço ocupado, mas também pela redução do investimento de trabalho na abertura de fossos, podendo mesmo corresponder a um curto período de interrupção ou de redução da intensidade de ocupação do sítio, que voltaria a entrar em novo processo de expansão e investimento construtivo a partir de meados do segundo quartel do 3º milénio a.C.. As já abundantes datações de radiocarbono, porém, não revelam de forma clara essa eventual interrupção, apontando antes para uma continuidade, ao contrário do que parece acontecer na transição para a Idade do Bronze, onde um pequeno hiato parece ser sugerido. Contudo o número disponível de datações para esta última fase é de apenas 3, sendo muito inferior ao disponível para a fase neolítica e sobre tudo calcolítica (Figura 3.6). Seja como for, 2900 a.C. surge como um marco nos Perdígões, a partir do qual se operam significativas transformações no registo arqueológico: alterações formais nos aparelhos cerâmico e lítico, incremento exponencial dos elementos de tecelagem, aumento e diversificação do material iconográfico, aparecimento da metalurgia do cobre, intensificação das interacções de larga escala e da

circulação de produtos exóticos, aparecimento de contextos funerários colectivos de deposição essencialmente secundária, construções de estruturas cerimoniais em madeira, construção de cabanas, intensificação do consumo, das práticas de comensalidade e das práticas de deposição estruturada, aspectos que espelham, nos Perdígões, as dinâmicas de complexificação social do 3º milénio a.C., nas quais a construção do Fosso 7 se enquadra (ver Capítulo7).

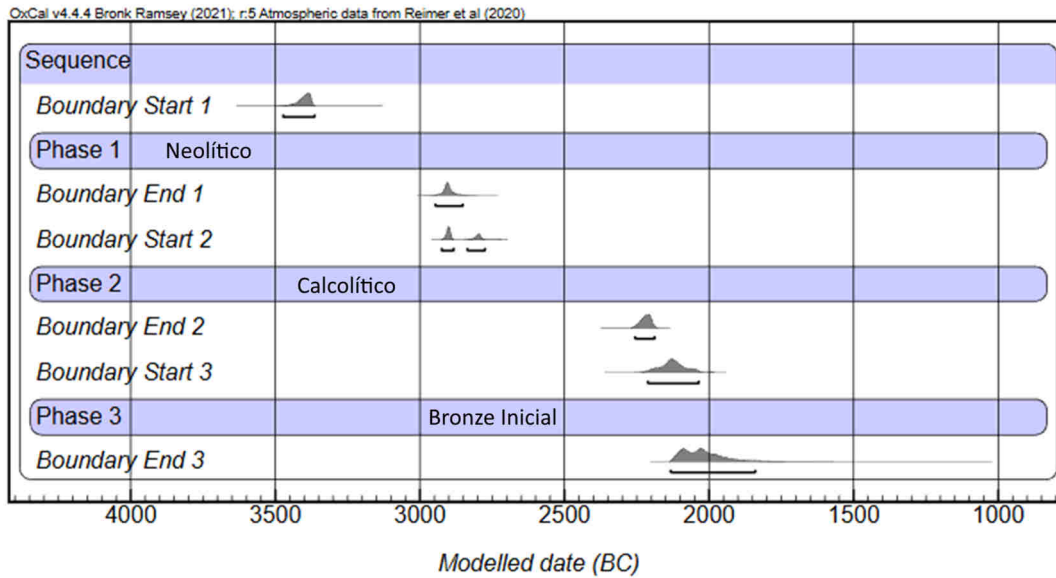


Figura 3.6 – Modelo bayesiano de fases sequenciais ($A_{\text{model}}=73.5$) para as fases do Neolítico (29 datas), Calcolítico (159 datas) e Bronze Inicial (3 datas) nos Perdígões.

4 A COMPONENTE MATERIAL

Neste capítulo apresenta-se a componente material registada no Fosso 7 e nas fossas calcolíticas do Sector P (Fossas 47, 37, 38, 39 e 36), assim como se sumariza os dados relativos aos restos osteológicos humanos, os quais foram já objecto de anterior publicação individualizada e mais detalhada (Evangelista, Valera, 2019).

4.1 O Fosso 7.

As intervenções no Fosso 7 proporcionaram um numeroso conjunto de materiais arqueológicos e de restos faunísticos, assim como alguns restos humanos, sendo a grande maioria proveniente da Secção A, a única que se desenvolveu em profundidade até à base desta estrutura negativa. Os materiais recolhidos ao longo desta secção abrangem diferentes categorias artefactuais, correspondentes a recipientes cerâmicos, pesos de tear, indústria lítica talhada e, com carácter mais residual, material de pedra polida, objectos de adorno, elementos relacionados com a metalurgia do cobre e alguns objectos mais directamente ligados ao sagrado (Tabela 4.1)

Assim, a componente material analisada reporta-se exclusivamente a esta secção e será apresentada tipologicamente por categorias artefactuais e depois analisada em termos do seu comportamento ao longo do enchimento desta secção do fosso (Capítulo 5).

4.1.1 *Os recipientes cerâmicos*

A categoria dos recipientes cerâmicos é largamente maioritária no conjunto global de materiais registados na Secção A. No geral, a cerâmica apresentasse muito fragmentada, sendo as dimensões dos fragmentos relativamente pequenas, ocorrendo apenas um recipiente inteiro, correspondente a um mini vaso (o tamanho explicará a integralidade).

Para a análise tipológica e tecnológica escolheram-se os fragmentos de bordo, os quais totalizam 1505 unidades. Destes, contudo, 665 (44%) não permitiram atribuição formal devido às reduzidas dimensões ou à forma das fracturas, correspondendo os elementos com atribuição formal a 840 (56%). Estes valores revelam um alto nível de fragmentação, sendo que a percentagem dos bordos inclassificáveis só não é maior porque existe um grande predomínio de pratos, nomeadamente de bordo espessado, o que permite o seu reconhecimento formal mesmo em pequenos fragmentos.

O estudo tipológico permitiu distribuir os 840 fragmentos de bordo classificáveis por 11 tipos (Figura 4.1), cinco dos quais se desdobram em subtipos, seguindo a tipologia geral que tem sido construída para os Perdígões.

Tabela 4.1 – Relação dos materiais registados na Secção A do Fosso 7 referenciados por categorias artefactuais e unidades estratigráficas de proveniência.

UnEst	Bordos	Bordos dec	Bojos	Bojos dec	Bojos Pega/Mamilo	Carena	Colher	Pesos Tear	Machado	Núcleo "preto" esquirolado	Ponta de seta	Lâmina de Quartzo	Seg. lâmina sílex	Truncatura lâmina sílex	Lamela Quartzo	Lasca de Sílex	Lasca de quartzo	Frag. Quartzo	Frag. jaspe	Seixo Qz	Frag. Seixo Qz	Seixo Qz Talhado	Percutor esférico	Ídolo de Cornos	Botão em Marfim	Cadinho	Cobre	Lança de cobre
21	81	1	175			1	1	57							4	3	5		2	2		1				2		
22	70		146					35								7	12			1						1		
25			488					6																			1	
26	155	1	582	1		1		22			1						6	4		2	2							1
38	58		184			2		3			1		1		1	1		3			1	1						
50	118		663	1	2	3		7			1						1										1	
51	0		323						1			1					1	3		1								
61	18		121			1		2																				
63	51		450	1	1	2		6														2						
64	80		433	1			1	5			1																	
65	26		81			1																1						
69	2		16					1																				
71	148		911			8		9							1	3	11		2	1				1				
72	149		1171	4	2	1		14																		1		
73	49		466			1		7																				
74	12		72					5																				
76	9		55																									
77	44		254																						1			
81	28		271			2		1																				
82	16		71																									
83	50		217			1		1																				
85	18		113															4	1		2							
86	59		299			1		4							1			3	2	1	2							
89	9	1	57					2			1																	
90	39		227			1									1	8	12	1			1							
91	57		283	2		2		3		1					2	1	9	1				1						
92	21		126		1			2									4			1								
93	32		145			1		2					1			3	8	1		1				1				
94	55		328	1				6			1			1		4	8	1	1	1	3							
95	0		79																									
96	24	1	155			1		2																				
98	25		181					2									3	4					1					
99	3		78					1									1	2										
Total	1506	4	9221	11	6	30	2	205	1	1	4	3	1	1	7	5	41	92	7	10	19	3	1	2	1	1	4	1

O grupo dos pratos (Tipo 1) predomina largamente, com 465 (55.4%) bordos, tendo um fragmento sido classificado ao nível do tipo e os restantes distribuídos por seis subtipos (ST) diferentes. Os bordos espessados internamente (ST 1.5), entre os quais inúmeros de bordo almendrado, totalizam 243 (52.3% dos pratos), seguidos pelos pratos de bordo simples (ST 1.1), por vezes totalmente plano, com 114 (24.5%). Os pratos de bordo espessado interna e externamente (ST 1.6) totalizam 67 (14.4%) e os de bordo espessado apenas externamente (ST 1.8) são 20 (4.3%). Finalmente, os pratos de bordo invertido (ST 1.4) somam 16 (3.4%) e os planos de bordo mais vertical (ST 1.2) foram identificados em 4 (0.9%) exemplares.

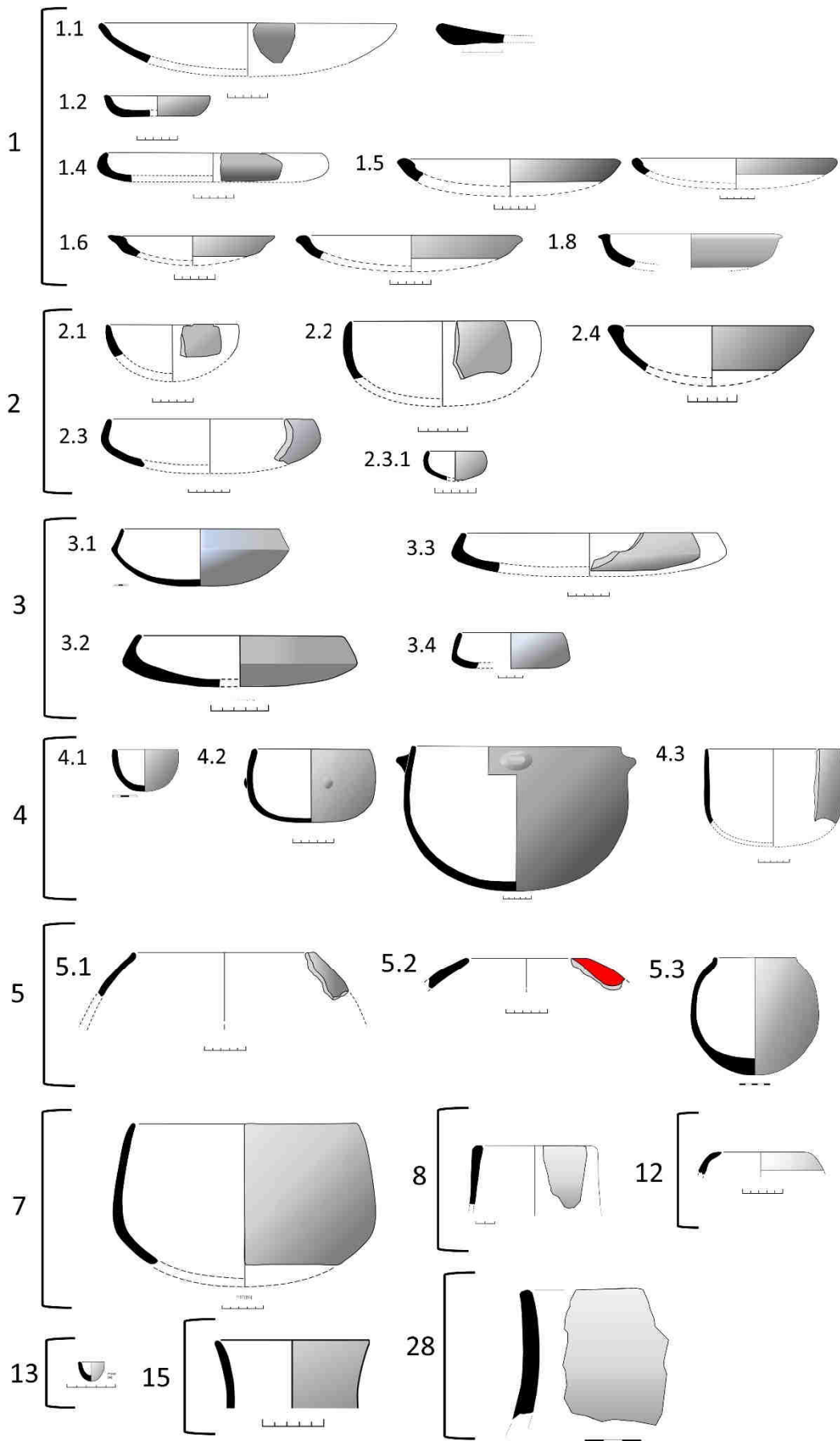


Figura 4.1 – Tabela de formas (exemplares tipo) para a Secção A do Fosso 7 no Sector P.

Segue-se, em termos de representatividade, o grupo das taças (Tipo 2) com 167 (19.9%) registos. Também com um exemplar classificado somente ao nível do tipo, os restantes distribuem-se por taças abertas em calote esférica (ST 2.1), as quais predominam com 141 (84.4% das taças) peças, seguindo-se as taças fechadas (ST 2.3) com 15 (8.9%). As taças abertas de paredes mais rectas (ST 2.2) ocorrem em 5 (3%) casos, as taças de bordo espessado em 3 (1.8%) casos e as pequenas taças fechadas de paredes finas em apenas 2 (1.2%) exemplares.

Os recipientes esféricos/globulares (Tipo 5) têm 96 (11.4%) registos, distribuídos por esféricos mais abertos (ST 5.1) com 75 (78.1% dentro do tipo) casos, 12 esféricos mais fechados (ST 3.2) com 12 (12.5%) e esféricos de colo esboçado com 9 (9.4%).

As tigelas (Tipo 4) correspondem a 64 (7.6%) dos bordos classificados, sendo 32 (50%) tigelas abertas (ST 4.1), 26 tigelas fechadas (ST 4.2) e 6 (9.4%) tigelas fundas. Algumas destas peças apresentam mamilos ou pegas.

As taças carenadas de tradição neolítica (Tipo 3) ocorrem com 34 (4.1%) exemplares (a que se podem juntar mais 30 fragmentos de carena). Distribuem-se por taças de carena alta (ST 3.1) com 1 caso, taças de carena média (ST 3.2) com 19 (55.9%) registos, taças de carena baixa (ST 3.3) com 7 (20.5%) e taças de carena muito baixa (ST 3.4) com 4 (11.7%). 3 peças foram classificadas apenas ao nível do tipo. Algumas destas taças apresentam suaves mamilos na carena.

Os restantes tipos ocorrem de forma vestigial, sempre com percentagens inferiores a 1%. O Tipo 7, correspondentes a vasos de parede troncocónicas e fundo convexo apresentam 6 (0.7%) registos, enquanto os mini vasos estão representados por 2 (0.2%) exemplares. Com 1 (0.1%) registo ocorrem os recipientes fundos de paredes rectas ou ligeiramente troncocónicas (Tipo 8), os recipientes de bordo reentrante aplanado (Tipo 12) e os grandes recipientes de colo alto ligeiramente estrangulado (Tipo 28). Finalmente, destaque para o Tipo 15, o qual corresponde a recipientes de colo exvertido que indiciam um perfil em "S", podendo corresponder a vasos acampanados lisos, semelhantes a vários que ocorrem na zona mais central dos Perdigões.

Na globalidade, trata-se de um conjunto cerâmico onde predominam claramente as formas abertas sobre as fechadas, com acentuado domínio dos pratos, e que se enquadra plenamente no Calcolítico do Sudoeste Peninsular. A presença das taças carenadas de filiação neolítica não destoa, por um lado devido à sua baixa representatividade percentual e, por outro, devido ao facto de alguns materiais do Neolítico Final poderem ter sido integrados por escorrência nos enchimentos do Fosso 7. Lembremos que esta secção abrange uma zona onde este fosso calcolítico se sobrepõe ao Fosso 8 do Neolítico Final, sendo parte da sua parede Este constituída pelos sedimentos do enchimento daquele fosso mais antigo, pelo que algumas escorrências de materiais a partir dessa parede são perfeitamente plausíveis.

Do ponto de vista tecnológico, a análise realizada foi exclusivamente macroscópica, a partir de fracturas e superfícies dos fragmentos. Naturalmente, o elevado índice de fragmentação das peças torna esta análise menos rigorosa, dada a heterogeneidade que pode caracterizar os recipientes cerâmicos completos, nomeadamente ao nível da cor. Os dados obtidos servem, assim, essencialmente como uma caracterização de tendências gerais.

As pastas são predominantemente arenosas de grão fino com 61.2%, seguidas das ligeiramente granulares com 30.3%. Contudo, em 6.8% dos casos apresentam-se bastante homogéneas e compactas e mais raramente (1.7%) com uma textura xistosa. A este carácter predominante de pastas finas correspondem elementos não plásticos igualmente finos. Cerca de metade (49%) estão abaixo de 1mm e em 46.4% entre 1 e 3mm. Apenas 4.6% apresentam ENPs que ultrapassam os 3mm. Já as cozeduras são predominantemente oxidantes (54%), seguidas das reductoras (31.5%) e das mistas (14.5%).

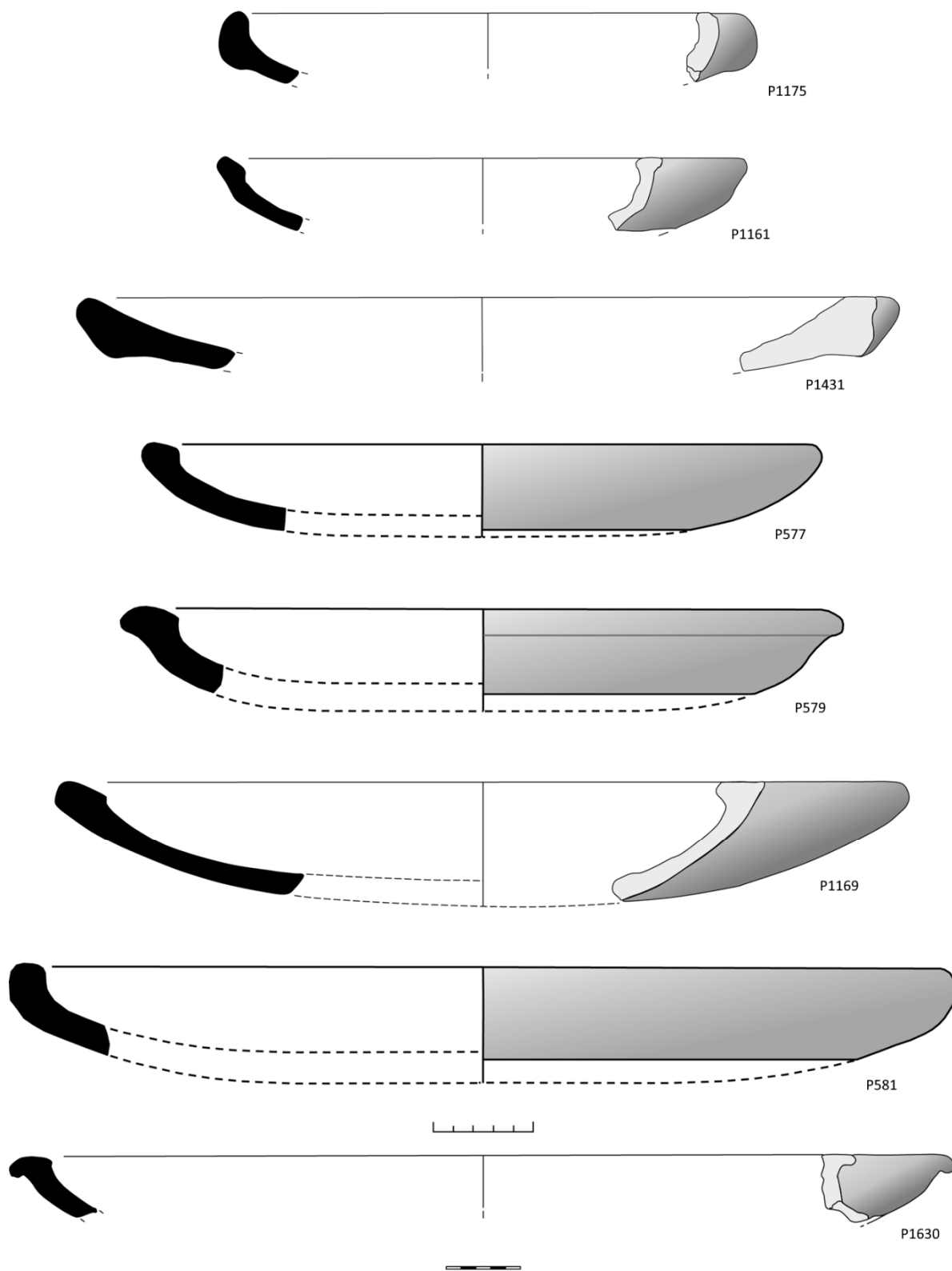


Figura 4.2 – Pratos provenientes da Secção A do Fosso 7.

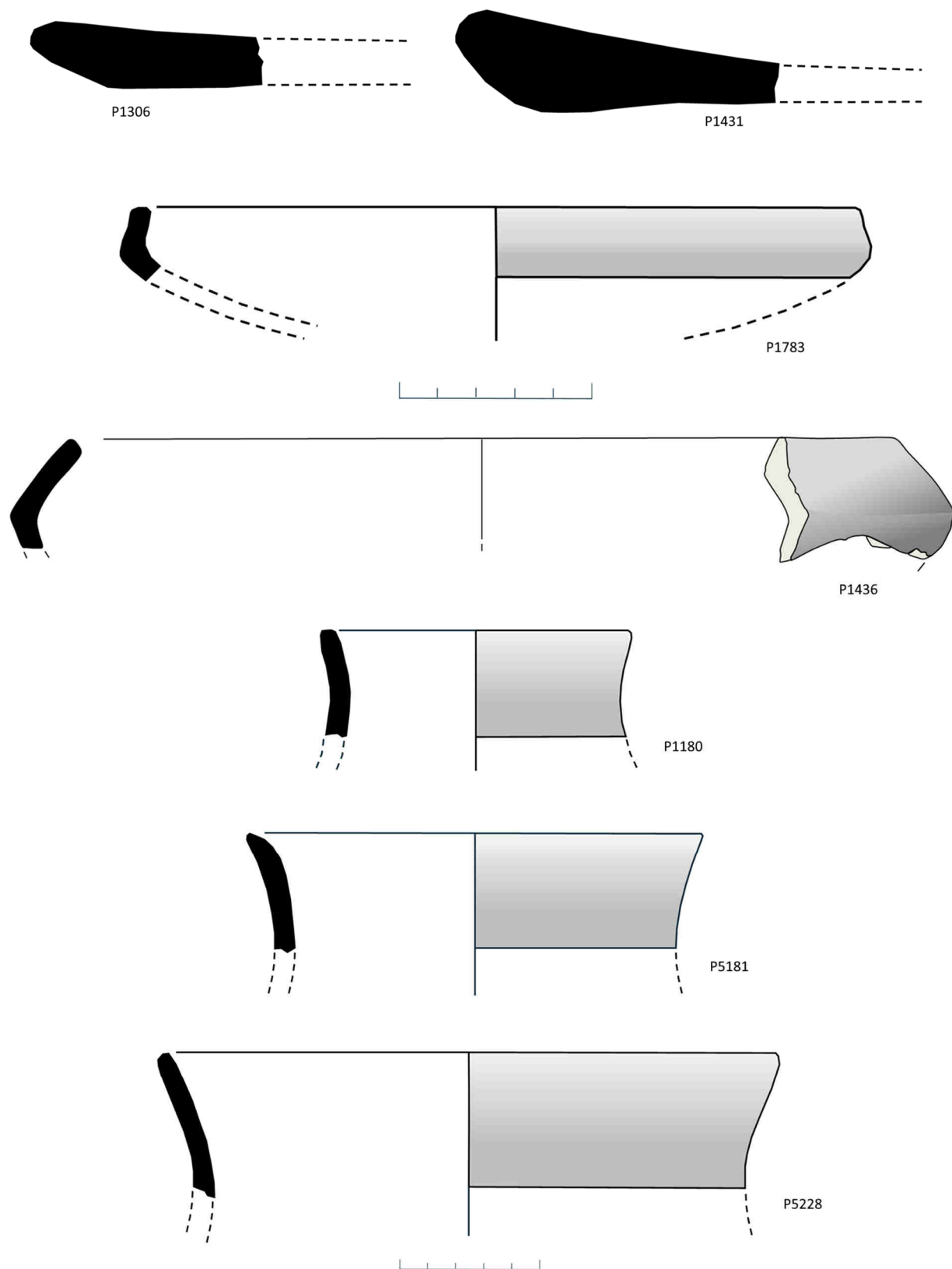


Figura 4.3 – Pratos de bordo plano, taças carenadas e vasos possivelmente acampanados provenientes do Fosso 7.

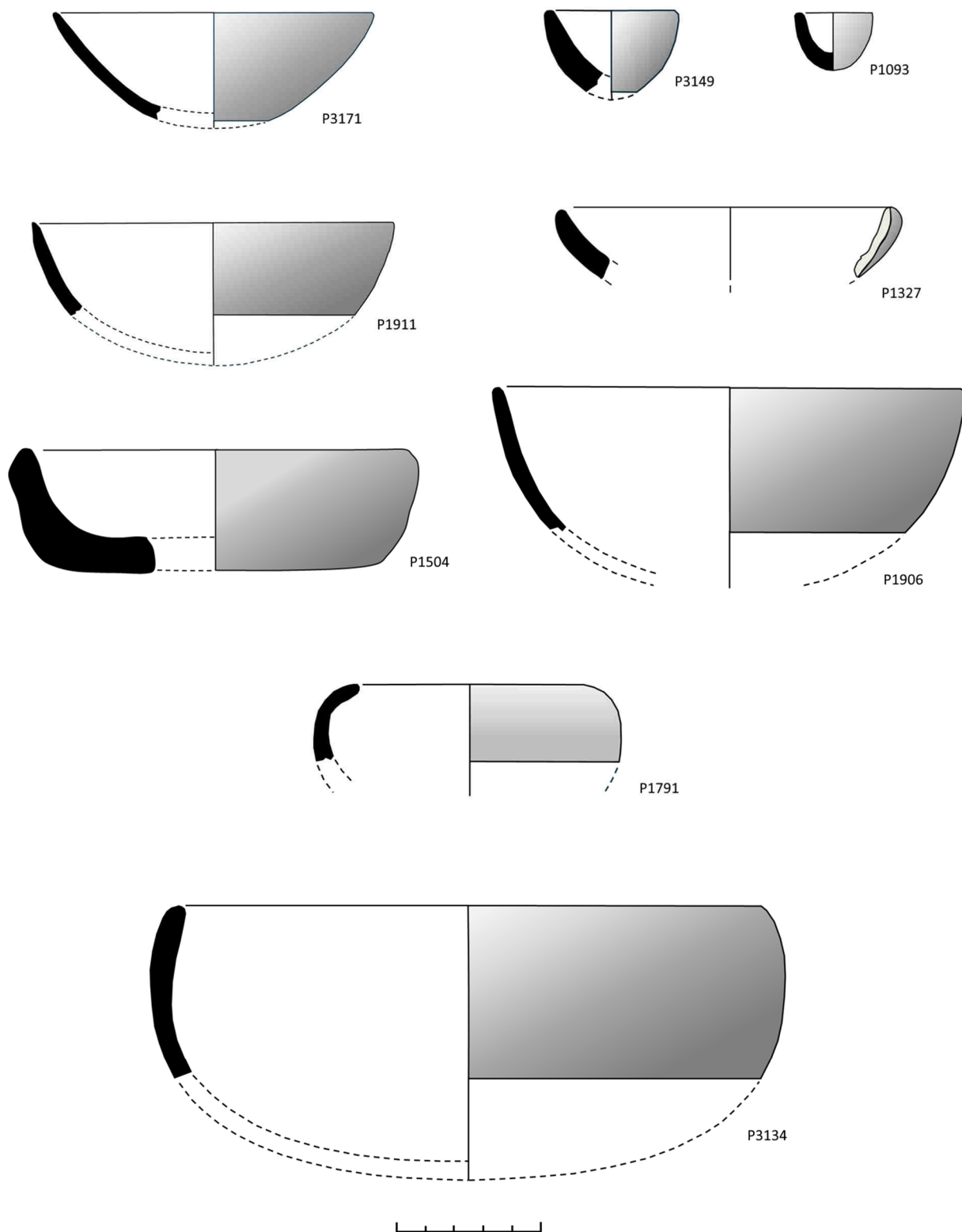


Figura 4.4 – Taças abertas, mini vaso e taças fechadas provenientes do Fosso7 Secção A.

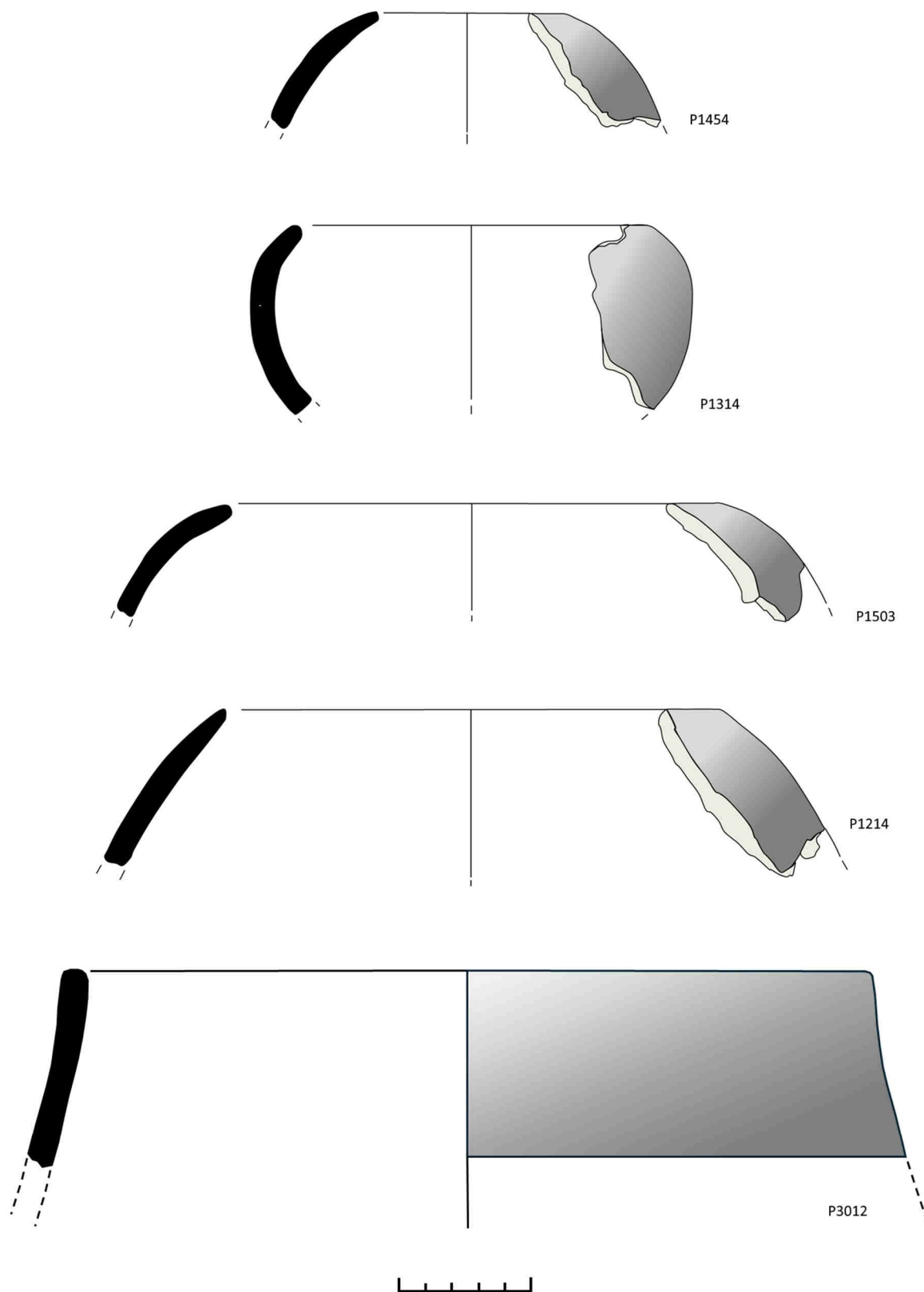


Figura 4.5 – Recipientes fechados provenientes do Fosso7 Secção A.



Figura 4.6 – Aparências das mais frequentes pastas cerâmicas do Fosso 7. Note-se o carácter geralmente diminuto dos elementos não plásticos e a sua raridade em algumas pastas.

4.1.1.1 A decoração cerâmica

Relativamente à decoração dos recipientes cerâmicos provenientes da Secção A do Fosso 7, ela foi documentada em apenas 4 bordos, o que proporciona uma percentagem de 0.3% face à totalidade dos bordos registados, a que se acrescentam mais 11 bojos decorados (não foram contabilizados fragmentos de carena com mamilos suaves). Registe-se ainda para a presença de 3 bojos com decoração campaniforme nos depósitos de cobertura revolvidos pela surriba de 1996.

No que respeita aos fragmentos provenientes da Secção A (ou seja, excluindo os fragmentos campaniformes), a técnica predominante é a incisão, com 8 registos (53.1%), seguida da impressão (2 – 13.3%), aplicações plásticas (2 – 13.3%) e pintada (2 – 13.3%. Com um único exemplar (7%) temos a técnica mista incisa-impressa.

Já quanto às organizações decorativas, a análise está fortemente condicionada pelas dimensões dos fragmentos, sendo que para a maioria podemos identificar alguns motivos, mas não as composições em que estes motivos se organizariam. Ainda assim, é possível tecer algumas considerações interessantes sobre esta parca colecção de cerâmicas decoradas proveniente da Secção A do Fosso 7.

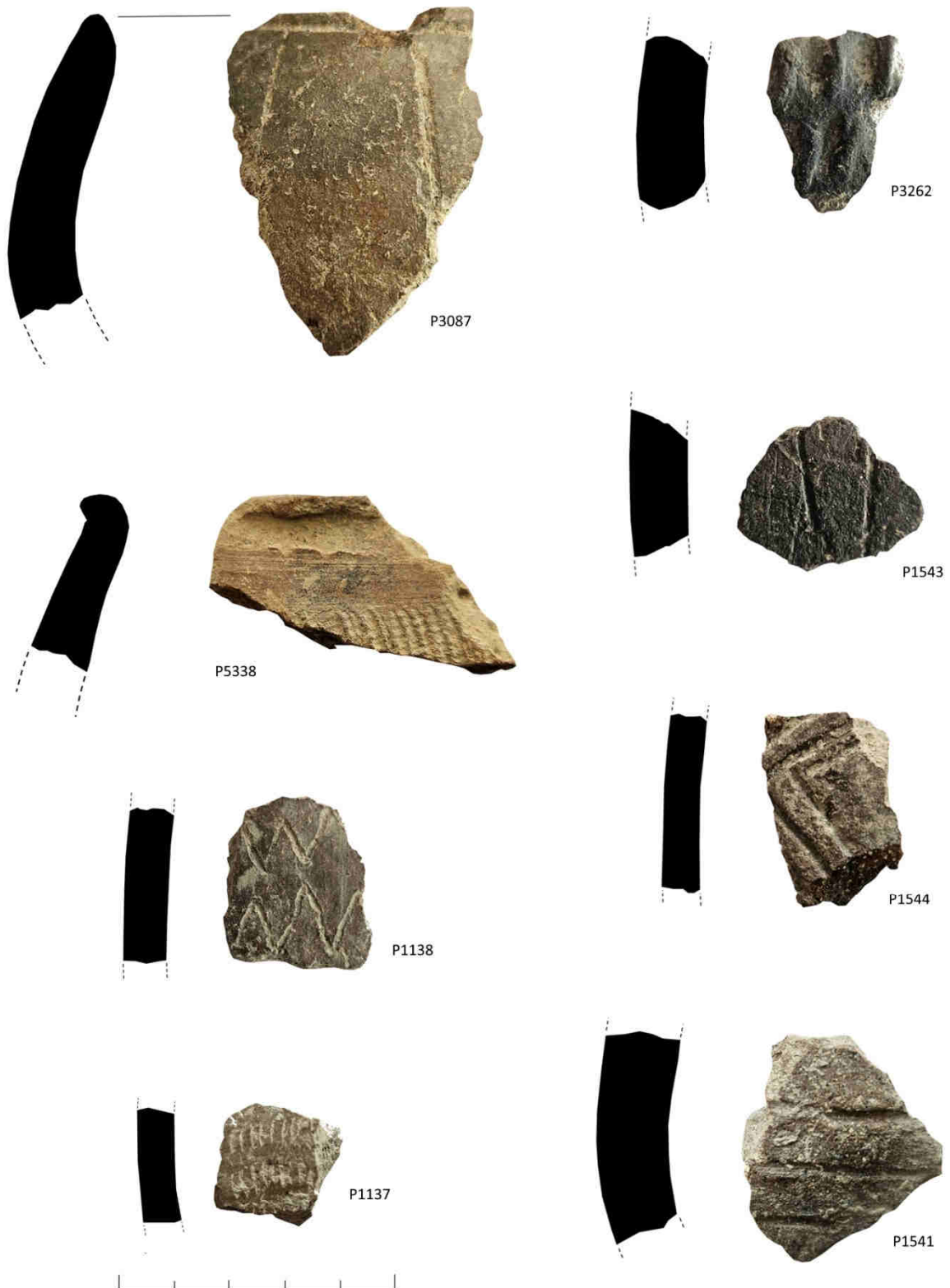


Figura 4.7 – Fragmentos de recipientes decorados provenientes do Fosso7 Secção A.



Figura 4.8 – Fragmentos de recipientes decorados provenientes do Fosso7 Secção A.

Os fragmentos P3087, P3262 e P5338 (Figura 4.7) apresentam decorações que se encontram entre as mais comuns dos Perdigões durante o Neolítico Final (Valera, 2018). A decoração incisa à base de um traço horizontal abaixo do bordo conjugada com linhas verticais espaçadas está mesmo entre as mais frequentes dessa fase, nomeadamente aplicadas a recipientes esféricos, como é o caso da peça P3087. A decoração com profundas impressões digitadas muito juntas (P3262) é outra das decorações bem representada nos contextos do Neolítico Final do sítio, e o mesmo acontece com uma banda de impressões com uma matriz tipo pente (P5338). Poderá tratar-se de sobrevivências durante o Calcolítico, mas dada a localização da Secção A (zona de sobreposição de fossos, em que uma parte da parede do Fosso 7 é constituído pelo enchimento do fosso neolítico), não podemos excluir a possibilidade de serem fragmentos que integram por erosão dessa parede.

Os restantes fragmentos da Figura 4.7 apresentam variantes à base de linhas (num caso, ziguezagueantes) ou traços, formando motivos espinhados ou bandas horizontais paralelas, anunciando organizações frequentes em contextos calcolíticos.

Mais interessantes são os fragmentos representados na Figura 4.8.

As peças P5216 e P3188 apresentam decorações plásticas à base de pequenas pastilhas aparentemente aplicadas, replicando organizações à base de pastilhas repuxadas, cuja ocorrência nos Perdigões foi recentemente discutida no contexto da circulação destas decorações no âmbito da interacção transregional peninsular (Valera, 2024).

Já os fragmentos P3132 e P1094 remetem para a decoração simbólica. O primeiro apresenta as tradicionais linhas paralelas ziguezagueantes curvas interpretadas como tatuagens faciais e que são um dos atributos da simbólica presente em diferentes objectos ideotécnicos (figurinhas antropomórficas realistas e estilizadas, ídolos falange, betilos e recipientes cerâmicos), onde normalmente se associam a representações solares (olhos raiados), cabelos e, por vezes, do sexo. Nos Perdigões ocorrem em todo este tipo de peças e são relativamente frequentes (dentro da muito baixa percentagem de decoração cerâmica do sítio) em recipientes em diferentes contextos, de que se destaca o recipiente do Sepulcro 2 (Figura 4.9).

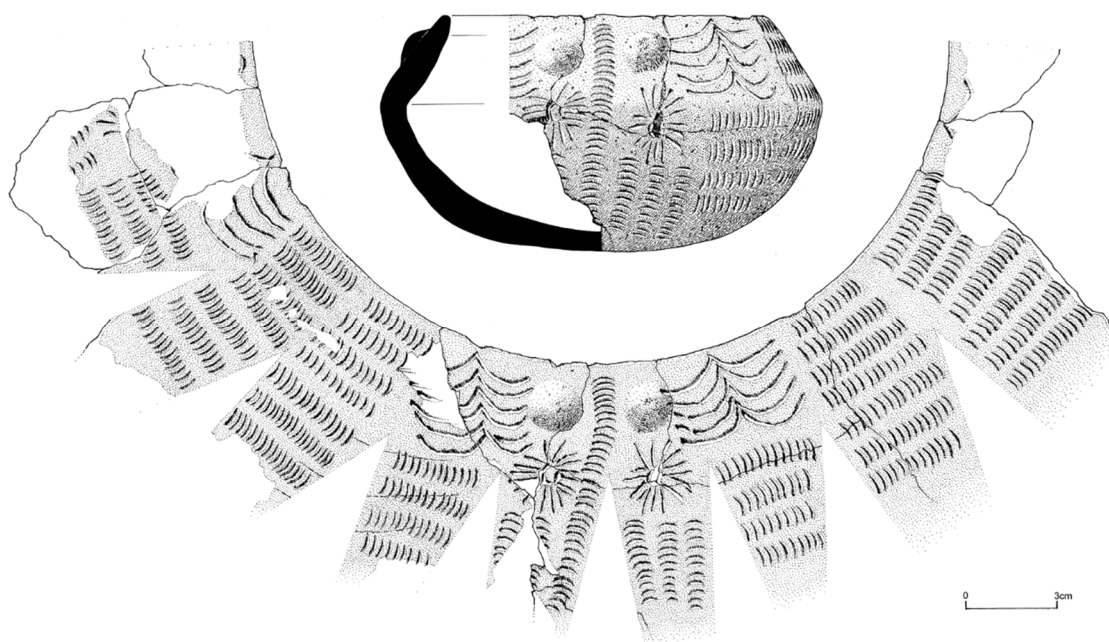


Figura 4.9 – Recipiente com decoração simbólica proveniente do átrio do Sepulcro 2 dos Perdigões.

Já o fragmento 1094 apresenta a representação do que parece ser um cometa e não propriamente um sol. Para esta interpretação concorrem dois aspectos. Por um lado, uma densidade maior de linhas rectas perpendiculares em relação ao círculo, formando uma espécie de cauda ladeada por linhas inclinadas. Ou seja, não parece existir uma distribuição raiada das linhas em torno ao círculo, mas orientada para um dos lados, dando a noção de movimento. Por outro, a representação de pequenas impressões triangulares no interior do círculo, como que representando pontos de brilho. Este tipo de preenchimento nunca ocorre nas representações solares. A representação de um cometa em movimento ou de uma estrela cadente não será uma total novidade. Esta interpretação foi, por exemplo, proposta para o abrigo de arte rupestre de Pala Pinta, onde se argumenta a favor de uma representação da trajectória de um cometa (Lima, 2013).

Quanto ao fragmento P5229, a gramática decorativa é composta pelo que parece ser um triângulo preenchido por reticulado, pendente de uma banda de três caneluras paralelas ao bordo, parecendo existir o arranque de um outro triângulo com orientação oposta junto à fractura, o que poderia formar um ziguezague entre triângulos. Esta decoração, aplicada a um recipiente tipo tigela ligeiramente fechada, lembra as cerâmicas tipo Penha, tão características do Norte de Portugal, ainda que nestas sejam mais comuns as métopas rectangulares verticais que os triângulos formando ziguezagues, que, contudo, também existem (Silva, Santos, 1988/89). No Sul, estes são conhecidos em algumas cerâmicas, mas normalmente preenchidos por pontos (Figura 4.10). Esta organização é também frequente em gramáticas campaniformes, nomeadamente do Grupo de Palmela, mas os triângulos são sobretudo preenchidos por traços verticais ou diagonais e não pontos ou reticulados. Contudo, o preenchimento reticulado, a associação a uma banda tripla de caneluras e a morfologia do recipiente em questão aproximam mais o fragmento cerâmico do Fosso 7 das cerâmicas nortenhas.

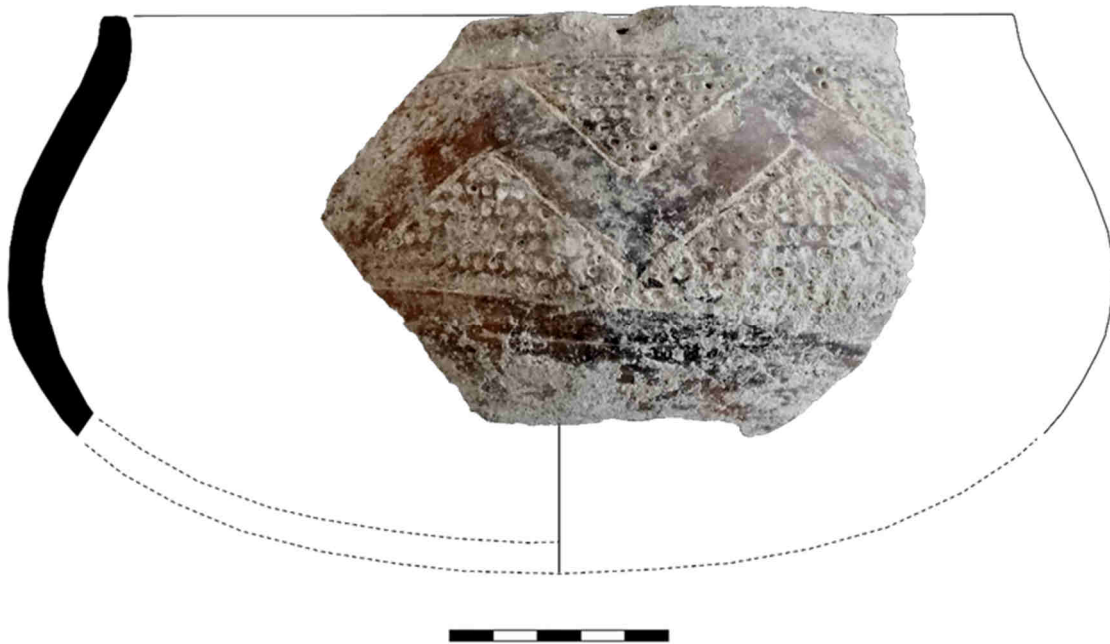


Figura 4.10 – Recipiente decorado com bandas de triângulos de orientação oposta formando um ziguezague, proveniente da área central dos Perdigões delimitada pelo Fosso 7.

Poderemos, assim, questionarmo-nos se estamos em presença de mais uma conexão setentrional dos Perdigões, a juntar a outros indicadores de que a rede de interações de larga escala em que o sítio se encontrava integrado abrangia também zonas mais nortenhas do Ocidente Peninsular (Valera, 2024).

Finalmente, os fragmentos que apresentam uma decoração pintada (Figura 4.8: 1915, s/n). Trata-se de dois fragmentos listados em tons de castanho, onde foram identificados óxidos de ferro (análise realizadas no laboratório Hércules). A cerâmica pintada (não simplesmente engobada) em contextos da Pré-História Recente é relativamente rara em Portugal, apresentando uma distribuição alargada em Espanha, com duas áreas de maior concentração: na Andaluzia e em trono ao Sistema Central peninsular (Figura 4.11). Em Portugal, dos oito sítios inventariados, apenas três correspondem ao Calcolítico: Perdigões, Castro de Santiago em Fornos de Algodres (Valera, 1997) e a gruta artificial de S. Paulo II em Almada (Cardoso *et al.*, 2025). Os restantes correspondem a contextos neolíticos (Quinta da Assentada, Vale Rodrigo 3, Castelo Belinho e Paraíso – Valera, 2003; Armbruester, 2007; Costeira, Mataloto, 2019) e a um de cronologia indeterminada dentro da Pré-História Recente (Lapa da Galinha, onde há contextos do Neolítico Antigo, Final e Calcolítico). A nível geral, a presença de cerâmica pintada remonta ao Neolítico Antigo / Médio, ainda que a maioria dos sítios conte com ocupações do Neolítico Final e do Calcolítico, sendo os contextos de natureza muito diversificada (grutas, antas, campos de fossas, recintos). Contudo, o predomínio de sítios com intervenções antigas, em especial em grutas, dificulta as considerações contextuais e cronológicas em muitos sítios.

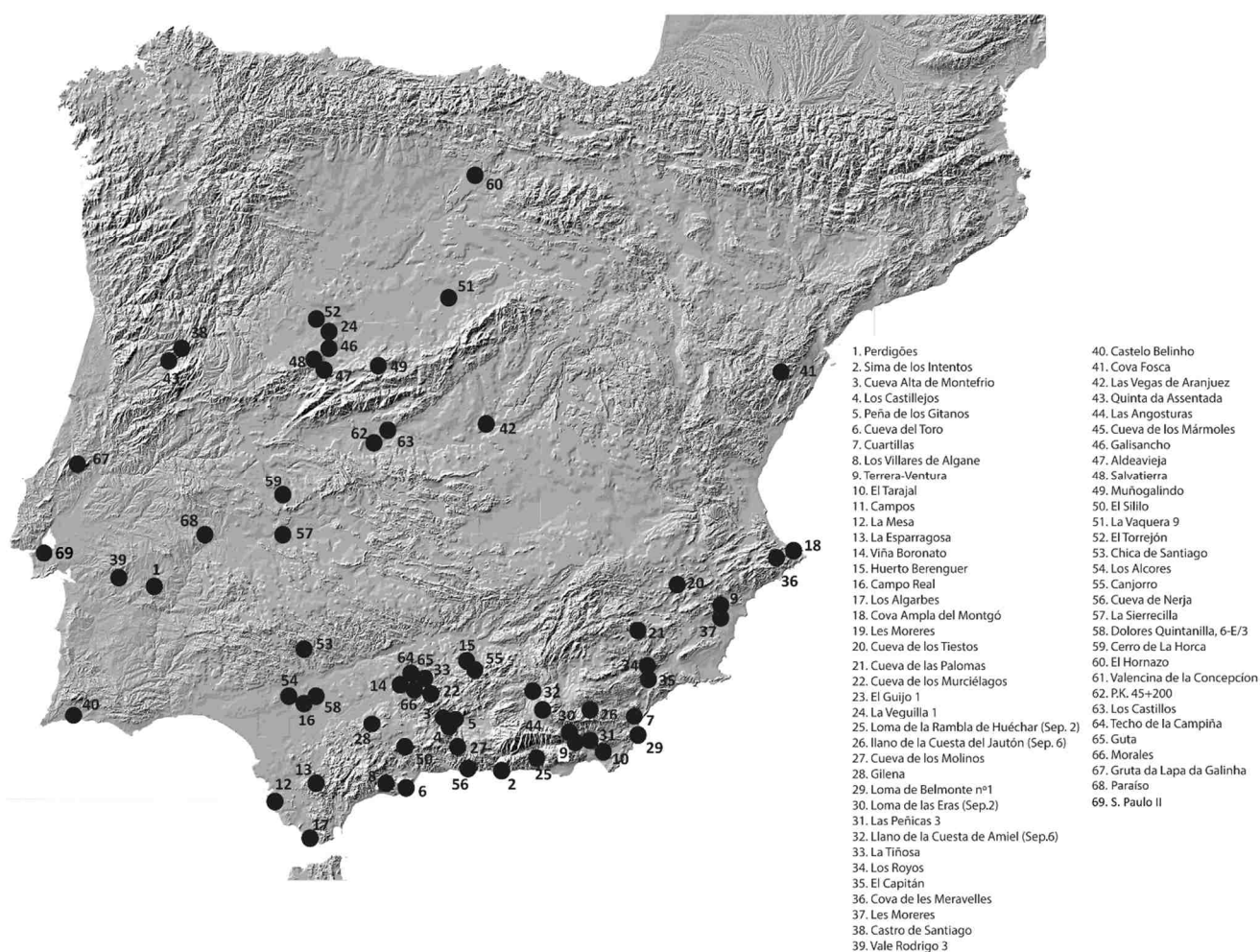


Figura 4.11 – Distribuição de cerâmicas pintadas em contextos de Pré-História Recente na Península Ibérica.

Em termos decorativos, a tendência é para organizações geométricas, utilizando como motivos os círculos formando linhas junto ao bordo, faixas paralelas oblíquas, verticais ou horizontais, motivos ondulantes, linhas descontínuadas, ziguezagues, reticulados e chevrons. Surgem maioritariamente na superfície externa dos recipientes, ainda que não seja incomum a decoração interna, como verificado no caso de Vale Rodrigo. Os tons empregues no desenho dos motivos variam entre o vermelho escuro e os negros, destacando-se nas superfícies avermelhadas dos fragmentos (Armbruster, 2007; Murillo Díaz, Fernández Gómez, 2008).

Este tipo concreto de decorações, em especial na bibliografia espanhola, é muitas vezes associado à cerâmica almagrada, sendo avançada para a Andaluzia uma evolução local (Carrasco Rus, Pachón Romero, 2010), relacionável com a Cultura de las Cuevas e a Cultura de Los Millares, por oposição a influências culturais exógenas (Murillo Díaz, Fernández Gómez, 2008). No caso dos Perdigões, a sua raridade, associada a raridade observada durante o Calcolítico no Ocidente Peninsular, poderá significar mais uma influência externa operada no contexto das relações de larga escala do sítio, nomeadamente com a Andaluzia, cujos contactos estão bem atestados, nomeadamente com a presença de grande quantidade de sílex oolítico de origem bética. Os fragmentos dos Perdigões, inclusivamente, apresentam grandes semelhanças com alguns fragmentos cerâmicos pintados de Valencina de la Concepción (Murillo Díaz, Fernández Gómez, 2008: 305-6).

Relativamente aos três fragmentos com decoração campaniforme recolhidos nos depósitos revolvidos pela surriba que se sobrepunham ao Fosso 7, os mesmos poderão ou não estar relacionados com os enchimentos do topo do fosso, já que estes foram ainda cortados pela ripagem. Correspondem a três fragmentos de bojo, dois com decoração incisa e outro com decoração pontilhada preenchida a pasta branca. As organizações são a base de bandas de linhas paralelas, num caso alternando com bandas de linhas ziguezagueantes, para os incisos, enquanto o pontilhado apresenta duas bandas de linhas que enquadram uma banda de duas linhas de triângulos preenchidos opostos que formam uma faixa ziguezagueante central (Figura 4.12). Enquadram-se dentro de uma gramática decorativa de tipo Ciempozuelos.

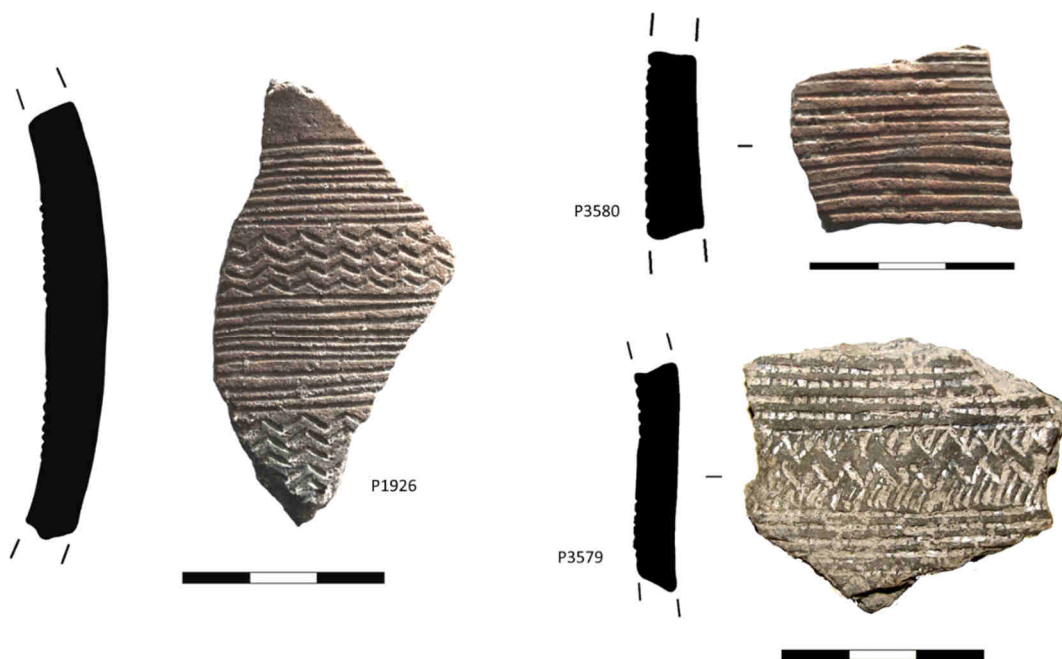


Figura 4.12 – Fragmentos com decoração campaniforme recolhidos nos contextos revolvidos do Sector P.

4.1.2 Colheres

No conjunto de materiais cerâmicos foram ainda registos dois fragmentos de pequenas colheres (Figura 4.13). O exemplar P5336 apresenta um cabo pontiagudo pouco diferenciado e indicia uma concha pouco profundo. Já o exemplar P5337 apresenta um cabo pontiagudo mais alongado e uma concha que aparenta ser igualmente pouco profunda. A primeira da [21] (Fase VII) e a segunda da [64] (Fase III).

Estas duas peças enquadram-se num conjunto de pequenas colheres, dentro do grupo alargado deste tipo de objectos, que apresenta uma grande variabilidade de dimensões nos Perdigões.

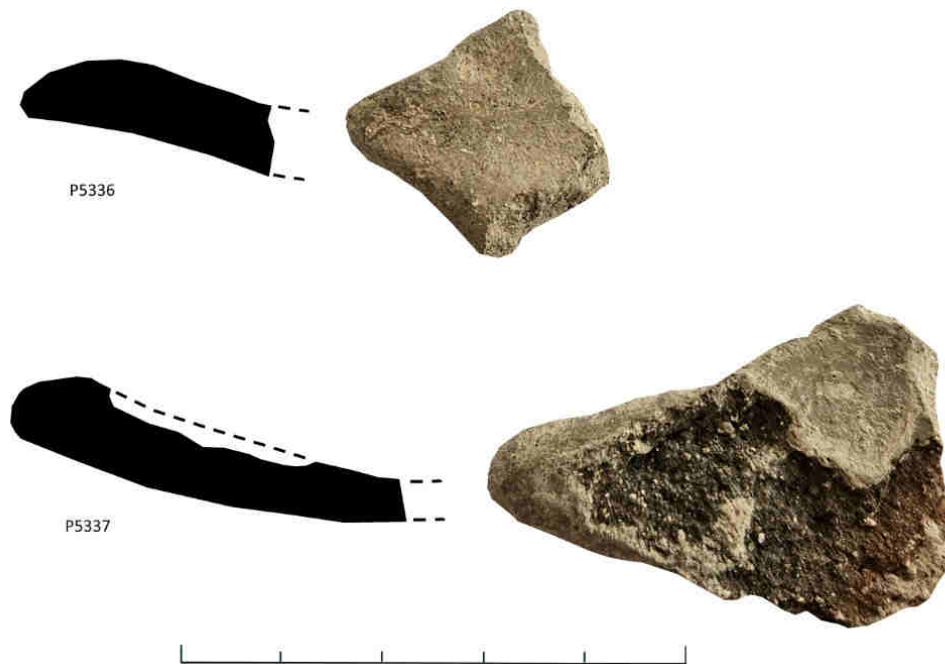


Figura 4.13 – Fragmentos de pequenas colheres recolhidos na Secção A do Fosso 7.

4.1.3 Pesos de tear

No Fosso 7 foram recolhidos 205 fragmentos de pesos de tear, 129 dos quais na Secção A, sendo os restantes provenientes dos depósitos superiores de enchimento [21] e [22], que foram decapados ao longo do traçado do fosso exposto.

Na globalidade deste conjunto, verifica-se o claro predomínio dos crescentes, com 178 (86.8%), dos quais 104 correspondem a fragmentos de secção circular/subcircular e os restantes 74 a crescentes de secção achatada. No que respeita às placas, de morfologia alongada e predominantemente pouco espessas, foram registados 26 (12.7%), das quais 10 apresentam uma perfuração central na extremidade, 9 têm duas perfurações na extremidade e 7 são fragmentos mesiais.

Registe-se, ainda, um fragmento de um possível peso de corpo cilíndrico, espesso e com vestígios de uma perfuração, evidenciando uma morfologia pouco comum.

4.1.4 Indústria lítica talhada

Comparativamente com os materiais cerâmicos, a indústria lítica talhada presente na Secção A do Fosso 7 é bastante reduzida e pouco diversificada (Tabela 4.1).

Em termos macrolíticos, estão presentes seixos de quartzito em bruto (10) ou fragmentados (19) e talhados (3), assim como um núcleo de lascas esquirolado em rocha ígnea.

A produção debitada e utensilagem está representada por 4 lâminas/segmentos de lâmina, uma truncatura sobre segmento de lâmina, 7 lamelas, 46 lascas e 4 pontas de seta de base recta/côncava. A matéria-prima dominante é o quartzo leitoso, sendo que destes materiais apenas 1 segmento de lâmina, a truncatura, 5 lascas e duas pontas de seta são em sílex.

Foram ainda registados 92 fragmentos inclassificáveis de quartzo leitoso, 7 fragmentos inclassificáveis de jaspe e 1 percutor esferoide.



Figura 4.14 – Indústria lítica talhada proveniente da Secção A do Fosso 7: lâminas, lascas e lamelas. Peças 3 e 4 em sílex, as restantes em quartzo leitoso.

4.1.5 Indústria lítica polida

A indústria lítica polida é absolutamente residual, correspondendo a apenas um machado de anfibolito, de secção transversal sub-rectangular e secção longitudinal biconvexa. Apresenta o gume completamente eliminado por percussão (transformação em martelo?), sendo o polimento parcial e o restante tratamento por picotagem.

4.1.6 Metais e metalurgia

As evidências metalúrgicas são igualmente diminutas. Relativamente a etapas produtivas, foram registados um fragmento de cadinho e quatro restos de fundição de cobre.

Relativamente a artefactos, apenas se registou uma ponta de lança ou dardo (Figura 4.16: 4), a qual foi já objecto de análise, discussão e publicação (Bottaini *et al.*, 2018; Basílio, Valera, 2022).

Trata-se de uma peça bastante peculiar, com uma lâmina alongada de 18cm de comprimento, 4 cm de largura máxima e um pedúnculo de 7cm, formando um comprimento total de 25cm. A ponta do pedúnculo encontra-se afiada em bisel e um dos bordos apresenta uma sequência de pequenos entalhes.

No estudo morfológico comparativo da relação comprimento da lâmina / comprimento do pedúnculo realizado utilizando 228 pontas Palmela, 67 punhais de lingueta e 34 pontas de javalina, observou-se que esta peça se isola, ainda que se apresente mais próxima dos punhais de lingueta do que das pontas Palmela ou das javalinas (Figura 4.15). A sua tipologia não é, pois, facilmente enquadrável nos principais grupos da época, seja entre os punhais, seja nas pontas de projectil, apresentando-se como um objecto de características únicas. A sua composição, contudo, enquadra-se totalmente dentro das produções de cobre calcólicas, revelando 98,9% de cobre e 1,1% de arsénio, integrando-se bem dentro do quadro das produções metalúrgicas já analisadas nos Perdígões, que se apresentam tendencialmente como cobres muito puros, com percentagens de arsénio sempre baixas (Bottaini *et al.*, 2017; Valera *et al.*, 2020a).

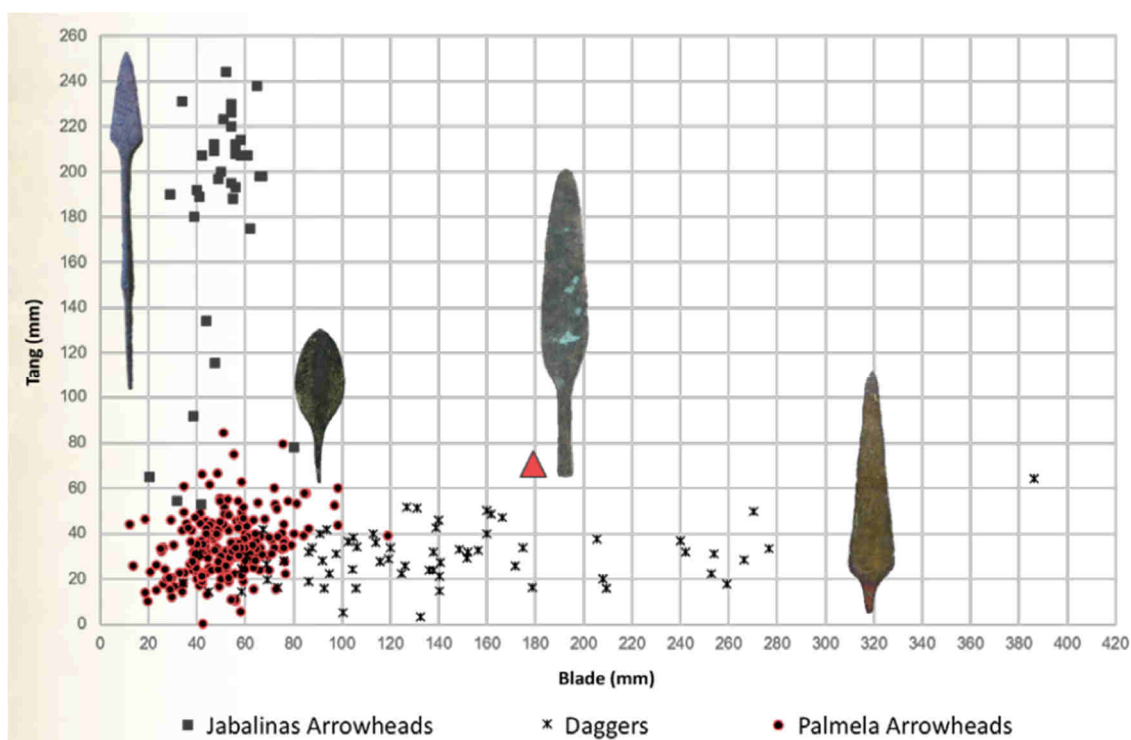


Figura 4.15 – Relação comprimento da lâmina / comprimento do pedúnculo para a ponta do Fosso 7 em comparação com javalinas, pontas Palmela e punhais de lingueta (segundo Basílio, Valera, 2022).

Quanto ao estado de um dos bordos, alterado através de uma sequência de entalhes, levantaram-se várias possibilidades interpretativas. Uma, de carácter mais funcional, seria a sua transformação em serra, mas as características dos entalhes não formam propriamente dentes, pelo que não se formou um serrilhado capaz de proporcionar a função de serra. Outras interpretações relacionam-se mais com o âmbito do simbólico. Caso da possibilidade de essas marcas corresponderem a registos, transformando o objecto numa espécie de memória externa ou de marcador de tempos ou eventos, à imagem de alguns objectos paleolíticos ou das Talas modernas do Norte de Portugal.

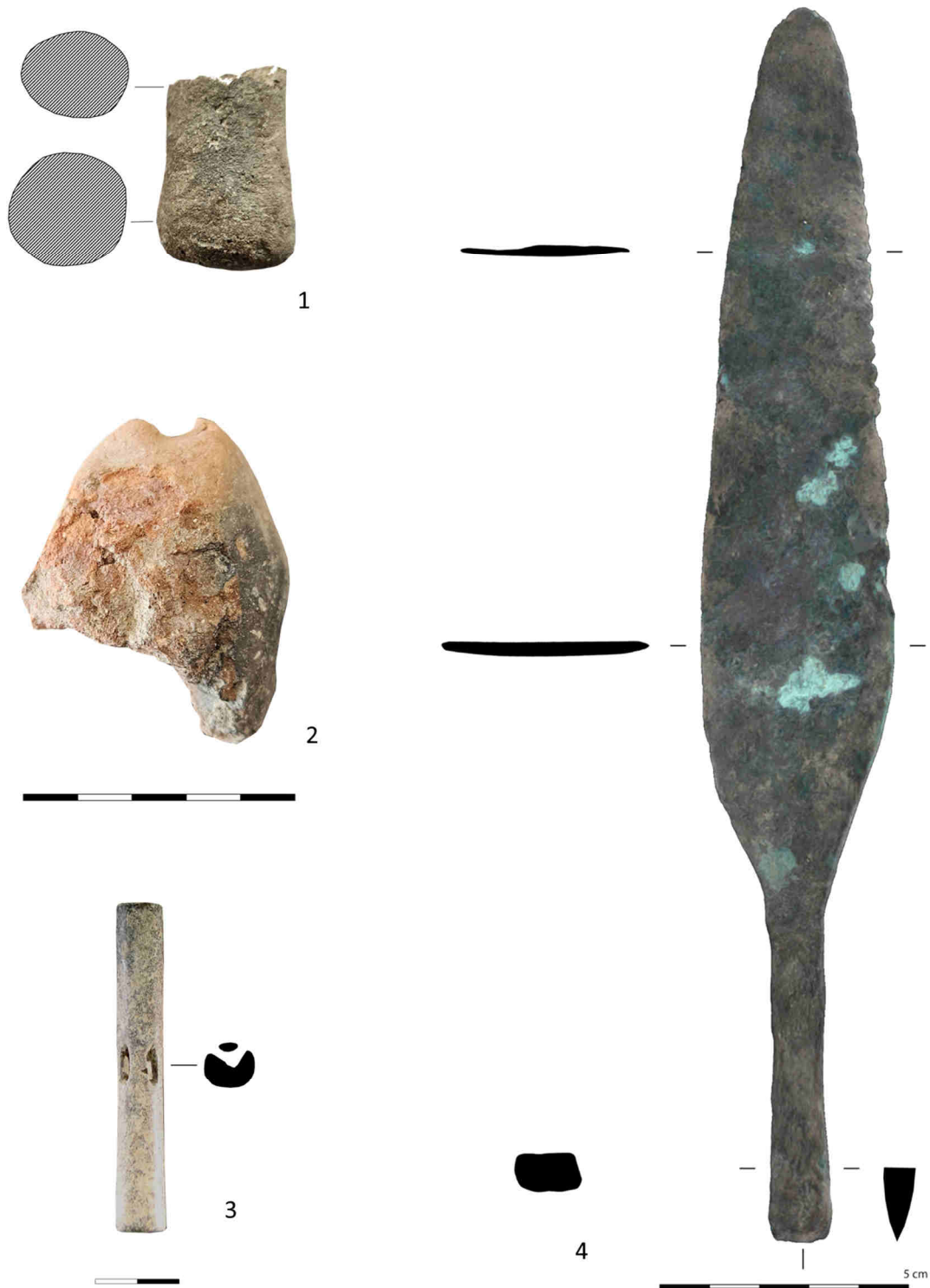


Figura 4.16 – 1. Possível ídolo cilíndrico em cerâmica; 2. Fragmento de ídolo de Cornos; 3. Botão em marfim com perfuração em “V”; 4. Ponta em cobre.

Finalmente, a circunstância do estado e da deposição. O seu contexto de proveniência no Fosso 7 é o interior do empedrado [25] que preenchia o último *recut* (Fase VI), correspondendo a um dos momentos mais tardios da colmatação do fosso, enquadrado dentro da segunda metade do 3º milénio a.C.. Nesse contexto entre pedras, a peça apresentava-se

dobrada, estado que poderá ficar a dever-se ao facto de perto ter passado a relha do arado da surriba, o que terá provocado um efeito em dominó de compressão das pedras. Contudo, não podemos excluir a possibilidade de uma dobragem intencional da peça, numa prática de condenação do objecto comum em produções metálicas, sobretudo em épocas mais tardias. Note-se que neste empedrado, na Secção A, não se recolheram outros materiais, mas apenas esta peça metálica, uma situação de isolamento que sugere intencionalidade e um carácter significativo da deposição, tal como já o seria o preenchimento do *recut* com aquele aglomerado de pedras, numa prática com outros paralelos nos Perdígões.

4.1.7 *Elementos de adorno*

Os elementos de adorno reduzem-se também apenas a uma peça: um botão realizado em marfim. Trata-se de um botão cilíndrico, com 7,8cm comprimento e 1,2cm de largura, que apresenta a meio uma perfuração em “V” (Figura 4.16: 3). É proveniente da [77], Fase III. Botões tipologicamente semelhantes ocorrem noutras áreas peninsulares, como por exemplo em Los Castillejos de Montefrío, Granada (Altamiro García, 2014: Figura 14: 7).

4.1.8 *Artefactos ideotécnicos*

Como objectos de carácter ideotécnico recolheram-se dois fragmentos de “ídolos de cornos” e um fragmento de cilindro cerâmico. Relativamente aos “ídolos de cornos”, um corresponde a um topo com um sulco central que proporciona duas protuberâncias laterais (Figura 4.16: 2) e o outro a uma parte de base. O primeiro é proveniente da [71], o último enchimento do primeiro *recut* da Fase IV, o outro foi recolhido na [93], Fase II. Quanto à pequena peça cilíndrica, apresenta um suave alargamento da extremidade que pode corresponder tanto ao topo como à base da peça (Figura 4.16: 1). Poderá ser um objecto cerâmico análogo aos “ídolos cilíndricos” em calcário e mármore. Note-se que este tipo de peças em cerâmica tem vindo a ser identificado noutros contextos do 3º milénio a.C. do Centro e Sul de Portugal alentejanos (Andrade *et al.*, 2021), existindo vários outros nos Perdígões.

4.1.9 *Os restos humanos*

Como referido, os restos humanos recolhidos na Secção A realizada no Fosso 7 foram já objecto de publicação no âmbito de uma abordagem à manipulação de ossos humanos fora de contextos funerários formais nos Perdígões (Evangelista, Valera, 2019).

Estes restos integravam as unidades contíguas [91] e [92], caracterizadas pela acumulação horizontalizada de pequenas pedras, fragmentos cerâmicos e abundantes restos faunísticos, integrando a Fase II de enchimento do fosso, a qual corresponde à sequência intercalada deste tipo de deposições horizontalizadas de origem antrópica.

Do lado Sul da secção foi recolhida uma mandíbula fragmentada intencionalmente em duas metades depositadas com orientações opostas (Figura 2.11, Figura 4.17) e um fragmento de frontal craniano (Figura 4.17), enquanto do lado norte, acerca de 1.2m de distância, se registaram outros fragmentos possivelmente do mesmo crânio (parietais e occipital), que se apresentavam queimados. O frontal foi classificado como pertencente a uma criança de ≥ 2 anos, enquanto para a mandíbula foi sugerida uma idade de 3.5 (± 12 meses) ou 4 (± 12 meses). Os restantes fragmentos cranianos foram também classificados como pertencentes a um não adulto. Todos estes restos são morfologicamente compatíveis, podendo pertencer a um único indivíduo não-adulto (Evangelista, Valera, 2019). A mandíbula foi datada de meados do 3º milénio a.C. (ICA-15T/1023, 4010 \pm 30BP – 2620-2470 cal BC 2 σ).

Estas deposições de restos humanos fora de contextos funerários formais, nomeadamente em fossos, têm sido registadas noutros fossos dos Perdigões, desde os mais antigos datáveis do final do Neolítico Médio (Fosso 13), passando pelos fossos do Neolítico Final (Fossos 5 e 8), e durante o Calcolítico, em meados / segunda metade do 3º milénio a.C. nos fossos 3, 4 e 2 (Evangelista, Valera, 2019). Trata-se, pois, de uma prática que percorre toda a longa cronologia do sítio e que se caracteriza pela integração intencional de restos humanos, de forma dispersa ou depositados de forma mais estruturada, em níveis que igualmente integram acumulações de restos faunísticos e materiais arqueológicos diversos, com especial preponderância dos fragmentos cerâmicos, mas também indústria lítica e elementos que remetem para o sagrado.

No caso da Fosso 7, particular destaque merece a mandíbula intencionalmente fragmentada em duas metades (através de flexão) e a sua deposição com orientações opostas. Esta circunstância já havia sido identificada na deposição de uma mandíbula, igualmente fragmentada em metade e com as metades sobrepostas com orientações opostas, no interior do Fosso 13 (Valera, 2018; Evangelista, Valera, 2019) e também sublinhada na deposição de alguns restos faunísticos (Valera *et al.*, 2020b), sugerindo a expressão de simbolismos de natureza dual ou dicotómica.

Igualmente interessante é a presença dos fragmentos cranianos queimados, tendo em conta que a Secção A realizada no Fosso 7 se situa a apenas 40m dos contextos de deposições de cremações da área central dos Perdigões, sendo que a cronologia obtida para a mandíbula se sobrepõe, como vimos, ao intervalo estabelecido pelo conjunto de datações obtidas para aquelas cremações.

Por último, destaque para os resultados obtidos para a mandíbula relativamente aos valores de $^{87}\text{Sr}/^{86}\text{Sr}$, os quais revelam uma origem exógena ao vale da Ribeira do Álamo (Valera *et al.*, 2020c), alinhando com a maioria dos resultados obtidos para as oito dezenas de indivíduos dos Perdigões analisados para determinação de mobilidade. Contudo, há que sublinhar que, tratando-se de um dente decidual de um sub-adulto com 3 a 5 anos, estes valores poderão reflectir mais a situação materna que a da criança.



Figura 4.17 – Frontal de crânio e mandíbula seccionada recolhidos no Fosso 7.

4.2 A COMPONENTE MATERIAL DAS FOSSAS

A componente artefactual registadas nas cinco fossas calcolíticas escavadas no Sector P (Tabela 4.2) é composta por material cerâmico (fragmentos de recipientes e pesos de tear), indústria lítica talhada e pontuais elementos de adorno ou elementos ideotécnicos.

Tabela 4.2 – Componente artefactual registada por fossa e unidade estratigráfica.

		Bordos	Bojos	Bojo pega/mamilo	Carena	Colher	Pesos Tear	Machado	Ponta de Stea	Lâmina Silex	Lamela Quartzito	Núcleo Quartzito	Lasca Quartzito	Frag. Quartzito	Frag. jaspe	Seixo	Frag. Seixo Qz	Seixo Talhado	Percutor esferóide	Ocre	Conta de colar	Ídolo cilíndrico	
Fossa 36	8	19	146								1	1	6	11									
Fossa 37	33	6	93				4	1					2	1		1							
	34	21	63				5												4				
	35	16	60				6	1		1			2	4							1		
Fossa 38	41	8	3			1	13																
Fossa 39	31	39	147				7		1					5				1	1				1
Fossa 47	55	24	53	1			2						2	2			2						
	59		4																				
	60	28	267				7		1					1	2		1		1				
	78	2	98	1																			
	79	35	204		1		6		1														
	84	14	84				1																1

4.2.1 A Fossa 47

Na Fossa 47, como no Fosso 7, a categoria mais representada são os fragmentos de recipientes cerâmicos (813), entre os quais se contabilizaram 103 bordos. Destes, 59 (57%) permitiram atribuição formal. Predominam, uma vez mais, os pratos (47 – 79.6%) na sua variedade de bordos, mas com grande domínio dos espessados internamente. Com baixa representatividade seguem-se as taças simples (5 – 10.6%), as taças carenas e as tigelas com 3 (5%) exemplares cada e apenas um grande globular (1.7%).

Os fragmentos de pesos de tear totalizam 13, dos quais 6 correspondem a extremidades ou fragmentos mesiais de crescentes de secção circular, 3 a fragmentos mesiais de crescentes de secção achatada, 2 a fragmentos distais de placa com perfuração central, 1 a fragmentos distal de placa com duas perfurações e 1 a um fragmento atípico, muito pequeno, de tendência cilíndrica e com restos de perfuração.

A indústria lítica talhada é composta por 2 pontas de seta, 1 fragmento de quartzito e 2 de jaspe, 1 fragmento de seixo de quartzito e um percutor esferóide.

No depósito de base foi recolhida uma pequena conta de colar discoide em concha.

4.2.2 A Fossa 39

Na Fossa 39, dos 186 fragmentos cerâmicos recolhidos, 39 correspondem a bordos, dos quais 24 têm atribuição formal. O espectro formal é mais variado que na Fossa 47, mas os pratos, com 10 (41.6%) exemplares, continuam dominantes, predominando largamente os de bordo almendrado. As taças surgem com 5 (20.8%) exemplares, as tigelas com 3 (12.5%). Os esféricos globulares, as taças de carena média esbatida, as taças de carena alta, os troncocónicos, os

recipientes de colo vertical alto e os recipientes de bordo invertido horizontalizado surgem com apenas 1 (4.1%) exemplar cada.

Os pesos de tear estão representados por 7 unidades, correspondendo 5 a extremidades ou a fragmentos mesiais de crescente de secção circular, 1 a um fragmento mesial de crescente de secção achatada e 1 a um fragmento distal de placa com perfuração lateral (Figura 4.20).

A indústria lítica talhada é composta por 1 ponta de seta, 5 fragmentos de quartzo, 1 seixo de quartzito talhado e 1 percutor esferoide.

Por último, recolheu-se um pequeno ídolo cilíndrico em calcário, com 4.3cm de altura e 2cm de largura (Figura 4.18).

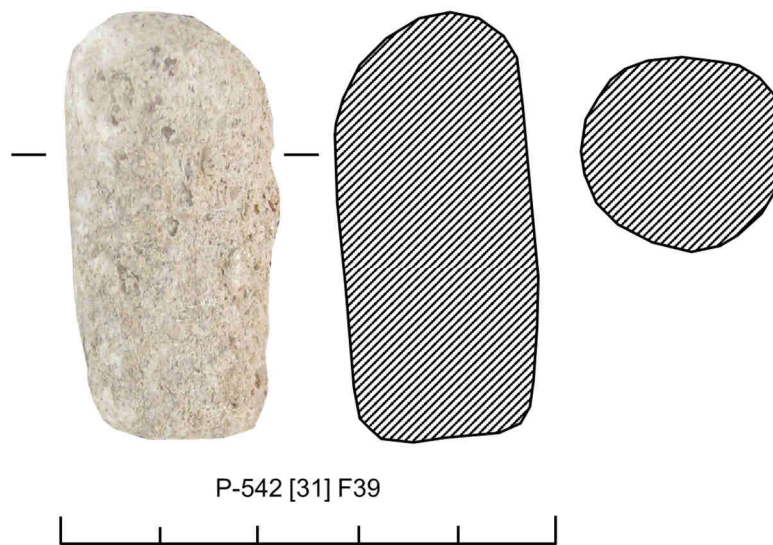


Figura 4.18 – Pequeno betilo em calcário proveniente da Fossa 39.

4.2.3 A Fossa 37

Foram recolhidos 259 fragmentos cerâmicos, dos quais 43 são bordos. Destes, 19 (44.1%) pertencem a pratos, sobretudo espessados internamente ou bi-espessados, seguindo-se a taças simples e taças fundas (11 – 25.5%), as tigelas (5 – 11.6%), os esféricos/globulares (4 – 9.3%) e um vaso lucerna de carena média (Figura 4.19).

Os pesos de tear apresentam 15 registos. 5 são fragmentos de extremidades de crescentes de secção circular e os restantes 10 de placas: 7 extremidades com perfuração central, 1 extremidade com perfuração lateral, 3 extremidades com duas perfurações e um canto de placa com uma perfuração (Figura 4.20).

A pedra polida está representada por duas peças: uma enxó e um machado/martelo em anfíbolito (Figura 4.21). A enxó apresenta 12cm de comprimento, 5.3cm de largura e 3cm de espessura. A secção transversal é sub-rectangular de cantos arredondados e a secção longitudinal ligeiramente trapezoidal convergente para o gume, que está boleado. O corpo da peça tem acabamento predominantemente picotado, com polimento no gume. Já o machado, tem 12cm de comprimento, 7.9cm de largura máxima e 4.5cm de espessura. Os flancos são trapezoidais convergentes para o talão, a secção transversal é sub-rectangular com ângulos arredondados e a secção longitudinal é bi-convexa. O corpo apresenta-se predominantemente

picotado ou simplesmente facetado, tendo restos de polimento no gume, que se encontra bastante boleado (transformação em martelo?).

Já a indústria lítica talhada é composta por 1 segmento de lâmina em sílex, 4 lascas e 5 fragmentos de quartzo, 1 seixo de quartzito a 4 percutores esferoides, a que se junta 1 fragmento de ocre vermelho.

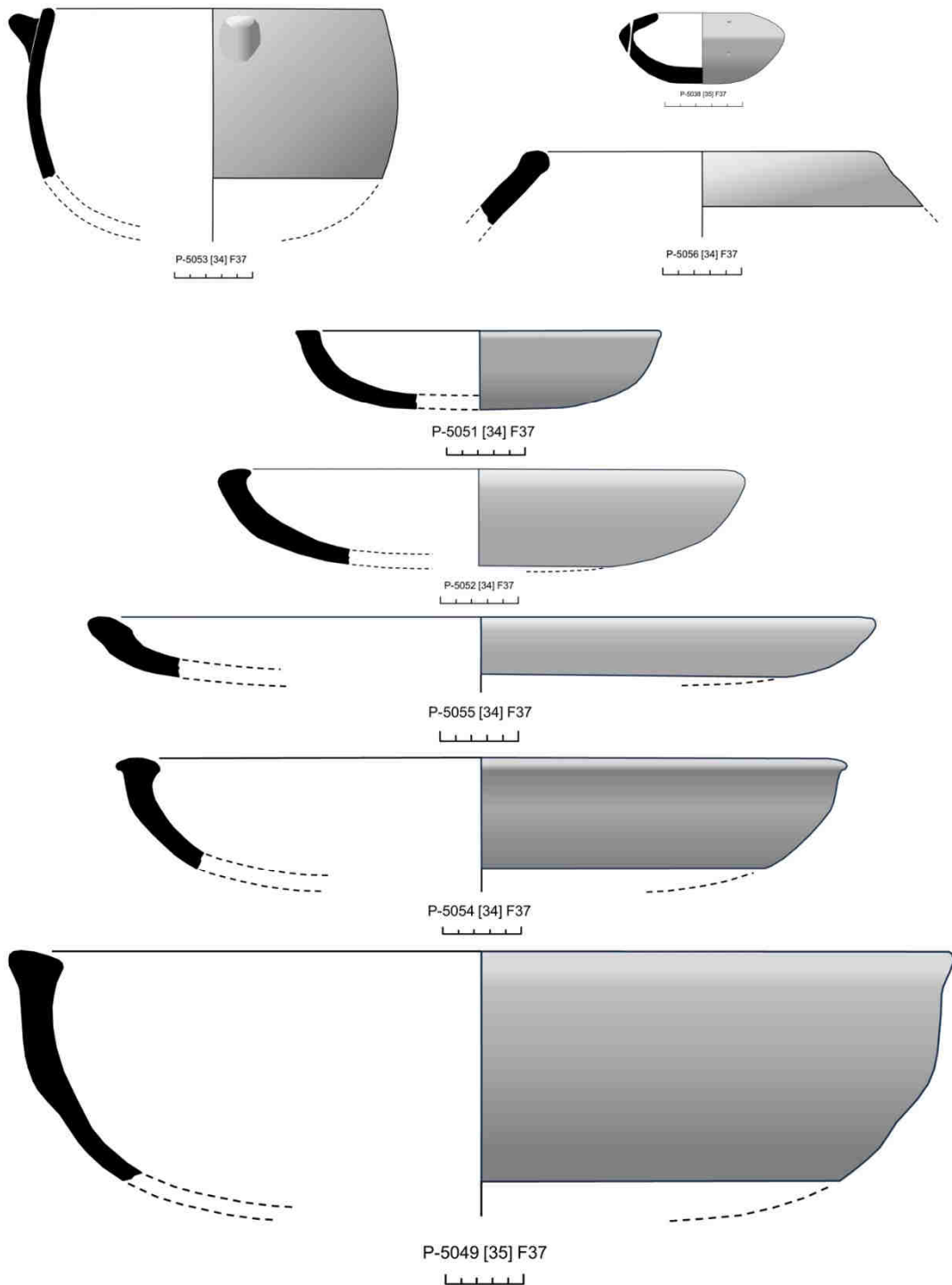


Figura 4.19 – Recipientes cerâmicos da Fossa 37.

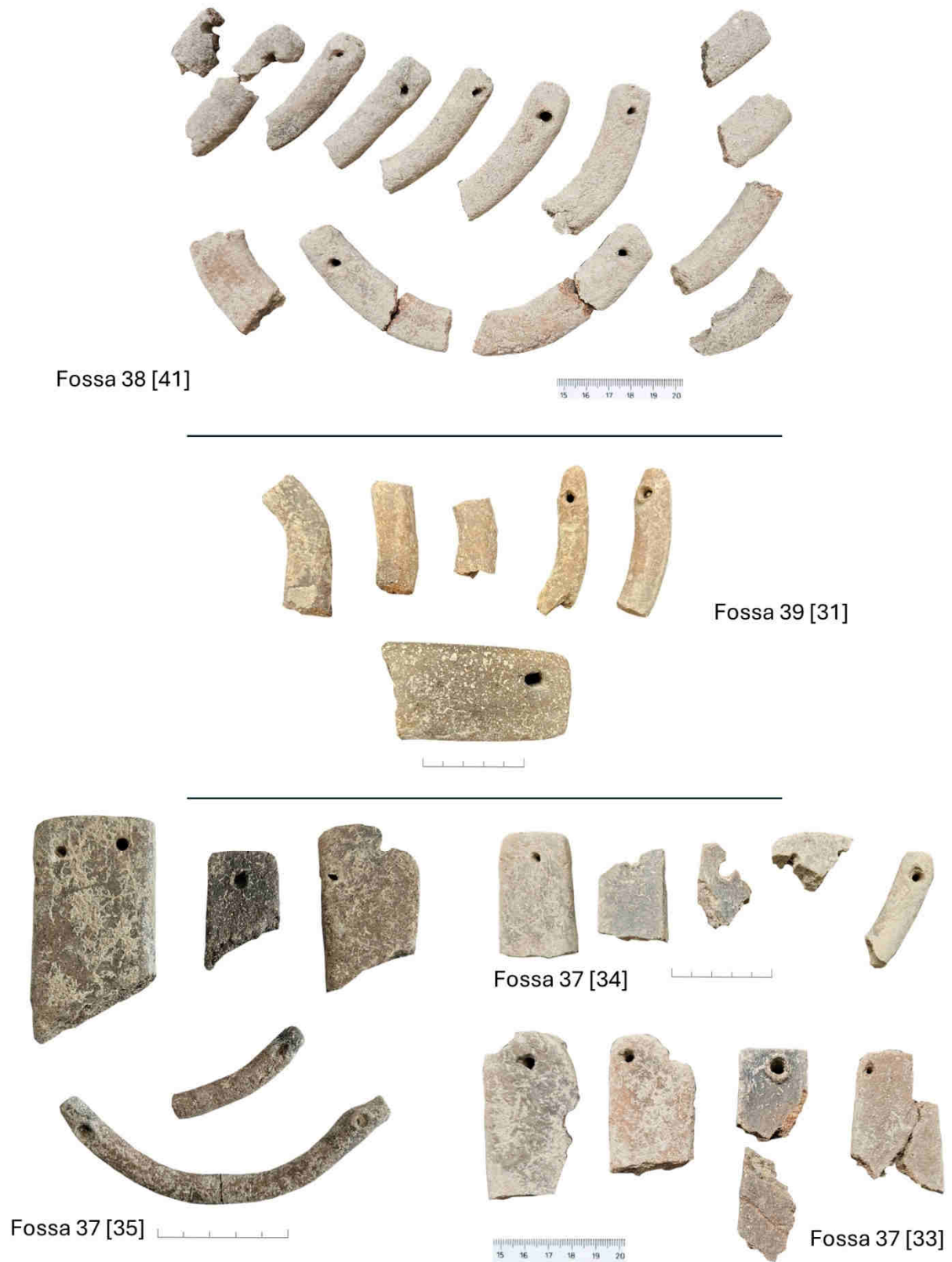


Figura 4.20 – Pesos de tear recolhidos nas Fossas 37, 38 e 39.



Figura 4.21 – Instrumentos de pedra polida e percutores esferoides da Fossa 37.

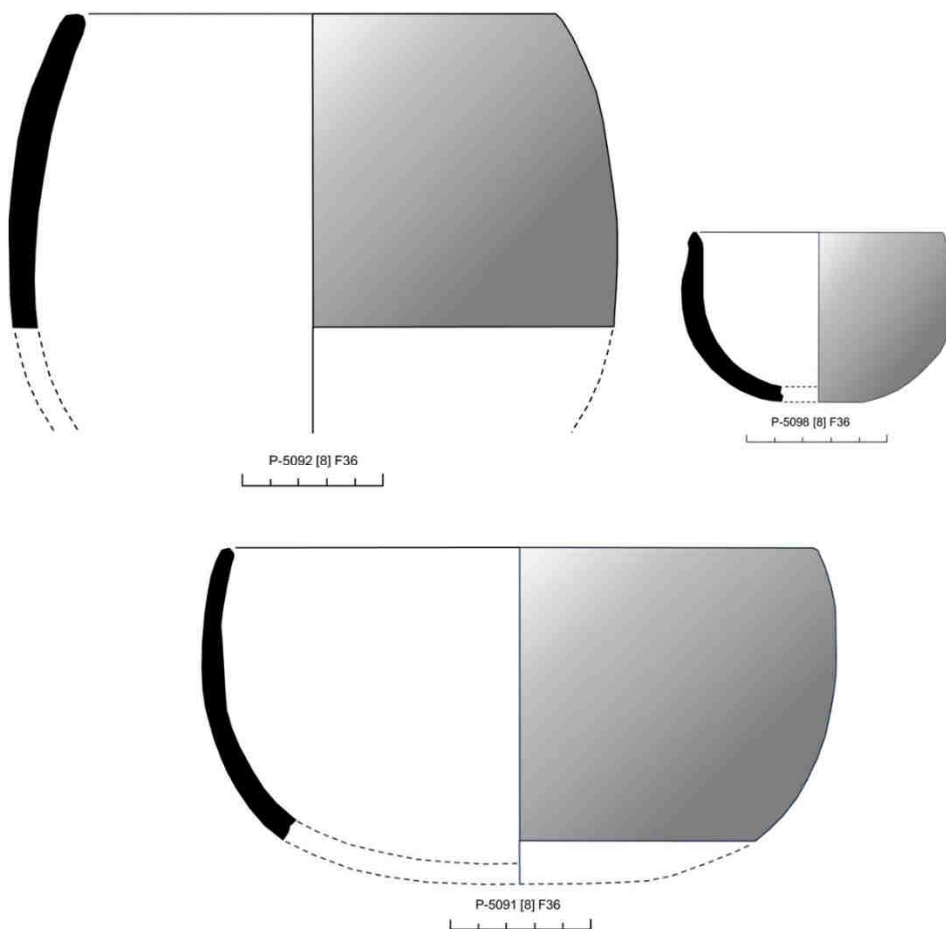


Figura 4.22 – Formas predominantes na Fossa 36.

4.2.4 A Fossa 38

A Fossa 38 forneceu apenas 11 fragmentos cerâmicos, sendo 8 bordos. Metade permitiu atribuição formal, correspondendo a um exemplar de prato, de taça, de tigela e de esférico/globular. Ocorre ainda um fragmento de pequena colher em cerâmica. Já os pesos são em número de 13, dos quais 5 correspondem a fragmentos de extremidades e partes mesiais de crescentes de secção circular e 8 a fragmentos de extremidades e partes mesiais de crescentes achatados (Figura 4.20). Não foram registados quaisquer elementos líticos ou outros.

4.2.5 A Fossa 36

A Fossa 36 forneceu 165 fragmentos cerâmicos, dos quais 19 são bordos. Destes, 13 possibilitaram atribuição formal. Ao contrário dos restantes contextos, predominam as tigelas (8 – 61.5%), seguidas por 2 esféricos globulares (15.3%), 1 único prato (7.6%), 1 taça (7.6%) e 1 tigela de paredes trocónicas altas e carena baixa (1%).

Os restantes materiais correspondem alguns restos de indústria lítica talhada, onde se contabilizam 1 lamela, 6 lascas, 1 núcleo e 11 fragmentos, tudo em quartzo leitoso.

4.3 UM PREDOMÍNIO LOCAL/REGIONAL PONTUADO POR ELEMENTOS EXÓGENOS

Tomados no seu conjunto, os materiais provenientes dos contextos calcolíticos escavados no Sector P (Fosso 7 e Fossas, 36, 37, 38, 39 e 47) revelam um claro predomínio dos elementos locais / regionais, quer ao nível do estilo quer ao nível das matérias-primas. Tal é visível nas morfologias do aparelho cerâmico, tanto nos recipientes como nos pesos de tear, assim como na componente lítica, onde predomina uma indústria sobre quartzo leitoso, jaspes e seixos de quartzito. Nesta matriz regionalista, contudo, surgem vários elementos que traduzem importações ou influências exógenas, as quais, como veremos adiante, se encontram bem representadas nos contextos da área central do recinto delimitado pelo Fosso 7 (Capítulo 7).

No âmbito das matérias-primas, o botão em marfim relaciona-se com as abundantes importações registadas nos Perdigões, tanto de presas ou fragmentos de presas como de objectos acabados (Valera *et al.*, 2015; Valera, 2020). Estes materiais, contudo, ocorrem sobretudo em contextos funerários, seja nos Sepulcros 1 e 2 do extremo Este dos recintos, seja nos contextos de deposições de cremações na área central, mas também em contextos campaniformes não funerários nesta última área, e que se encontram relativamente perto da secção intervencionada no Fosso 7. Sublinhe-se que, nesta área central dos Perdigões, os marfins que ocorrem fora do contexto funerário de deposição de cremações correspondem igualmente a botões, ainda que de tipologia diferente (hemi-esféricos e “tartaruga”). Outros objectos em matérias-primas exógenas são os parcos líticos em sílex, os cobs e o pequeno betilo cilíndrico em calcário. Esta última categoria de peças também é, até ao momento, rara nos Perdigões fora de contextos funerários.

Já do ponto de vista estilístico surgem, como elementos relacionados com a integração dos Perdigões nessas redes de interacção de larga escala, a decoração cerâmica pintada, o campaniforme de estilo ciempozuelos, a decoração tipo “Penha” e, eventualmente, a ponta de lança ou dardo em cobre, ainda que para esta não existam claros paralelos formais, mas apenas uma relativa proximidade às produções metálicas da segunda metade do 3º milénio a.C..

Em síntese, as intervenções em contextos calcolíticos no Sector P ocorreram nos limites do recinto central dos Perdigões e revelaram uma componente material essencialmente local/regional, mas onde se faz sentir a presença de alguns elementos exógenos, circunstância

relacionável com as ocupações da área mais central desse recinto, onde esses elementos importados são bem mais abundantes, ainda que dentro de uma matriz de base regional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTAMIRO GARCÍA, M. (2014) – Hueso, asta y marfil. Manufactura de artefactos durante el III milenio A.C. en el poblado de Los Castillejos (Montefrío, Granada). *Saguntum*. 46: 21-40.
- ANDRADE, M.A.; COSTEIRA, C.; MATALOTO, R. (2021) – In Our Image, after Our Likeness. On gods, idols and symbolic representation in dwelling areas in Southern Portugal (4th-3rd millennia BCE), in: Buena Ramírez, P.; Soler Díaz, J.A. (eds.) *Mobile images of ancestral bodies: a millennium-long perspective from Iberia to Europe*. Vol. II. Zona Arqueológica 23. Alcalá de Henares. MAR: 95-119.
- ARMBRUESTER, T. (2007) – Technology neglected? A painted ceramic fragment from the dated Middle Neolithic site of Vale Rodrigo 3. *Vipasca*. Nº 2. 2ª Série: 83-94.
- BASÍLIO, A.C.; VALERA, A.C. (2022) – Tell me what you see: late deposition of an atypical metallic artefact in Perdigões. *Actas del Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Badajoz. Ayuntamiento de Zafra: 351-384.
- BOTTAINI, C.E.; BRUNETTI, A.; MONTERO-RUIZ, I.; VALERA, A.C.; CANDEIAS, A.; MIRÃO, J. (2017) – Use of Monte Carlo simulation as a tool for non-destructive ED-XRF analysis of archaeological copper-based artifacts from the Chalcolithic site of Perdigões, Southern Portugal. *Applied Spectroscopy*. 0(0) I-II. Doi 10.1177/003702817721934
- CARDOSO, J.L.; MARTINS, F.; SOARES, A.M. (2025) – Gruta artificial de S. Paulo II (Almada). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 35: 117-310.
- CARRASCO RUS, J.; PACHÓN ROMERO, J.A. (2010) – Las cerámicas neolíticas peinadas y pintadas andaluzas y su relación con los soportes muebles orgánicos de la “Cueva de los Murciélagos” de Albuñol (Granada). *Archivo de Prehistoria Levantina*. Vol.XXVIII: 107-137.
- COSTEIRA, C.; MATALOTO, R. (2019) – A cerâmica de engobe vermelho dos povoados do 4º/3º milénio a.n.e. de São Pedro (Redondo, Alentejo Central). *Setúbal Arqueológica*. 18: 71-88.
- EVANGELISTA, L.S.; VALERA, A.C. (2019) – Segmenting and depositing: the manipulation of the human body in ditched enclosures seen from Perdigões, In: A.C. Valera (Ed.) *Fragmentation and depositions in Pre and Proto-Historic Portugal*. Lisboa. NIA-Era Arqueologia: 47-69.
- LIMA, P. (2013) – *Avaliação de Novas Metodologias Espectrais e de Modelação Tridimensional Digital no Estudo da Arte rupestre – Resultados da sua aplicação no estudo do abrigo da Pala Pinta (Alijó), Trás-os-Montes*, Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade do Porto, Porto.
- MURILLO DÍAZ, T.; FERNÁNDEZ GÓMEZ, F. (2008) – Las cerámicas pintadas de la Edad del Cobre en Valencina de la Concepción (Sevilla). *Espacio, Tiempo y Forma*. Serie I. Nueva Época. Prehistoria y Arqueología. T1: 299-314.
- SILVA, M.M.S.; SANTOS, P.J.M. (1988/89) – As cerâmicas tipo Penha do museu da Sociedade Martins Sarmento-Guimarães. Estudo tipológico. *Portugália*. Nova Série. Vol. IX-X: 63-90.
- VALERA, A.C. (1997) – *O Castro de Santiago (Fornos de Algodres, Guarda)*. *Aspectos da calcolitização da bacia do alto Mondego*. Textos Monográficos 1. Lisboa. Câmara Municipal de Fornos de Algodres.
- VALERA, A.C. (2003) – Problemas da neolitização na bacia interior do Mondego a propósito de um novo contexto: a Quinta da Assentada (Fornos de Algodres, Guarda). *Estudos Pré-Históricos*. Vol. X. Viseu: 5-29.
- VALERA, A.C. ed. (2018) – *Os Perdigões Neolíticos. Gênese e desenvolvimento (de meados do 4º aos inícios do 3º milénio AC)*. *Perdigões Monográfica*. 1. Lisboa. NIA-ERA.
- VALERA, A.C. (2020) – Interação e recursos exóticos na Pré-História Recente: a circulação e consumo de marfim em Portugal, in: R. VILAÇA. R.S. AGUIAR (Coord.), *Mobilidades na Pré-história. Pessoas, recursos, objetos, sítios e territórios*. Coimbra. Imprensa da Universidade de Coimbra: 135-181.
- VALERA, A.C. (2024) – Conexões setentrionais. A circulação de cerâmicas decoradas com "pastilhas repuxadas" vista a partir dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz). *De Gibraltar aos Pirinéus. Megalitismo, vida e morte na fachada atlântica peninsular (In Memoriam João Carlos de Senna Martinez)*. Lisboa. UNIARQ: 145-167.
- VALERA, A. C. ; BASÍLIO, A. C.; ALMEIDA, N. (2020b) – The Fragment, The Half, and The Whole: approaching pottery and fauna depositions in Pit 50 of Perdigões enclosure (first half of the 3rd millennium BC). *Estudos Do Quaternário / Quaternary Studies*. (20): 11-33. <https://doi.org/10.30893/eq.v0i20.189>
- VALERA, A.C.; BOTTAINI, C.; BASÍLIO, A.C. (2020a) – A deposição de uma alabarda em contexto campaniforme na área central do recinto dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz). *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 14: 41-49.
- VALERA, A.C.; SCHUHMACHER, T.X.; BANERJEE, A. (2015) – Ivory in the Chalcolithic enclosure of Perdigões (South Portugal): the social role of an exotic raw material. *World Archaeology*. 47(3): 390-413. <https://10.1080/00438243.2015.1014571>.
- VALERA, A. ; ŽALAITĖ, I. ; MAURER, A.F.; GRIMES, V.; SILVA, A.M.; RIBEIRO, S.; SANTOS, J.F.; BARROCAS DIAS, C. (2020c) – Addressing human mobility in Iberian large prehistoric ditched enclosures: the case of Perdigões (South Portugal). *Journal of Archaeological Sciences Reports*. 30: 102264. <https://doi.org/10.1016/j.jasrep.2020.102264>

5 AS FAUNAS DO FOSSO 7: FASEAMENTO E (RE)LEITURA DIACRÓNICA

Nelson J. Almeida*

5.1 ENQUADRAMENTO

O recinto de fossos dos Perdigões mantém-se como um dos contextos chave para a compreensão da Pré-história recente do Oeste Europeu. Em paralelo, tornou-se uma referência incontornável para o estudo das dinâmicas relações humano-animal, incluindo para além de aspectos de consumo, outras problemáticas de natureza arqueofaunística associadas à Pré-história recente do Sudoeste peninsular.

Entre as várias amostras publicadas para este sítio, o conjunto proveniente do Fosso 7 adquiriu especial relevância pela sua dimensão e pela pertinência das questões a que esteve associado na sua publicação inicial. De relevar a identificação de diferenças significativas ao longo do faseamento do Fosso 7, e a apresentação de uma síntese sobre a diacronia do sítio e as mudanças nos espectros arqueofaunísticos que a acompanham (Almeida, Valera, 2021). Este estudo, no seguimento e em conjunto com outros que foram publicados anteriormente (e.g., Valera, 2015), permitiu expandir a discussão sobre os registos arqueofaunísticos, contribuindo para discussões de âmbito regional e supra-regional (e.g., Almeida, Detry, 2023; Almeida *et al.*, 2024; Schirmacher *et al.*, 2024).

Inicialmente, uma das hipóteses avançadas incidia sobre a oscilação do rácio entre táxones selvagens e domesticados. A comparação do registo do Fosso 7 com outros contextos “não funerários” dos Perdigões, não obstante as limitações decorrentes da aplicação de uma dicotomia rígida, demonstrou que a prevalência de caça era mais expressiva durante o Neolítico (Cabaço, 2010; Costa, 2018), diminuindo com a transição para o 3.º milénio a.n.e. e voltando a aumentar nos contextos da segunda metade desse milénio (Costa, 2013; Cabaço, 2017; Valera *et al.*, 2020; Almeida, Valera, 2021). Para reduzir os vieses associados às espécies de pequeno porte reconhecidos durante a Pré-história recente e decorrentes de problemas de recuperação, preservação ou de falta de caracterização tafonómica (Almeida *et al.*, 2022), a análise centrou-se nas espécies de maior dimensão, englobando equídeos, bovinos, cervídeos, suínos e caprinos.

* Nelson J. Almeida (nelson.almeida@uevora.pt), U. Évora, Centro de História da Arte e Investigação Artística (CHAIA), Associate Laboratory for Research and Innovation in Heritage, Arts, Sustainability and Territory (IN2PAST), Escola de Ciências Sociais. Centro de Arqueologia (UNIARQ) da U. Lisboa. <https://orcid.org/0000-0002-3653-0850>

Com a obtenção de um faseamento mais fino para os contextos do Fosso 7 apresentado e discutido nesta obra, justifica-se retomar a análise deste conjunto à luz das novas datações, situando as evidências nas escalas do contexto, do sítio e da região. O presente capítulo não implicou a reanálise directa dos materiais, mas envolveu o cálculo de diversos índices, apresentando-se aqui o *Number of Specimens* (NSP), o *Number of Identified Specimens* (NISP) e o *Minimum Number of Individuals* (MNI).

O nosso objectivo é aferir as oscilações existentes ao longo da estratigrafia do Fosso 7 do ponto de vista taxonómico e demográfico, porquanto, grosso modo, as interpretações relativas a aspectos anatómicos ou até tafonómicos mantêm-se na sua generalidade inalteradas. Para uma descrição detalhada da metodologia analítica aplicada remete-se para Almeida e Valera (2021), cujos procedimentos se mantêm na apresentação dos resultados que se seguem. Por questões de facilidade de leitura, apenas esclarecer que os Grupos de Peso (GP) utilizados são: GP 0 (indeterminado), GP 1 (<20 kg), GP 2 (20-100 kg), GP 3 (100-300 kg) e GP 4 (>300 kg). Por vezes, a aproximação ao GP é mais generalista pelo que poderá ser indicado como correspondendo à variação de dois GPs (e.g., GP 2.3 = 20-300 kg).

O conjunto analisado integra um total de 3347 (NSP) registos, sendo que em vez das três Fases anteriormente referidas, agora encontram-se distribuídos pelas sete Fases do Fosso 7 (Figura 5.1). Contudo, denotam-se disparidades numéricas relevantes nas amostras das diferentes fases. A Fase I (NSP = 118) tem um número reduzido de materiais face ao observado nas restantes fases, enquanto a Fase II (NSP = 1219) destaca-se pela maior abundância de espécimes, seguida pela Fase III (NSP = 794). As Fases IV (NSP = 477) e VII (NSP = 366) apresentam abundâncias comparativamente intermédias, ao passo que as Fases V (NSP = 158) e VI (NSP = 215) são menos expressivas. O enquadramento cronológico destas sete fases, obtido a partir das novas datações e relações estratigráficas, permite situar cada conjunto no quadro temporal refinado do Fosso 7 e estabelecer as correspondências necessárias para a análise diacrónica.

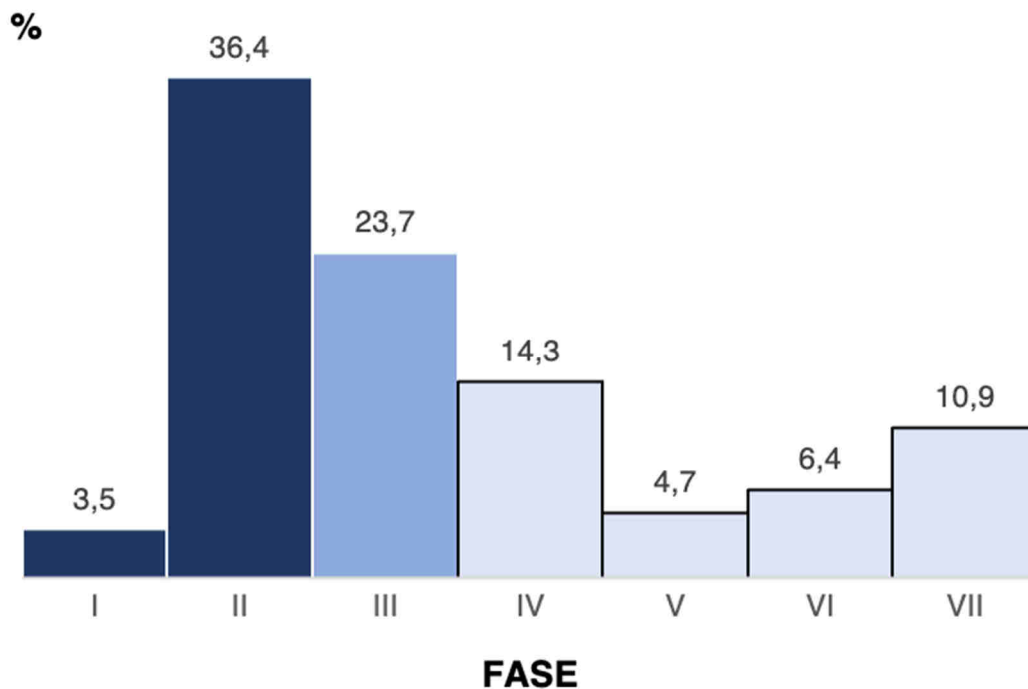


Figura 5.1 - Histograma de distribuição percentual por Fase do Fosso 7 (NSP = 3347).

5.2 RESULTADOS

5.2.1 Fase I

A Fase I integra materiais provenientes das unidades [98] e [99], correspondendo a 3,5% do total do conjunto aqui apresentado. Entre os restos taxonomicamente identificáveis observa-se a prevalência de *Sus* sp., seguido pelo conjunto dos caprinos, no qual foi possível identificar *Ovis aries* (Tabela 5.1). Os restantes táxones estão representados de forma vestigial, incluindo valores mínimos de equídeos, bovinos, cervídeos, leporídeos e aves.

Os restos indeterminados taxonomicamente correspondem essencialmente, senão unicamente, a fauna mamalógica, com destaque para elementos de GP 2, em concordância com o perfil taxonómico referido.

O cálculo do MNI indica a predominância de indivíduos sub-adultos e adultos, embora tenham sido identificados também exemplares infantis e juvenis de suíno e caprino.

Tabela 5.1 - NSP, NISP, MNI e dispersão por grupos de idade calculados para a Fase I.

	NSP	%	MNI	%	Infantil	Juvenil	Sub-adulto	Adulto
<i>Equus</i> sp.	1	0,8	1	11			1	
<i>Bos</i> sp.	1	0,8	1	11			1	
<i>C. capreolus</i>	1	0,8	1	11				1
<i>Ovis aries</i>	1	0,8	1	11			1	
<i>Ovis/Capra</i>	5	4,2	1	11		1		
<i>Sus</i> sp.	14	11,9	2	22	1	1		
<i>O. cuniculus</i>	2	1,7	1	11				1
Aves	1	0,8	1	11			1	
Indeterminados								
GP 0	42	35,6						
GP 1.2	6	5,1						
GP 2	39	33,1						
GP 3	3	2,5						
GP 3.4	2	1,7						
Total	118	100	9	100	1	1		2
						1		
						4		

5.2.2 Fase II

Os registos atribuídos à Fase II englobam as UEs [83], [85], [86], [89], [90], [91], [92], [93], [94], [95], [96] e [97]. Suínos (n = 119) e caprinos (n = 117) apresentam valores NISP muito próximos, tendo sido possível identificar especificamente restos de *Capra hircus*, prevalentes face a *Ovis aries* (Tabela 5.2). Apesar de similitudes a nível de NISP, se olharmos para o MNI verifica-se a prevalência dos suínos face aos caprinos, pelo que se depreenderia uma maior variedade na representatividade anatómica dos caprinos, ainda que outros factores de ordem tafonómica ou transporte selectivo possam ser também relevantes.

Os bovinos registam valores relevantes, sendo escassos os exemplares atribuídos a *Bos primigenius* face ao predomínio de *Bos taurus*. De facto, os restos identificados como *Bos* sp. correspondem com elevada probabilidade sobretudo à variante domesticada, dada a gracilidade generalizada dos espécimes, apesar da comum ausência de dados biométricos lineares.

Consideração semelhante poderia aplicar-se a *Sus* sp.. A caça está representada especialmente por restos de *Cervus elaphus*, que, no entanto, evidenciam a menor importância das práticas cinegéticas durante a Fase II, com valores absolutos comparáveis aos registados para os leporídeos. Registaram-se alguns fragmentos de aves indeterminadas e um de valva de *Ruditapes decussatus*.

Face à Fase I, a estimativa de MNI revela uma maior diversidade nos padrões de abate. Entre os caprinos foram identificados indivíduos neonatos e infantis até sub-adultos, que superam numericamente os adultos. Nos suínos, apesar do predomínio de adultos, observam-se ainda exemplares infantis, sub-adultos e senis, tanto em *Sus domesticus* como *Sus* sp. Os registos indeterminados taxonomicamente, com predominância para elementos de GP 2, alguns de grandes dimensões, mas também de GP 1, encontram-se em consonância com o perfil taxonómico registado para esta fase.

5.2 - NSP, NISP, MNI e dispersão por grupos de idade calculados para a Fase II.

	NSP	%	MNI	%	Neonato	Infantil	Juvenil	Sub-adulto	Adulto	Senil
<i>Equus</i> sp.	4	0,3	1	3,4					1	
<i>Bos primigenius</i>	1	0,1	1	3,4			1			
<i>Bos taurus</i>	26	2,1	2	6,9					2	
<i>Bos</i> sp.	17	1,4								
<i>Cervus elaphus</i>	13	1,1	2	6,9				1	1	
<i>Ovis aries</i>	8	0,7	2	6,9			1		1	
<i>Capra hircus</i>	16	1,3	2	6,9		1			1	
<i>Ovis/Capra</i>	94	7,7	2	6,9	2					
<i>Sus scrofa</i>	6	0,5	2	6,9					2	
<i>Sus domesticus</i>	21	1,7	8	27,6		1		2	3	2
<i>Sus</i> sp.	92	7,5	1	3,4		1				
<i>Lepus</i> sp.	8	0,7	2	6,9			1		1	
<i>O. cuniculus</i>	9	0,7	2	6,9					2	
Leporidae	2	0,2								
Aves	22	1,8	1	3,4					1	
<i>R. decussatus</i>	1	0,1	1	3,4					1	
Indeterminados										
GP 0	401	32,9								
GP 1	15	1,2								
GP 1.2	69	5,7								
GP 2	299	24,5								
GP 2.3	46	3,8								
GP 3	8	0,7								
GP 3.4	25	2,1								
GP 4	16	1,3								
Total	1219	100	29	100	2	2		3	16	2
						1				
							3			

5.2.3 Fase III

Englobando as UEs [50], [61], [64], [72], [73], [74], [76], [77], [81] e [82], a Fase III reúne uma parte substancial dos vestígios analisados, sendo apenas suplantada em termos

quantitativos pela fase precedente (Tabela 5.3). O espectro taxonómico é dominado por suínos, maioritariamente atribuídos a *Sus sp.*, mas com uma associação quase exclusiva ao estatuto domesticado sempre que a separação biométrica foi possível. Esta prevalência é igualmente evidente no MNI, com destaque para os indivíduos adultos, embora se registem ainda outras classes etárias.

O segundo grupo mais representado corresponde aos caprinos, quase unicamente identificados como *Ovis/Capra*, sem predomínio claro de qualquer faixa etária. Os cervídeos apresentam um NISP expressivo, correspondendo a um MNI = 2 adultos, enquanto os bovinos, embora com menor número de restos, revelam um MNI relativamente elevado, incluindo exemplares de *Bos primigenius* e *Bos taurus*.

Outros táxones encontram-se representados de forma residual, incluindo leporídeos (*Oryctolagus cuniculus* e *Lepus sp.*), alguns registos de equídeos e malacofauna, com valvas de *Ruditapes decussatus*. Os registos indeterminados apresentam predominância de GP 2, seguidos por elementos de animais de maior porte, em concordância com o perfil taxonómico observado para esta fase.

5.3 - NSP, NISP, MNI e dispersão por grupos de idade calculados para a Fase III.

	NSP	%	MNI	%	Neonato	Infantil	Juvenil	Sub-adulto	Adulto	Senil
<i>Equus sp.</i>	2	0,3	1	4					1	
<i>Bos primigenius</i>	1	0,1	1	4					1	
<i>Bos taurus</i>	9	1,1	2	8			1		1	
<i>Bos sp.</i>	6	0,8	1	4	1					
<i>Cervus elaphus</i>	22	2,8	2	8					2	
<i>Capra hircus</i>	1	0,1	1	4					1	
<i>Ovis/Capra</i>	34	4,3	3	12		1	1		1	
<i>Sus scrofa</i>	2	0,3	1	4					1	
<i>Sus domesticus</i>	24	3,0	6	24				2	3	1
<i>Sus sp.</i>	60	7,6	1	4		1				
<i>Vulpes vulpes</i>	2	0,3	1	4					1	
Carnívoro ind.	3	0,4	1	4					1	
<i>Lepus sp.</i>	3	0,4	1	4					1	
<i>O. cuniculus</i>	4	0,5	1	4					1	
Leporidae	1	0,1								
<i>R. decussatus</i>	2	0,3	1	4					1	
Bivalvia	1	0,1	1	4					1	
Indeterminado										
GP 0	241	30,4								
GP 1	6	0,8								
GP 1.2	30	3,8								
GP 2	247	31,1								
GP 2.3	46	5,8								
GP 3	12	1,5								
GP 3.4	22	2,8								
GP 4	13	1,6								
Total	794	100	25	100		2	2	2	16	1
					1				1	

5.2.4 Fase IV

Esta fase integra os espécimes provenientes das UEs [63], [65], [69] e [71], situando-se no intervalo de abundâncias relativas médias no conjunto geral do Fosso 7. Mantém-se a prevalência dos suínos seguidos pelos caprinos (Tabela 5.4). Entre os primeiros, destaca-se uma maior proporção de restos atribuídos a *Sus domesticus*, incluindo indivíduos adultos, um sub-adulto e um juvenil, este último identificado como *Sus sp.* Nos caprinos, o conjunto inclui restos de um indivíduo juvenil e um adulto, sendo possível reconhecer pelo menos um sub-adulto/adulto e um provável senil de *Ovis aries*, bem como um sub-adulto/adulto de *Capra hircus*. Não obstante, a maioria dos espécimes foi identificada genericamente como *Ovis/Capra*.

Tabela 5.4 - NSP, NISP, MNI e dispersão por grupos de idade calculados para a Fase IV.

	NSP	%	MNI	%	Juvenil	Sub-adulto	Adulto	Senil	
<i>Bos primigenius</i>	1	0,2	1	5,9			1		
<i>Bos taurus</i>	4	0,8	1	5,9			1		
<i>Bos sp.</i>	7	1,5							
<i>Cervus elaphus</i>	13	2,7	2	11,8			2		
<i>Capra hircus</i>	1	0,2	1	5,9		1			
<i>Ovis aries</i>	2	0,4	2	11,8		1		1	
<i>Ovis/Capra</i>	20	4,2	2	11,8	1		1		
<i>Sus scrofa</i>	1	0,2	1	5,9			1		
<i>Sus domesticus</i>	6	1,3	3	17,6		1	2		
<i>Sus sp.</i>	31	6,5	1	5,9		1			
<i>Lepus sp.</i>	1	0,2	1	5,9			1		
<i>O. cuniculus</i>	4	0,8	1	5,9			1		
Leporidae	2	0,4							
<i>S. marginatus</i>	1	0,2	1	5,9			1		
Bivalvia	3	0,6							
Indeterminado									
GP 0	175	36,7							
GP 1	3	0,6							
GP 1.2	25	5,2							
GP 2	110	23,1							
GP 2.3	28	5,9							
GP 3	8	1,7							
GP 3.4	19	4,0							
GP 4	12	2,5							
Total	477	100	17	100	1	1	12	1	
					1				
						1			

Os cervídeos surgem de seguida com um MNI = 2 adultos, enquanto para os bovinos, representados por *Bos taurus* e *Bos primigenius*, se estima um MNI = 1 adulto para cada taxa. Os leporídeos apresentam valores semelhantes, tendo-se ainda registado um exemplar de *Solen marginatus*.

No que respeita aos restos não identificados taxonomicamente, os elementos do GP 1 são vestigiais, verificando-se novamente o predomínio do GP 2. Os GP 3 surgem em menor quantidade face aos GP 2.3 e GP 3.4 ou superiores.

5.2.5 Fase V

As UEs [26] e [38] correspondem à Fase V que se apresenta como uma das menos representadas em termos de espécimes, apenas superando a Fase I que é mais antiga. O espectro taxonómico é dominado pelos suínos, seguidos por cervídeos, bovinos e caprinos (Tabela 5.5). Os equídeos estão presentes apenas por um exemplar.

Tabela 5.5 - NSP, NISP, MNI e dispersão por grupos de idade calculados para a Fase V.

	NSP	%	MNI	%	Sub-adulto	Adulto	Senil
<i>Equus sp.</i>	1	0,6	1	14,3		1	
<i>Bos taurus</i>	2	1,3	1	14,3	1		
<i>Bos sp.</i>	3	1,9					
<i>Cervus elaphus</i>	8	5,1	1	14,3		1	
<i>Ovis/Capra</i>	3	1,9	1	14,3			1
<i>Sus domesticus</i>	4	2,5	2	28,6	1		1
<i>Sus sp.</i>	12	7,6					
<i>Bivalvia</i>	1	0,6	1	14,3		1	
Indeterminado							
GP 0	60	38,0					
GP 1	0	0,0					
GP 1.2	0	0,0					
GP 2	36	22,8					
GP 2.3	14	8,9					
GP 3	3	1,9					
GP 3.4	9	5,7					
GP 4	2	1,3					
Total	158	100	7	100	1	3	
					1		
						2	

A reduzida quantidade de restos nesta fase dificulta uma comparação robusta com as demais. Ainda assim, a análise do MNI em detrimento do NISP evidencia que, à exceção de *Sus domesticus*, com um MNI = 2 indivíduos, e dos bovinos com um indivíduo selvagem e um domesticado, todos os demais táxones apresentam valores mínimos de MNI. Não foram registados indivíduos neonatos, infantis ou juvenis, estando representadas apenas grupos etários correspondentes a sub-adultos/adultos, adultos e adultos/senis.

No atinente aos restos identificados apenas por grupo de peso, observa-se a ausência de GP 1, verificando-se um predomínio de GP 2 e GP 2.3 face aos animais de maior porte.

5.2.6 Fase VI

Os espécimes provenientes das UEs [25] e [51] correspondem à Fase VI, caracterizada pela prevalência de *Sus sp.* que, apesar de apresentar um NISP próximo do registado para *Cervus elaphus*, revela um MNI = 3 indivíduos, face a apenas um indivíduo identificado para o último táxon (Tabela 5.6). Os equídeos, apesar dos valores vestigiais de NISP incluem MNI = 2 de *Equus cf. caballus*¹. Os bovinos e os restantes táxones estão representados de forma vestigial em NISP e MNI. À semelhança do observado nas restantes fases, entre os restos não identificados taxonomicamente destaca-se o predomínio de elementos do GP 2 e de grupos de peso superiores.

¹ Opta-se por manter *E. caballus* em vez de *E. ferus* para referir o cavalo selvagem.

Tabela 5.6 - NSP, NISP, MNI e dispersão por grupos de idade calculados para a Fase VI.

	NSP	%	MNI	%	Juvenil	Sub-adulto	Adulto
<i>Equus cf. caballus</i>	2	0,9	2	16,7	1		1
<i>Equus sp.</i>	2	0,9					
<i>Bos taurus</i>	2	0,9	1	8,3			1
<i>Bos sp.</i>	6	2,8					
<i>Cervus elaphus</i>	12	5,6	1	8,3			1
<i>Ovis/Capra</i>	4	1,9	1	8,3			1
<i>Sus sp.</i>	15	7,0	3	25,0	2	1	
<i>Canis sp.</i>	1	0,5	1	8,3			1
<i>O. cuniculus</i>	1	0,5	1	8,3			1
<i>R. decussatus</i>	1	0,5	1	8,3			1
<i>Pecten maximus</i>	1	0,5	1	8,3			1
Indeterminado							
GP 0	69	32,1					
GP 1	0	0,0					
GP 1.2	4	1,9					
GP 2	41	19,1					
GP 2.3	11	5,1					
GP 3	14	6,5					
GP 3.4	15	7,0					
GP 4	14	6,5					
Total	215	100	12	100	3		8
						1	

5.2.7 Fase VII

A Fase VII representa 10,9% do conjunto em análise, situando-se entre as fases de relevância numérica intermédia (Tabela 5.7). Engloba as UEs [21] (n = 247; 67,5%) e [22] (n = 119; 32,5%). À semelhança do observado nas fases mais recentes, apesar da prevalência dos suínos (NISP = 35), seguem-se *Cervus elaphus* (NISP = 20), caprinos (NISP = 13) e bovinos (NISP = 9). Outras espécies estão igualmente representadas, incluindo leporídeos, *Canis sp.* e *Ruditapes decussatus*.

No que respeita aos restos indeterminados taxonomicamente, verifica-se a predominância de GP 2, com expressiva presença de elementos de GP 2.3 e superiores, provavelmente relacionada com a relevância de *Cervus elaphus* no conjunto.

O MNI das principais espécies apresenta maior dispersão face a algumas fases anteriores, embora se mantenha a predominância de indivíduos sub-adultos/adultos e adultos. Os suínos registam o valor mais elevado (MNI = 4), seguidos por *Ovis/Capra* (MNI = 2) e *Ovis aries* (MNI = 1), e pelos cervídeos (*Cervus elaphus*, MNI = 2).

Tabela 5.7 - NSP, NISP, MNI e dispersão por grupos de idade calculados para a Fase VII.

	NSP	%	MNI	%	Infantil	Juvenil	Sub-adulto	Adulto
<i>Equus sp.</i>	1	0,3	1	6,3				1
<i>Bos taurus</i>	8	2,2	1	6,3				1
<i>Bos sp.</i>	1	0,3						
<i>Cervus elaphus</i>	20	5,5	2	12,5			2	
<i>Ovis aries</i>	1	0,3	1	6,3				1
<i>Ovis/Capra</i>	12	3,3	2	12,5		1		1

<i>Sus scrofa</i>	1	0,3	1	6,3				1
<i>Sus domesticus</i>	8	2,2	3	18,8		1	2	
<i>Sus sp.</i>	26	7,1						
<i>Canis sp.</i>	2	0,5	1	6,3				1
<i>O. cuniculus</i>	4	1,1	1	6,3				1
<i>Lepus sp.</i>	1	0,3	1	6,3				1
Leporidae	2	0,5	1	6,3		1		
<i>R. decussatus</i>	1	0,3	1	6,3				1
Indeterminado								
GP 0	110	30,1						
GP 1	1	0,3						
GP 1.2	5	1,4						
GP 2	76	20,8						
GP 2.3	32	8,7						
GP 3	20	5,5						
GP 3.4	12	3,3						
GP 4	22	6,0						
Total	366	100	16	100		2		7
					1		6	

5.3 DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

5.3.1 Taxonomia e diacronia

De acordo com Almeida e Valera (2021: 95-96), na base da estratigrafia do Fosso 7 observava-se um equilíbrio entre caprinos e suínos, seguido por bovinos. Nas fases superiores o padrão alterava-se, com os suínos a suplantarem os caprinos, e os cervídeos a tornarem-se mais abundantes que os bovinos. Esta tendência era particularmente evidente na antiga Fase 3, onde se verificava a elevada presença de suínos e cervídeos, mantendo-se, contudo, os caprinos acima dos bovinos.

Uma leitura diacrónica dos dados revistos deve ter em conta as diferenças de dimensão entre as amostras de cada fase. As Fases I, V, VI e VII apresentam valores de NISP <100 para os táxones selecionados, enquanto a Fase II se destaca com valores substancialmente mais altos do que as Fases III e IV. Os leporídeos mantêm sempre uma representatividade reduzida, estando ausentes na Fase V.

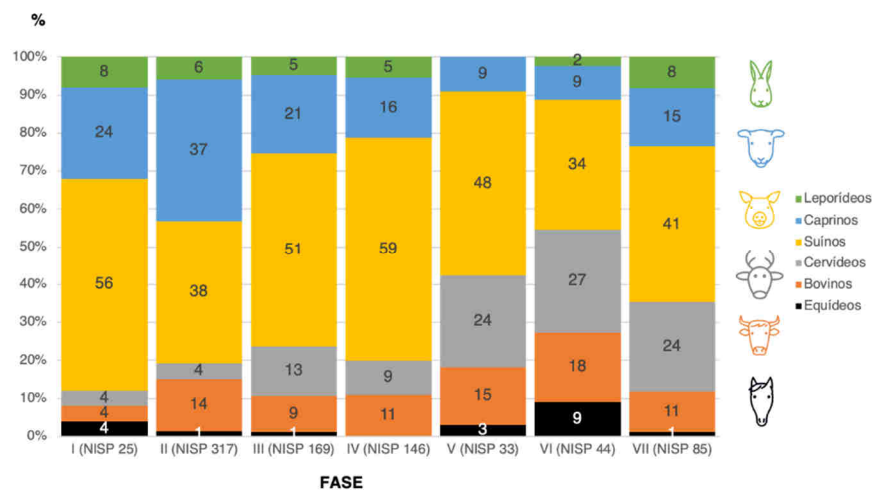


Figura 5.2 - Histograma de abundância relativa dos principais táxones por Fase.

A Figura 5.2 evidencia a prevalência dos suínos em todas as fases, com valores especialmente elevados nas Fases I, III e IV e uma menor expressão relativa na Fase VII. Os caprinos surgem geralmente como o segundo grupo mais frequente, embora com variações: nas Fases I e II mantêm essa posição, mas nas Fases III e IV perdem peso relativo, associado ao aumento de bovinos e/ou cervídeos. Após a Fase II, observa-se uma tendência para a diminuição da frequência de caprinos, com cervídeos ou bovinos a ganhar maior relevância numérica, passando estes últimos de residuais nas Fases I e II a segundo grupo mais representado nas Fases V a VII. Tal evolução poderá traduzir um incremento das práticas cinegéticas nas fases mais recentes e, em simultâneo, corresponder a deposições específicas com uma maior presença de espécies/elementos anatómicos de animais selvagens.

Os bovinos mantêm uma presença comparativamente modesta, mas relativamente estável ao longo da sequência. Na Fase IV aproximam-se dos valores registados para os caprinos, ocupando a terceira posição, situação que se mantém nas Fases V e VI, agora atrás dos suínos e cervídeos e superando os caprinos. Por seu lado, os equídeos mantêm-se sempre residuais, comportamento semelhante ao verificado nos leporídeos.

O padrão geral confirma a forte dependência dos suínos ao longo de todo o faseamento do Fosso 7, em consonância com o quadro geral nos Perdígões (Almeida e Valera, 2021). Enquanto as fases iniciais (I e II) apresentam uma estrutura mais polarizada em torno de suínos e caprinos, as fases mais recentes revelam um aumento relativo de cervídeos (V a VII) e bovinos (V a VI), sugerindo um reforço das práticas cinegéticas e uma maior integração de recursos silvestres, com possíveis implicações económicas, mas também sociais e simbólicas.

Se olharmos para as evidências agrupando os restos de acordo com o seu estatuto, obtêm-se dados interessantes. Para a elaboração da Figura 5.3, os restos foram organizados de duas formas: na parte superior com base nas categorias “indeterminado”, “selvagens” e “domesticados”; na parte inferior agrupando os dados em “selvagens” e “domesticados”.

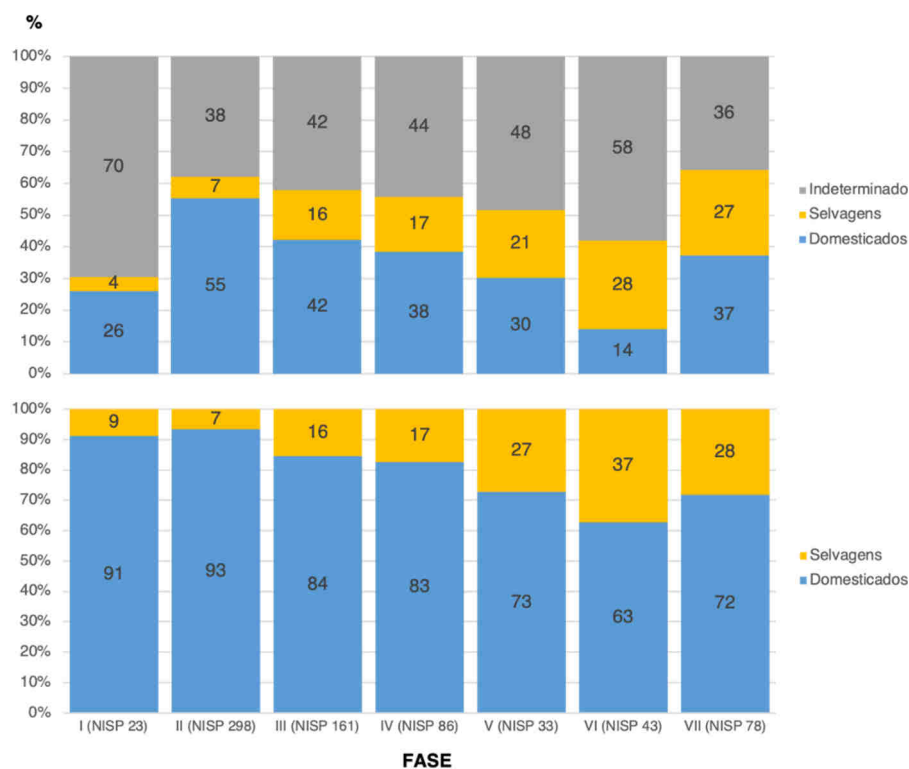


Figura 5.3 - Histograma de abundância relativa dos principais táxones de macrofauna por Fase (sem leporídeos). Topo: os “indeterminados” incluem todos os equídeos, *Bos* sp. e *Sus* sp.; base: os “selvagens” incluem equídeos, *Bos primigenius* e *Sus scrofa*, enquanto os “domesticados” incluem *Bos taurus*, *Bos* sp., caprinos, *Sus domesticus* e *Sus* sp..

No primeiro caso, os equídeos, *Bos sp.* e *Sus sp.* foram incluídos na categoria “indeterminado”. No segundo, os equídeos foram classificados como “selvagens”, enquanto os bovinos e suínos, dado que as suas dimensões sugerem indivíduos de pequeno porte, foram incluídos na categoria “domesticados”. O objectivo desta abordagem é avaliar a relevância da aquisição de recursos cinegéticos ao longo da diacronia do sítio (Almeida, Valera, 2021). A exclusão dos leporídeos apenas tenderia a aumentar a frequência relativa da caça. Simultaneamente, é plausível que alguns restos atribuídos a *Bos sp.* *Sus sp.* correspondam a espécimes selvagens; tal significa que os valores obtidos para a frequência de animais caçados devem ser entendidos como mínimos, podendo na realidade ser superiores. Importa ainda reforçar que as amostras apresentam diferentes níveis de representatividade numérica.

Por um lado, a análise dos gráficos revela um aumento constante de selvagens, acompanhado por oscilações tanto nos “domesticados” como nos “indeterminados”. Por outro lado, observando o histograma inferior da Figura 5.3, nota-se um acréscimo dos espécimes selvagens ao longo da diacronia do sítio, sendo mais marcante na Fase VI do que na Fase VII. No conjunto observa-se um aumento de restos associáveis a práticas cinegéticas. Mesmo quando se consideram espécimes cujo estatuto selvagem será sempre inequívoco para este período, nomeadamente cervídeos e leporídeos, observa-se um aumento progressivo da sua frequência ao longo da sequência cronológica. Este padrão é visível na Figura 5.4, onde a categoria “outros” agrupa todos os caprinos, suínos, bovinos e equídeos, independentemente do grau de identificação alcançado.

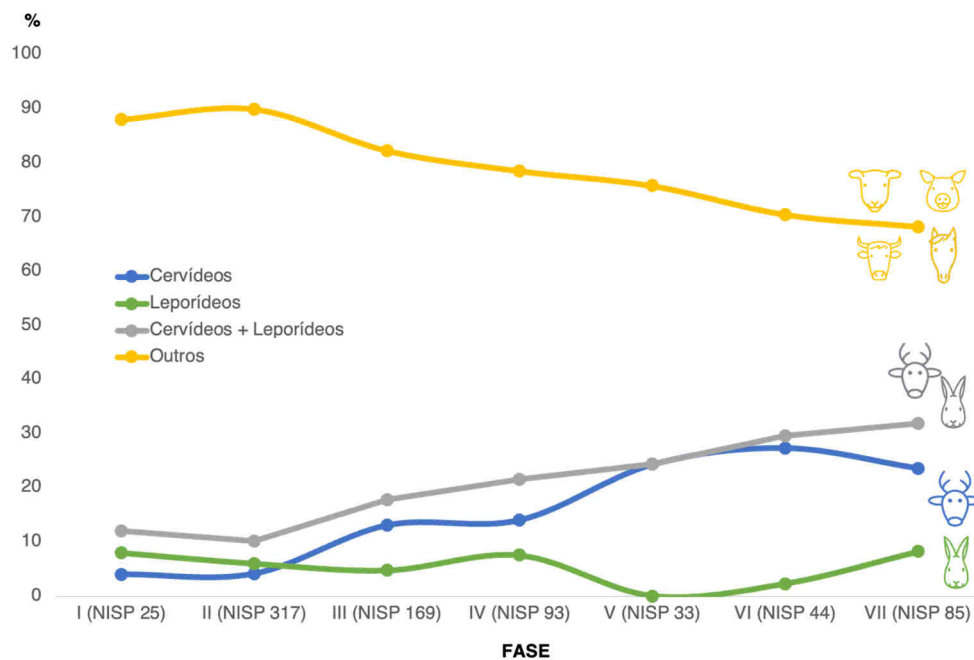


Figura 5.4 - Abundâncias relativas por Fase para diferentes táxones ou grupos de táxones.

5.3.2 Demografia e diacronia

Almeida e Valera (2021) identificaram para os bovinos uma predominância de adultos, mas com registo de um neonato (Fase 2), dois infantis (Fases 2 e 3, um em cada) e um senil (Fase 3). Nos caprinos, registava-se maior diversidade, com prevalência de sub-adultos e adultos, possivelmente enquadrando-se num perfil misto de exploração para carne e leite. Os suínos

apresentavam inicialmente prevalência de adultos e adultos/senis, diminuindo ao longo do tempo e dando lugar a indivíduos mais jovens (infantis e juvenis), o que poderia indicar uma maior importância dos indivíduos domesticados e padrões de abate orientados para animais mais jovens, mantendo, em paralelo, exemplares mais velhos possivelmente ligados à reprodução.

Relativamente aos dados apresentados na Figura 5.5, os bovinos exibem uma predominância de adultos (Tipo 2) em todas as fases, confirmando o padrão sugerido anteriormente. Os caprinos revelam um perfil mais diversificado, com indivíduos adultos presentes em todas as fases, mas também exemplares mais jovens (Tipo 1), sobretudo nas Fases II e III. Os suínos estão representados maioritariamente por indivíduos mais velhos (Tipo 2), embora se registem vários indivíduos jovens em diferentes fases.

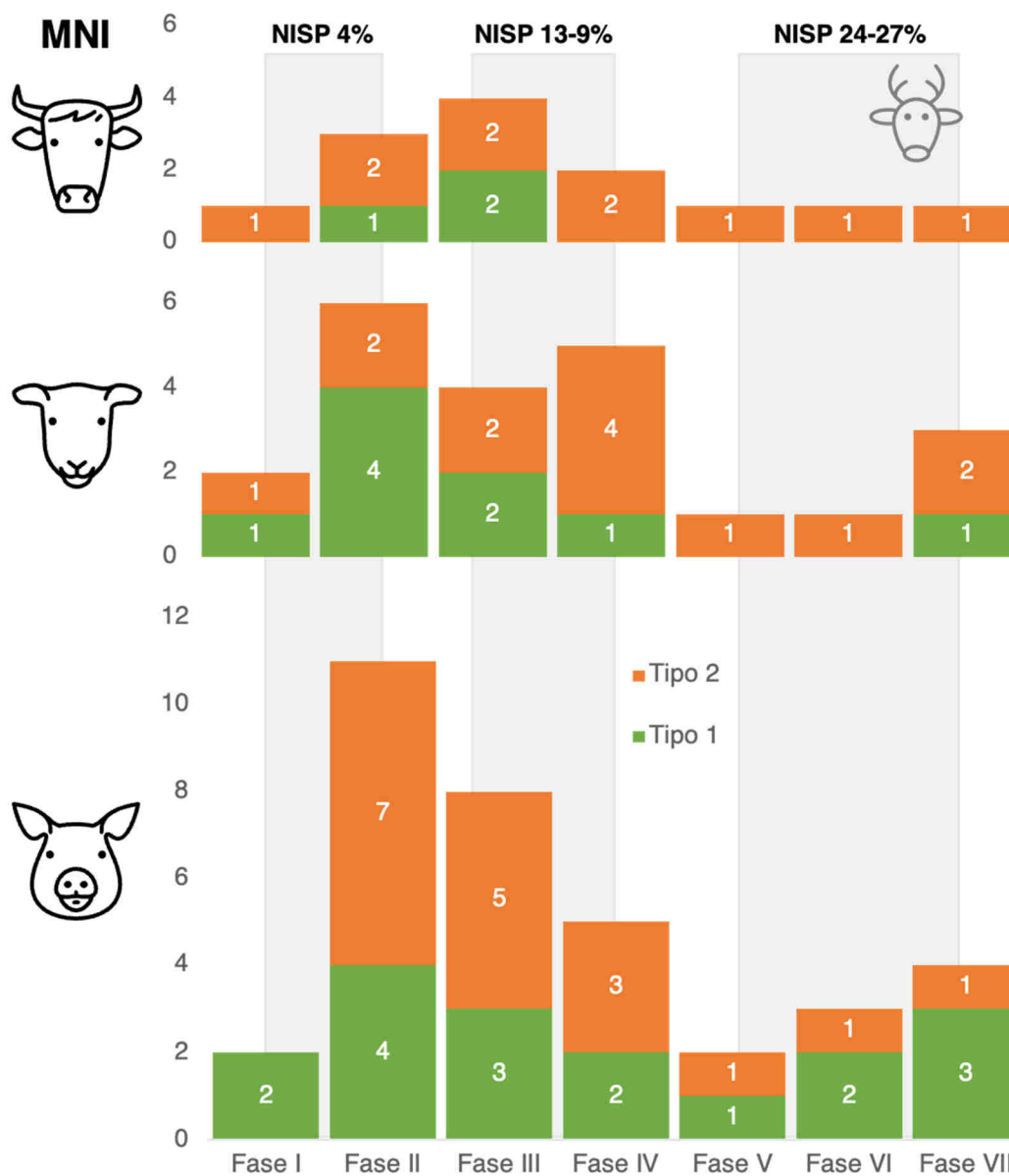


Figura 5.5 – Histograma de MNI de bovinos, caprinos e suínos. Os valores NISP% de cervídeos são indicados a cinza conforme Figura 5.2. Legenda: Tipo 1 agrupa os indivíduos com idades compreendidas entre “neonato” e “sub-adulto”; Tipo 2 agrupa os indivíduos com idades compreendidas entre “sub-adulto/adulto” a “senil”.

Nas Fases II e III, os picos podem dever-se a períodos de maior abate e consumo de suínos. Contudo, dado que estas fases apresentam também o maior número de restos, a interpretação implica cautela. Em síntese, os bovinos sugerem um uso prolongado antes do abate ao longo de toda a sequência do Fosso 7. Os caprinos apresentam um certo equilíbrio entre indivíduos mais jovens (Tipo 1) e mais velhos (Tipo 2), com momentos de maior abate de jovens nas Fases II e III. Finalmente, os suínos mostram um padrão alternado, mas com volume elevado, confirmando o seu papel como principal recurso animal.

5.3.3 Do contexto do sítio e à região

A análise apresentada segue e expande a abordagem proposta em Almeida e Valera (2021), permitindo confirmar tendências anteriormente observadas no Fosso 7 relacionadas com o aumento progressivo da importância da fauna selvagem e diminuição da fauna domesticada ao longo da diacronia do Fosso 7 e do recinto de fossos dos Perdigões.

Independentemente dos critérios utilizados para destrinçar o registo arqueofaunístico do Fosso 7, sejam através de categorias mais amplas com espécimes indeterminados, ou recorrendo a uma análise apenas sustentada por táxones inequivocamente selvagens, i.e., cervídeos e leporídeos, o padrão de aumento das práticas cinegéticas mantém-se, mesmo que parte dos restos indeterminados de *Bos* sp. ou *Sus* sp. correspondam a animais selvagens. Aliás, o que poderia acontecer seria um aumento da importância de espécimes selvagens.

A própria distinção entre fases que aqui se apresenta, demonstra variações na frequência de espécimes selvagens nas Fases mais recentes do Fosso 7 e que anteriormente não foi registada devido à menor finura cronológica. Isto sugere que a importância relativa da caça não se terá mantido estática, podendo ter sido sensível a dinâmicas de curta duração ligadas a factores sazonais, ambientais, económicos ou socio-culturais.

Diacronicamente, a amostra da Fase I é demasiado reduzida para permitir discussões aprofundadas. Esta Fase e a Fase II enquadram-se ainda dentro do segundo quartel do 3.º milénio a.n.e., sendo que a última apresenta uma baixa frequência de animais claramente selvagens, a par de uma intensificação do consumo, sobretudo de suínos, com abate de indivíduos jovens. A Fase III, enquadrada cronologicamente em meados/ terceiro quartel do 3º milénio a.n.e., regista um aumento de cervídeos, coexistindo com o abate de animais domesticados e selvagens, o que poderá estar associado a um incremento ou alteração de subsistência em contextos de eventos ou agregações.

Com a Fase IV, diminui a prevalência de indivíduos domesticados e aumenta a de cervídeos com a caça a assumir um papel mais destacado. Poderá ainda verificar-se uma mudança nos padrões etários dos animais domesticados com um foco em exemplares mais velhos. Esta tendência acentua-se nas Fases V a VII, ainda que voltem a surgir indivíduos mais jovens de suínos e caprinos. Nestas fases, os suínos são sobretudo de Tipo 1, os bovinos exclusivamente de Tipo 2 e os caprinos apresentam apenas um indivíduo jovem, já na Fase VII.

Assim, após as fases iniciais (I e II), nas quais os cervídeos são residuais, sucede-se uma fase intermédia (III e IV) em meados/terceiro quartel do 3º milénio a.n.e., marcada pelo aumento da relevância dos cervídeos e por mudanças nos padrões de abate de bovinos, suínos e caprinos. Nas fases finais (V a VII), ainda não datadas, mas seguramente da segunda metade do milénio, apesar da diminuição do tamanho das amostras, verifica-se uma intensificação da caça de cervídeos e a continuação das alterações nos perfis de abate, com alguma recuperação no caso dos suínos e, de forma residual, nos caprinos. Este padrão é coerente com a hipótese de que, diacronicamente, a importância relativa da caça aumenta e está aparentemente associada a mudanças no papel de outros animais, possivelmente ligadas a alterações de aprovisionamento e/ou de ordem socio-cultural.

A nível regional, a escassez de dados cronológicos de detalhe tem impossibilitado a tentativa de compreender pequenas tendências cronológicas e este trabalho contribui para essa aproximação. Almeida e Valera (2021) já haviam indicado que a caça, apesar de secundária,

poderia ter assumido um peso considerável em certos contextos, sendo que fica demonstrado que para o Fosso 7, não só a sua relevância poderá não ser episódica, mas parte de um processo diacrónico de intensificação, que se verifica a outros níveis no registo arqueológico (Valera, 2015). Estudos incidindo sobre registos de meados/terceiro quartel do 3º milénio a.n.e. dos Perdigões sugerem que o aumento de práticas cinegéticas não se restringirá à transição para a Idade do Bronze (Almeida e Valera em preparação), algo que parece acontecer também no Fosso 7, como aqui discutido.

A nosso ver, a caça não teria desempenhado um papel meramente circunstancial, mas até estrutural nas dinâmicas sociais do 3º milénio a.n.e. em sítios como os Perdigões, sendo necessário reabrir o debate sobre a dimensão simbólica da caça. A relevância dos cervídeos verifica-se quase unicamente através do veado, animal várias vezes associado a práticas de deposição, eventos de comensalidade ou representação do todo ou suas partes. Esta associação dá força a hipóteses de que a obtenção destes recursos não é de carácter meramente económico (Almeida *et al.*, 2024). É plausível que as práticas cinegéticas tivessem igualmente funções identitárias, de afirmação social e outras que não meramente económicas e, como tal, estivessem inseridas em redes de significado mais amplas.

Concluindo, ainda que os novos dados não alterem substancialmente as conclusões anteriores, parecem contribuir para reforçar e refinar as interpretações avançadas. A análise da tendência para a modificação do rácio entre animais domesticados e selvagens ao longo 3º milénio a.n.e. apresenta no Fosso 7 um conjunto cronologicamente consolidado. Apesar da limitada representatividade numérica das amostras por Fase, solidifica-se o papel deste conjunto na discussão regional sobre as práticas cinegéticas e pecuárias na sua relação com as práticas sociais no Calcolítico do Sudoeste Peninsular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, N. J.; DETRY, C. (2023) – A Zooarqueologia como um indicador de colapso social durante o Calcolítico final do Sudoeste ibérico: perspectivas desde a biometria tradicional, geometria morfométrica, dieta e mobilidade das faunas dos Perdigões. *Al-Madan online* 26(2): 131-134.
- ALMEIDA, N.J.; GUINOT, C.; RIBEIRO, I.; BARREIRA, J.; BASÍLIO, A.C. (2024) – Human–Deer Relations during Late Prehistory: The Zooarchaeological Data from Central and Southern Portugal in Perspective. *Animals* 14: 1424. <https://doi.org/10.3390/ani14101424>
- ALMEIDA, N. J.; SALADIÉ, P.; CERRILLO-CUENCA, ¿E. (2022) –Rabbits beyond hunter-gatherers’ diets in Western Europe? The Case for Leporid Accumulations in Neolithic Southwestern Iberia. *Archaeological and Anthropological Sciences* 14: 186. <https://doi.org/10.1007/s12520-022-01662-8>
- ALMEIDA, N. J.; VALERA, A. C. (2021) – Animal consumption and social changes: the vertebrates from Ditch 7 in the context of a diachronic approach to the faunal remains at Perdigões enclosure (3400-2000 BC). *Archaeofauna* 30: 75-106. <https://doi.org/10.15366/archaeofauna2021.30.005>
- CABAÇO, N. (2010) – Restos faunísticos em contextos do Neolítico Final do Sector Q do recinto dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz). *Apontamentos de Arqueologia e Património* 5: 27-29.
- CABAÇO, N. (2017) – A fauna depositada sob o “cairn 1” dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz). *Apontamentos de Arqueologia e Património* 12: 23-35.
- COSTA, C. (2013) – *Tafonomia em contexto pré-histórico. A zooarqueologia como recurso para a compreensão das “estruturas em negativo” da Pré-história Recente*. Dissertação de Doutoramento. Universidade do Algarve.
- COSTA, C. (2018) – Perdigões Neolíticos: os vertebrados. In: A. C. Valera (ed.), *Os Perdigões Neolíticos. Génese e desenvolvimento (de meados do 4º aos inícios do 3º milénio a.C.)*. Perdigões Monográfica 01. Lisboa: NIA/ERA Arqueologia S.A., 163-190.
- SCHIRRMACHER, J.; ALMEIDA, N. J.; STIKA, H.-P.; WEINELT, M. (2024) – Climate deterioration and subsistence economy in prehistoric Southern Iberia: an evaluation of potential links based on regional trajectories. *Environmental Research Letters* 19 (6): 064057. <https://doi.org/10.1088/1748-9326/ad4fa3>
- VALERA, A.C. (2015) – Social change in the late 3rd millennium BC in Portugal: The twilight of enclosures. In: H. Meller, R. Risch, R. Jung, W. Arz (eds.), *2200 BC – A climatic breakdown as a cause for the collapse of the old world?* 7th Archaeological Conference of Central Germany in Halle (Saale). Tagungen des Landesmuseums für Vorgeschichte Halle, 13.1–2 Halle [Saale], 409-427.
- VALERA, A.C.; BASÍLIO, A.C. & ALMEIDA, N.J. (2020) – The fragment, the half, and the whole: approaching pottery and fauna depositions in pit 50 of Perdigões enclosure (first half of the 3rd Millennium BC). *Estudos do Quaternário* 20: 11-33. <https://doi.org/10.30893/eq.v0i20.189>

6 ABORDAGEM AOS PROCESSOS DE ENCHIMENTO DO FOSSO 7 (SECÇÃO A)

A sequência estratigráfica registada na Secção A do Fosso 7 (ver Capítulo 2) revela um processo de enchimento relativamente complexo, onde se conjugam diferentes episódios de colmatação e reescavação, que maioritariamente podemos atribuir a acções antrópicas intencionais.

Um primeiro período de quase integral preenchimento do fosso foi subdividido nas três primeiras fases, as quais apresentam depósitos predominantemente horizontalizados, que só nas últimas sedimentações da Fase III evidenciam uma tendência ligeiramente inclinada a partir da parede para o centro do fosso, sobretudo do lado interior do recinto.

Os critérios que diferenciam estas três fases dentro deste primeiro período de colmatação têm a ver com as deposições horizontalizadas intermitentes de materiais que caracterizam a Fase II e a diferenciam da Fase I, onde tal não foi registado, e com a formação de um empedrado (encerramento ?) que termina esse processo de acumulações intermitentes de materiais e o diferencia da Fase III, onde os depósitos ficam progressivamente mais espessos, integrando materiais mais dispersos e a inclinação dos sedimentos mais superiores indiciam uma colmatação final através de processos de origem mais natural.

Quando o fosso estava quase preenchido ocorreu o primeiro episódio de reescavação (*Recut 1*) que marca a Fase IV, o qual foi depois preenchido por vários depósitos, entre os quais dois enchimentos com acumulações pétreas, revelando, uma vez mais, o carácter intencional da colmatação. Este *recut* foi depois coberto por novo processo de sedimentação que corresponde à Fase V, onde não é clara a sua natureza (se antrópica ou predominantemente natural) e que preenche o fosso praticamente até ao seu topo. Segue-se novo episódio de reescavação (*Recut 2*) ao longo do centro do fosso, e que, de acordo com a observação feita ao longo do traçado exposto, parece ser feito por segmentos e preenchido, uma vez mais, por acumulação de pedras (Fase VI). É também realizado o *recut 3*, no limite Este do fosso. Finalmente, de cada lado do aglomerado de pedras central, e cobrindo-o ligeiramente, formaram dois depósitos de colmatação final (Fase VII), sendo que um deles cobre também as pedras de preenchimento do *recut 3*.

A prática da realização de reescavações parciais (*recuts*), ou seja, da escavação de colmatações prévias, mas sem remoção integral dos sedimentos, é muito frequente nos recintos de fossos europeus. Tem-se vindo a revelar igualmente bastante comum nos recintos alentejanos já submetidos a escavação, estando identificada em fossos dos recintos de Bela Vista 5, Santa Vitória, Horta Nova 4, Pé da Erra, Montoito ou Monte da Ramada (Valera, 2014;

Valera, Basílio, 2023; Valera *et al.*, 2017; Mataloto *et al.*, 2025), sendo que nos Perdigões, e para além do Fosso 7, se registou igualmente nos Fossos 1, 13, 14, 11 (Valera, 2018; Márquez Romero *et al.*, 2018). Em várias situações esta acção de *recutting* é feita por segmentos, como ficou bem demonstrado no Fosso 13 dos Perdigões, ainda em meados do 4º milénio a.C., ou nos fossos externos de Bela Vista 5 e de Santa Vitória, já na segunda metade do 3º milénio a.C.. Por outro lado, começa também a ser recorrente a colmatação destes *recuts* com acumulações de pedras, o que nos Perdigões se verifica nos Fosso 7 e 1, assim como nos fossos externos de Santa Vitória e Bela Vista 5 e, muito provavelmente, no fosso do recinto do Alto do Outeiro.

Este tipo de colmatações pétreas de *recuts* realizados no interior de fossos foi recentemente discutido (Valera, Basílio, 2023; Basílio, 2025), considerando-se diferentes hipóteses interpretativas. Uma corresponde à integração destas colmatações no contexto de práticas de petrificação, sejam elas entendidas como estratégias de reconexão com o passado e a tradição em períodos de acentuada mudança, num processo de mnemónica que visa uma perpetuação, seja no sentido oposto, como práticas que procuram eliminar ou impedir o acesso a essa tradição e passado representado pelas estruturas assim encerradas. Estariam, pois, relacionadas com estratégias de lembrança e perpetuação ou deliberado encerramento.

Contudo, será importante distinguir encerramentos pétreos que dificultam ou inviabilizam o acesso a contextos, como acontece no Cairn 1 dos Perdigões (Basílio, 2022) ou com o empedrado [83] localizado a meio do Fosso 7, dos preenchimentos pétreos de *recuts*. Nestes últimos, a acumulação pétreia não funciona com um impedimento de acesso, mas como o preenchimento de uma vala, maior ou menor, aberta nos sedimentos de um fosso e que tanto se pode localizar no topo dos enchimentos, já com o fosso completamente colmatado, como ao longo da sequência de enchimentos, como bem evidencia o fosso externo de Santa Vitória (Valera, Basílio, 2023) e o próprio Fosso 7 dos Perdigões. Convém relembrar aqui, que muitos *recuts* não são preenchidos por acumulações pétreas. Uns são-no por acumulações de materiais e deposições estruturadas (caso do Fosso 13 dos Perdigões, onde uma mandíbula humana intencionalmente fragmentada em duas metades foi depositada juntamente com fragmentos cerâmicos num pequeno *recut* – Valera, 2018), outros, como foi registado do Fosso 1 de Santa Vitória (Valera, Basílio, 2023) foram-no com restos de cerâmica de construção.

Esta última circunstância registada em Santa Vitória ganha particular relevo quando articulada com a situação verificada nos Perdigões relativamente ao desmonte parcial de cabanas de muretes de pedra. Como veremos no capítulo seguinte, na área central dos Perdigões, delimitada pelo Fosso 7, escavaram-se algumas cabanas circulares realizadas com embasamentos de pedra e paredes em terra e ramagens interlaças, das quais existem inúmeros restos de argila com negativos de ramos. Várias destas cabanas foram parcialmente desmontadas de forma periódica. Esta prática de desmonte parcial foi já reconhecida noutros contextos de meados / segunda metade do 3º milénio a.C. no Alentejo (Valera *et al.*, 2019), como nos recintos murados de S. Pedro, Porto das Carretas, Monte do Tosco ou San Blás. Como muitas outras realidades artefactuais sujeitas a fragmentação intencional, estas estruturas apresentam uma biografia complexa, no sentido em que nascem, são usadas e é-lhes colocado um aparente fim através do seu desmonte parcial. Contudo, o resultado desses desmontes pode vir a ser incorporado noutras estruturas posteriores, seja num processo de curaço meramente funcional e de aproveitamento expedito, seja num processo carregado de simbolismos, onde o antigo incorpora o novo como forma de perpetuação e evocação. Mas podem igualmente ser a origem destas acumulações pétreas, ou dos restos de cerâmica de construção de Santa Vitória no interior de *recuts*. Note-se que, no centro dos Perdigões, o desmonte destas cabanas circulares com muretes pétreos é periódico e compatível com a periodicidade de acumulações pétreas dos *recuts* identificados no Fosso 7, onde as dimensões das pedras são semelhantes às

registadas nas pedras das cabanas. A ausência de estruturas habitacionais em recintos como Santa Vitória, Alto do Outeiro ou Bela Vista 5 podem igualmente ser hipoteticamente relacionadas com os preenchimentos pétreos dos *recuts* dos respectivos fossos. Poderíamos estar em face de fim de ciclo de momentos de ocupação, mas que são perpetuados pelo seu enterramento. Não tanto como processos de apagamento de memória, até porque na área central dos Perdigões ficam troços das estruturas desmontadas (Valera *et al.*, 2019), mas como processos de integração e acumulação de passados e memórias, de momentos de vida. Fossos como o Fosso 7 dos Perdigões funcionariam como receptáculos dos resultados de práticas sociais, mais excepcionais ou mais quotidianas, onde teriam origem os restos de fauna, restos humanos e de materiais depositados em acumulações intermitentes, mas também de estruturas intencionalmente desmontadas, num processo compatível com a periodicidade e carácter segmentado evidenciado por vários *recuts*: num atrevimento interpretativo, funcionariam com sepulcros de estruturas e vivências. Neste sentido, os aglomerados pétreos dos dois *recuts* corresponderiam a uma situação distinta do empedrado [83], que não só é constituído por pedras pequenas, como efectivamente estabelecia uma petrificação que terminava uma sequência deposicional. A distribuição vertical de materiais na sequência estratigráfica poderá ajudar na interpretação destas diferentes realidades.

6.1 A DISTRIBUIÇÃO VERTICAL DE MATERIAIS NA SECÇÃO A DO FOSSO 7

Como vimos no Capítulo 4, a maioria dos materiais presentes ao longo da estratigrafia da Secção A do Fosso 7 é constituída essencialmente por materiais cerâmicos e restos faunísticos, sendo os materiais líticos e outros bastante mais reduzidos, o que poderá indiciar algum nível de selectividade. Assim, começaremos por analisar a distribuição dos materiais mais numerosos: os fragmentos de recipientes cerâmicos e os fragmentos de pesos de tear.

A componente cerâmica é composta por 10741 fragmentos, o que dá em média 2498 fragmentos por m³, ou seja, quase 250 fragmentos por níveis de 10cm num m², o que traduz uma grande densidade. Já os pesos de tear nesta secção totalizam 129, o que em média dá 30 por m³. Naturalmente, a distribuição vertical destes materiais não é homogénea, o que se encontra traduzido na Figura 5.1, na qual estes materiais se encontram distribuídos por unidades estratigráficas organizadas por fases (note-se que em duas situações se reuniram unidades separadas por *recuts*, mas que se consideram equivalentes).

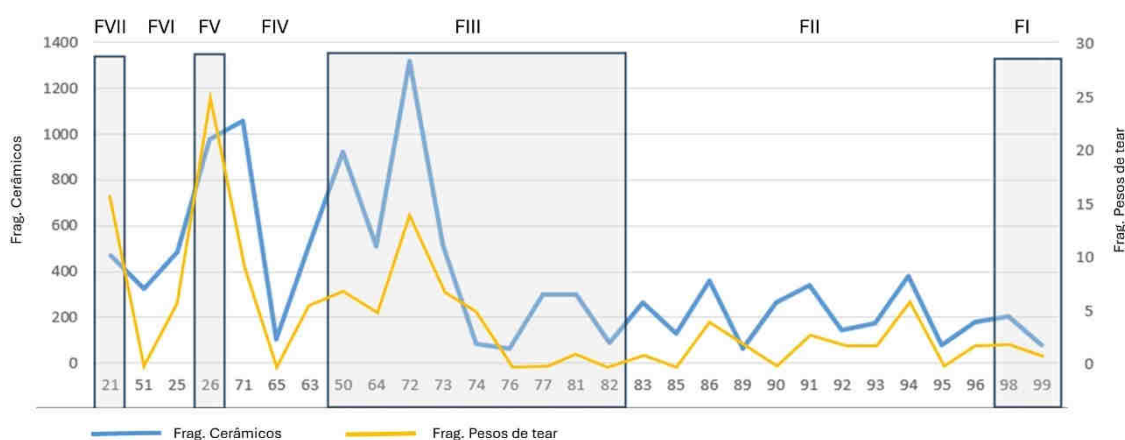


Figura 5.1 – Distribuição vertical de fragmentos cerâmicos e fragmentos de pesos de tear por unidade estratigráfica organizada por fase (F) da mais antiga (direita) para a mais recente (esquerda).

Na análise desta distribuição verifica-se que ao longo da Fase II o volume de cerâmicas vai alternando com números semelhantes entre depósitos, reflectido o já referido carácter intermitente das acumulações de materiais que caracteriza esta fase, e que se prolonga pela primeira metade da fase seguinte, da qual está separada pelo empedrado [83]. Na segunda metade da Fase II observa-se um abrupto aumento dos fragmentos cerâmicos. Os depósitos são agora tendencialmente mais espessos, os materiais mais dispersos e o fosso mais largo, o que em parte poderá explicar o aumento, mas não na sua totalidade. Parece, de facto, existir uma maior incorporação de materiais cerâmicos, e que se relaciona com os depósitos mais inclinados (a partir do [72]), com eventual maior, mas não exclusiva, contribuição de processos naturais.

Depois verifica-se que durante os dois momentos de *recutting* ocorrem significativas reduções na incorporação de fragmentos cerâmicos relacionadas com os níveis de acumulações de pedras, que sobem na fase entre *recuts* (Fase V) e na fase pós *recuts* (Fase VII). Tal demonstra que estes preenchimentos pétreos são claramente intencionais, selectivos, e que configuram processos de colmatação diferentes dos imediatamente anteriores e posteriores.

É igualmente interessante verificar que o comportamento da distribuição vertical dos pesos de tear segue de muito perto o padrão de distribuição dos fragmentos cerâmicos, o que, nomeadamente para as fases de clara deposição de origem antrópica, não deixa de sugerir a existência de processos selectivos na constituição destas acumulações.

Já no que respeita à distribuição do material lítico, reuniram-se os registos relacionados com a pedra talhada com o único registo de um utensílio lítico polido na análise da distribuição vertical, a qual está expressa na Figura 5.2.

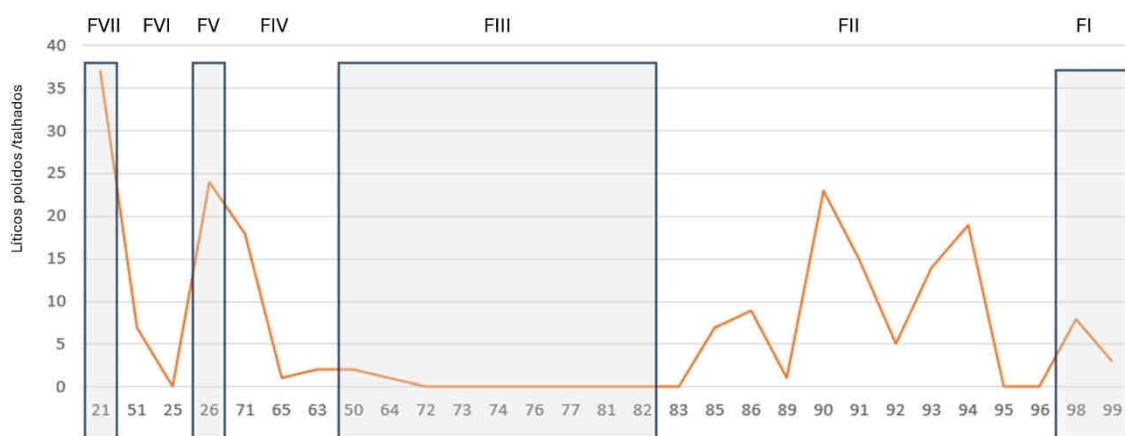


Figura 5.2 – Distribuição vertical de líticos polidos e talhados por unidade estratigráfica organizadas por fase (F) da mais antiga (direita) para a mais recente (esquerda).

Estes materiais apresentam um padrão parcialmente distinto do das cerâmicas e pesos de tear, mas também bem articulado com o faseamento estratigráfico realizado. Assim, após um comportamento semelhante nos depósitos da Fase I, a Fase II volta a apresentar uma intermitência que é genericamente idêntica à dos materiais cerâmicos. Contudo, na Fase III, estes materiais estão praticamente ausentes logo desde o empedrado [83], prolongando essa raridade pelos empedrados do primeiro *recut* e novamente pelo preenchimento pétreo do segundo *recut*, voltando a aumentar a presença nos depósitos entre e pós *recuts*, tal como acontece com o material cerâmico. Uma vez mais, o padrão de distribuição observado, e as suas correlações positivas com os padrões cerâmicos e com a estratigrafia observada, dificilmente se explica de uma forma simplesmente aleatória.

As restantes categorias de materiais apresentam números de registos pouco expressivos, pelo que não permitem a identificação de padrões que possibilitem tirar grandes ilações. Ainda assim, a distribuição vertical dos elementos relacionados com a metalurgia do cobre (6 registos), os ídolos de cornos (2 exemplares) e do único botão de marfim (Figura 5.3) proporcionam algumas considerações.

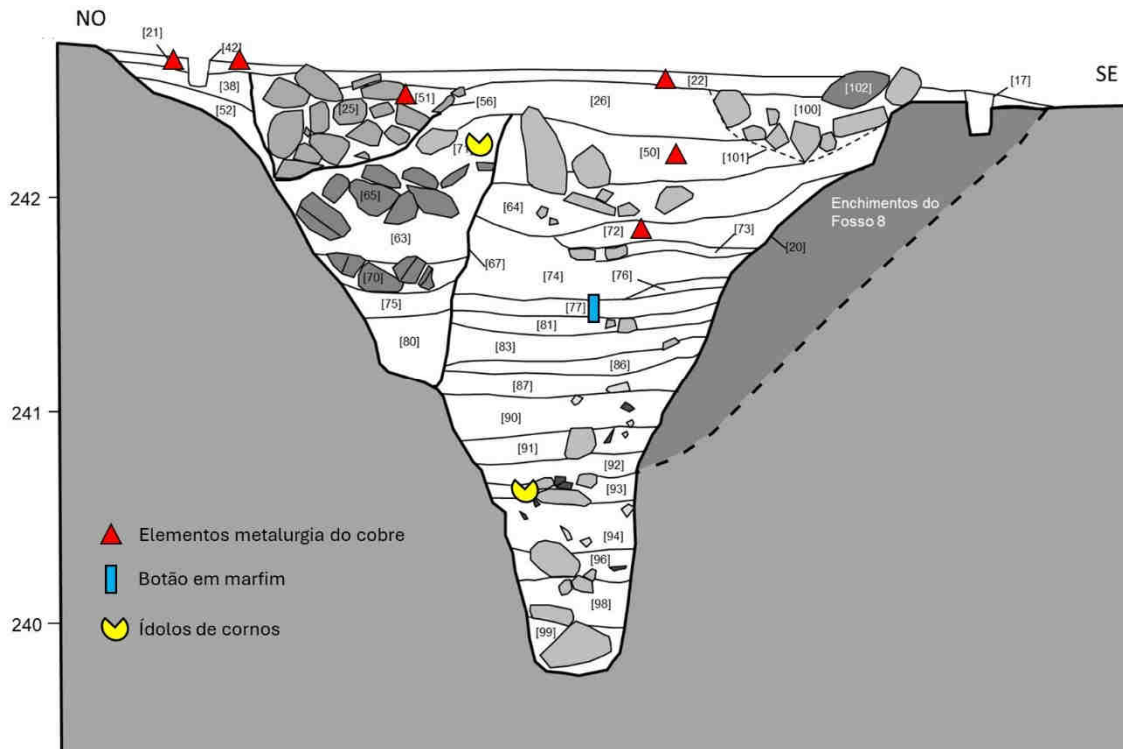


Figura 5.3 – Distribuição vertical dos elementos relacionados com a metalurgia do cobre, dos ídolos de cornos e do botão em marfim.

A primeira relaciona-se com a concentração dos materiais relacionados com a metalurgia do cobre e do único objecto em cobre nos depósitos mais superiores do fosso, seja nos depósitos finais da Fase III, seja sobretudo nos depósitos de colmatação final, com a ponta de lança em cobre integrada no empedrado (Figura 5.4) que preenche o segundo *recut* (Fase VI). Esta ligeira concentração de material metalúrgico nos enchimentos da parte superior do fosso poderá eventualmente relacionar-se com a intensificação desta actividade na à central do recinto durante o terceiro quartel do 3º milénio a.C. (ver Capítulo 7).

A segunda relaciona-se com o botão em marfim, que provém de um depósito inicial da Fase III localizado sensivelmente a meio da profundidade do fosso, pouco acima do empedrado de “encerramento” [83]. Já os dois ídolos de cornos provêm de contextos afastados: um do terceiro depósito da Fase II e o outro do último depósito de colmatação do primeiro *recut* (Fase IV). Ou seja, não se relacionam com a fase de maior intensidade de deposições estruturadas.

Por último, há que referir a presença, no topo do fosso pelo lado mais interno (integrado na Fase VI) de um monólito em granito (Figura 5.5) que se encontraria verticalizado num pequeno alvéolo que terminaria o terceiro *recut* preenchido por empedrado, mais lateralizado relativamente ao central (ver Capítulo 2). Esta situação de pequenos alvéolos abertos nestes preenchimentos pétreos de *recuts* foi igualmente identificada no fosso externo de Santa Vitória, sugerindo que estas acumulações pétreas poderiam ser monumentalizadas por pequenos monólitos verticalizados colocados ao longo do seu traçado (Valera, Basílio, 2023).



Figura 5.4 – Ponta de lança em cobre integrada no empedrado de colmatação do segundo *recut*. A tracejado a indicação da base do rasgo de um “dente” da máquina de surriba, eventualmente responsável pelo dobrar da peça metálica.



Figura 5.5 – Aspecto do pequeno monólito granítico tombado sobre as pedras de preenchimento de um eventual *recut* lateral e com a base (fragmentada) próxima do que parece poder ter sido o seu alvéolo de implantação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASÍLIO, A.C. (2022) – Dinâmicas ocupacionais na segunda metade do 3º milénio A.C. nos Perdigões: continuidades e descontinuidades. Monografias da AAP 12. Lisboa. AAP.
- BASÍLIO, A.C. (2025) – Carved in stone: exploring the petrification phenomenon of late 3rd millennium BC in southern Portugal. *Documenta Praehistorica*. LII: 2-23. <http://10.4312/dp.52.1>
- MÁRQUEZ ROMERO, J.E.; MATA VIVAR, E.; JIMÉNEZ JÁIMEZ, V. (2018) – Ditch 1 from Perdigões within the traditions of late prehistoric monumental architecture in the Middle Guadiana Basin (4th-3rd millennia cal BC). *Zephyrus*. LXXXI: 31-45.
- MATALOTO, R.; MORAIS, H.; BISPO, G. (2025) – Alto e Baixo: os recintos e as ocupações do III milénio a.C. de Montoito 2 (Redondo) e Ramada 1 (Aljustrel). Comunicação apresentada ao colóquio *Recintos ibéricos e campaniforme: contextos, variabilidades, desempenhos e ausências*. 22-23 de Março. Reguengos de Monsaraz.
- VALERA, A.C. Coord. (2014) – *Bela Vista 5. Um recinto do Final do 3º milénio a.n.e. (Mombaja, Beja)*. Era Monográfica 2. Lisboa. NIA-Era.
- VALERA, A.C. ed. (2018) – *Os Perdigões Neolíticos. Génese e desenvolvimento (de meados do 4º aos inícios do 3º milénio AC)*. *Perdigões Monográfica*. 1. Lisboa. NIA-ERA.
- VALERA, A.C.; BASÍLIO, A.C. eds. (2023) - *Santa Vitória (Campo Maior, Portalegre. O "primeiro" recinto de fossos*. Era Monográfica 7. Lisboa. NIA-ERA.
- VALERA, A.C, MATALOTO, R., BASÍLIO, A.C. (2019) – The South Portugal perspective. Beaker sites or sites with beakers?, In: Alex M. Gibson (ed.) *Bell Beaker Settlement of Europe. The Bell Beaker phenomenon from a domestic perspective*. Prehistoric Society Research Paper nº9. Oxford. Oxbow: 1-23.
- VALERA, A.C., SIMÃO, I., NUNES, T., PEREIRO, T. DO, COSTA, C. (2017) – Neolithic ditched enclosures in Southern Portugal (4th Millennium BC): new data and new perspectives. *Estudos do Quaternário*. 17: 57-76. <http://www.apeq.pt/ojs/index.php/apeq>

7 O FOSSO 7: ENCERRANDO O CENTRO DOS PERDIGÕES DURANTE O CALCOLÍTICO

A construção do Fosso 7 cria o recinto mais interior do complexo dos Perdígões durante o 3º milénio a.C., com uma área de 0.89ha, à qual se tinha acesso por uma única entrada orientada aos equinócios (90°). Como exposto no ponto 2.2.1, a Secção A realizada no Sector P evidenciou um fosso de grandes dimensões, que, em termos de volume por secção de 1m (4.3m²), é mesmo o terceiro maior do sítio, só superado pelos Fossos 2 e 1 mais exteriores e de abertura posterior, com 9.2m² e 10.5m² respectivamente (Valera, 2025). Face às dimensões dos fossos do Neolítico Final e à reduzida volumetria apresentada pelo Fosso 10, que, de acordo com os dados actuais, será o fosso calcolítico mais antigo nos Perdígões (ver Capítulo 3), o Fosso 7 representa um momento de reinvestimento de significativos recursos na abertura de um grande fosso, ainda que com um perímetro mais pequeno (ver ponto 2.2.1: Tabela 2.1).

A este investimento e a estas dimensões não terá sido estranho o estatuto do espaço que o fosso encerrou: o centro do complexo de recintos e do anfiteatro onde ele se situa, assim como as construções e actividades cerimoniais que ali se realizaram. Para abordar a natureza deste espaço central, a informação actualmente disponível é proveniente das três áreas já intervencionadas no designado Sector Q (Figura 7.1): Sondagens 1, 2 e 3, as quais representam 1169m² dos 8924m² que compõem o total deste recinto central. Correspondem a apenas 13.1% deste espaço, mas abrangem precisamente a sua área mais nuclear (concretamente a Sondagem 1, escavada em *open area*). Vejamos, de forma sucinta, os dados que cada uma proporcionou relativamente ao Calcolítico, sendo que a principal (Sondagem 1) ainda se encontra em processo de escavação, pelo que a informação aqui disponibilizada é ainda genérica e provisória.

7.1 SONDAGEM 3, SECTOR Q

A Sondagem 3, efectuada durante o diagnóstico de 1997, representa uma área de 24m² e foi descrita na publicação desses trabalhos no ano seguinte (Lago *et al.*, 1998). Nela foi identificada uma depressão subcircular no geológico, que se prolongava pelo corte da sondagem, a qual era preenchida por dois depósitos que forneceram sobretudo fauna e materiais cerâmicos (Figura 7.2). Não foi perceptível a natureza da estrutura negativa, ainda que o seu carácter subcircular sugira uma origem antrópica.

Particular destaque merece o conjunto de fragmentos campaniformes registados nesta sondagem, e que provêm tanto dos depósitos que preenchem a referida depressão, como dos depósitos que se lhes sobrepõem, inclusivamente do revolvido pela surriba. Trata-se de um

conjunto de fragmentos com decoração incisa de estilo Ciempozuelos (Figura 7.3), o qual se articulará com a grande concentração de cerâmicas campaniformes registada na Sondagem 1, da qual dista apenas 16m.

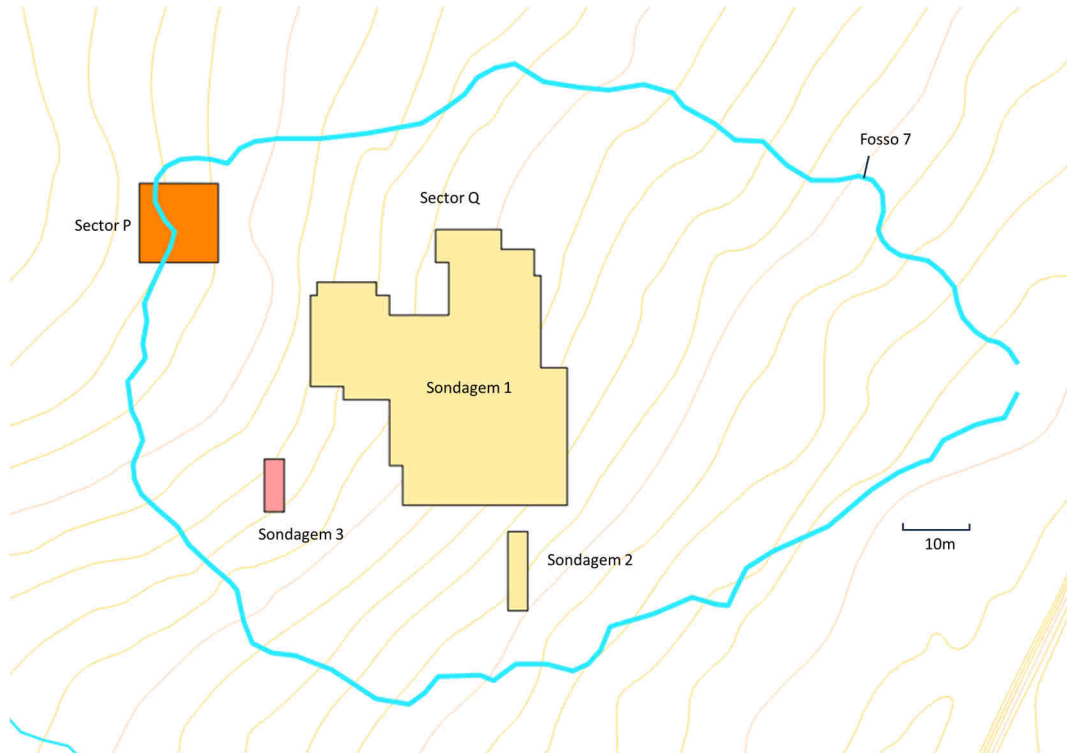


Figura 7.1 – Áreas já intervenionadas no interior do recinto definido pelo Fosso 7.



Figura 7.2 – Vista da depressão subcircular no geológico identificada na Sondagem 3 de 1997 (Lago *et al.*, 1998).

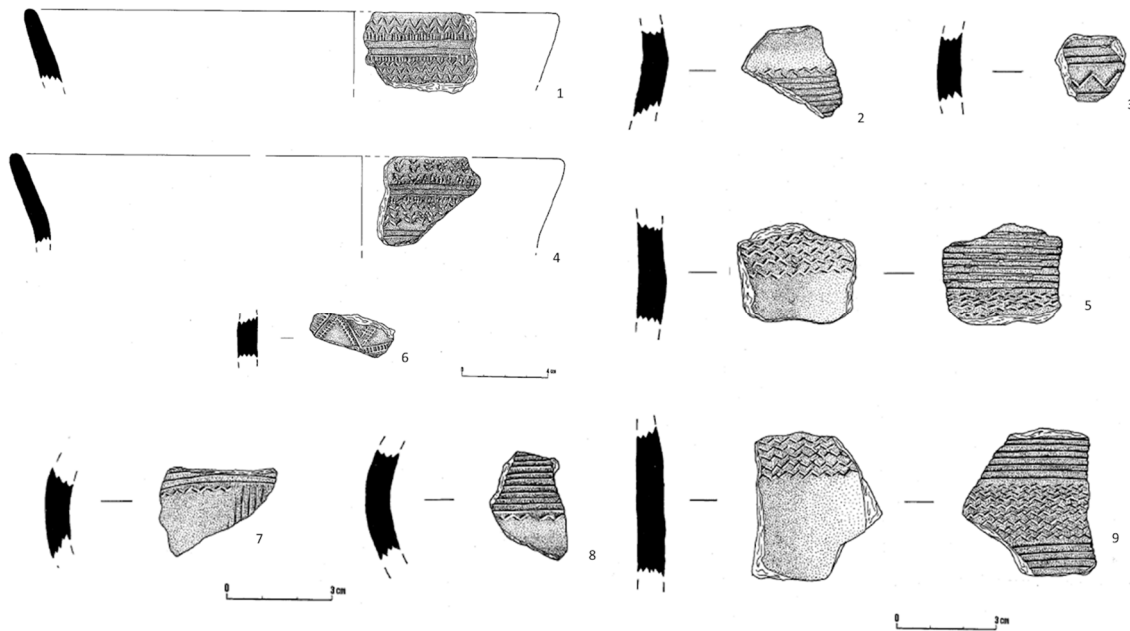


Figura 7.3 – Conjunto de fragmentos campaniformes recolhidos na Sondagem 3 (segundo Albergaria, 1998 adaptado).

7.2 SONDAGEM 2, SECTOR Q

A Sondagem 2 foi realizada em 2012, com 36m². A sua localização foi orientada pela imagem da geofísica, no sentido de expor uma secção onde corriam em paralelo os fossos neolíticos 5, 6 e 12. Estes fossos já haviam sido intervencionados na escavação em área da Sondagem 1, mas numa zona onde eram cortados por estruturas calcolíticas. Procurava-se, nesta nova sondagem, intervencioná-los num ponto diferente dos seus traçados, onde se apresentavam paralelos e sem cortes posteriores.

A sondagem expôs as secções dos três fossos neolíticos, mas também duas fossas (Figura 7.4). Uma (Fossa 31), localizada no recanto noroeste da sondagem, não foi escavada. A outra (Fossa 32) localizava-se na zona central da sondagem, na pequena faixa de geológico entre os Fossos 12 e 6. Trata-se de uma pequena fossa de cronologia calcolítica, de planta circular, com um diâmetro de boca de 1.10m, uma profundidade de 0.44m e um perfil convexo, apresentando um volume de 0.15m³ (Figura 7.5). Era preenchida por quatro depósitos que forneceram alguma cerâmica e restos faunísticos.

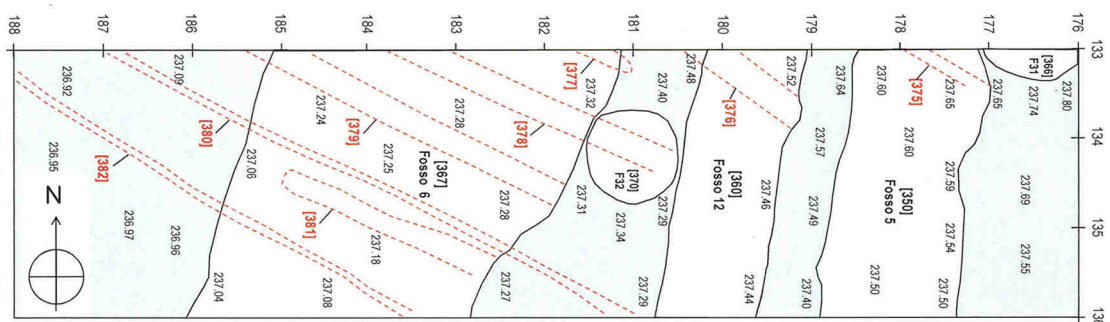


Figura 7.4 – Plano do topo das estruturas identificadas na Sondagem 2: Fossos 5, 6 e 12 do Neolítico Final, Fossa 31, de cronologia indeterminada, e Fossa 32 do Calcolítico.

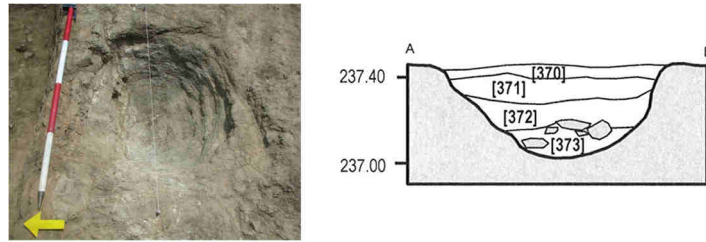


Figura 7.5 – Fotografia e perfil estratigráfico da Fossa 32 (Sondagem 2).

7.3 SONDAGEM 1, SECTOR Q (ÁREA ABERTA)

A Sondagem 1 corresponde a uma escavação em área aberta, que vem sendo desenvolvida desde 2009 e que abrange o centro do complexo de recintos dos Perdigões. Nesta área encontram-se estruturas e contextos que cobrem toda a cronologia dos Perdigões, desde o final do Neolítico Médio, passando pelo Neolítico Final, Calcolítico e terminando no início da Idade do Bronze. Trata-se de uma área nuclear do sítio, com grande densidade de ocupação, grande complexidade estratigráfica e extraordinária riqueza contextual (Figura 7.6).



Figura 7.6 – “Palimpsesto” da multiplicidade de estruturas da área central em 2025 (conjugação de fotos aéreas de diferentes anos).

Em processo de escavação há 15 anos consecutivos, vários dos seus contextos ou conjuntos artefactuais foram já objecto de publicação, destacando-se a monografia dedicada aos “Perdigões Neolíticos” (Valera, 2018), onde estruturas e contextos do Neolítico Médio e Neolítico Final existentes nesta sondagem (mas também na Sondagem 2) foram publicados. Já no que se refere aos contextos do Calcolítico e do início da Idade do Bronze, e porque a escavação dos mesmos continua em curso, a publicação tem incidindo sobre contextos ou materialidades específicas, ficando para mais à frente o trabalho monográfico mais global e detalhado sobre estas fases. Por agora, e para uma primeira articulação entre o Fosso 7 e as realidades que encerrou, apresenta-se uma abordagem resumida da sequência de ocupação deste espaço central durante o 3º milénio a.C., naturalmente ainda sujeita a uma série de interrogações e dúvidas, as quais se espera ir resolvendo nos próximos anos. Trata-se, pois, de uma caracterização genérica faseada do centro dos Perdigos durante o seu apogeu e processo de declínio, a qual permite estabelecer uma primeira relação com o Fosso 7.

7.3.1 A (re)construção de um centro cerimonial: os primeiros *timber circles*

De acordo com os dados actualmente disponíveis, os contextos calcolíticos mais antigos desta área central dos Perdigos relacionam-se com a construção de uma estrutura cerimonial em madeira. Esta estrutura está descentrada relativamente ao centro dos recintos neolíticos definidos pelos três fossos (Fossos 5, 6 e 12) existentes nesta área, centro esse que não é praticamente abrangido pela Sondagem 1 (ver Figura 1.3). Não sabemos, assim, se estes recintos neolíticos teriam no seu centro alguma estrutura equivalente, ou se estes primeiros *timber circles* calcolíticos inauguram este tipo de construções nesta área, conferindo um novo (ou reforçando um anterior) simbolismo ao núcleo do complexo de recintos.

Sobre estas estruturas foi já feita uma primeira publicação preliminar, na qual, à luz do que estava então exposto e escavado, são apresentadas como uma única estrutura (Valera, 2023). Os trabalhos dos últimos anos, contudo, têm evidenciado diferentes fases construtivas (Figura 7.7 e 7.9).

O processo inicial, todavia, está bem estabelecido e começou pela criação de uma superfície plana circular para receber a construção em madeira. Para tal, e dada a ligeira inclinação do substracto de Oeste para Este, foi realizado um corte circular no geológico (unidade estratigráfica 67) abrangendo os quadrantes Norte, Oeste e Sul, com o qual se cortaram parcialmente algumas fossas e fossos prévios de cronologia neolítica (Valera, 2018; 2023).

Nessa superfície aplanada é construída uma estrutura perfeitamente circular em madeira (Timber Circle 1 - TC1) com um diâmetro de 19.4m, a qual é composta pelo menos por duas valas externas e um alinhamento de buracos de poste escavados no geológico, estruturas que se apresentam perfeitamente concêntricas. No seu centro geométrico existia uma fossa (Fossa 96A), a qual foi posteriormente cortada pela fossa central do Timber Circle 2 (TC2), sendo quase totalmente esvaziada em momento mais tardio (já campaniforme) e reutilizada para a deposição de uma cabeça decapitada e realização de várias estruturas de combustão e momentos de consumo ritualizado (Valera *et al.*, 2024).

Uma outra estrutura corresponde a uma vala e um alinhamento de postes externo detectados nos quadrantes Norte e Oeste, mas que não aparecem no quadrante Sudeste, sendo designada por Timber Circle 3 (TC3). A vala e alinhamento estão a cerca de 1.7m das valas do TC1 a norte, mas vão progressivamente convergindo com aquelas estruturas para Oeste, onde se situam já só a 0.8m, sugerindo que se podem vir a sobrepor a essas estruturas no quadrante Sudoeste ainda não exposto. De facto, se fizermos o prolongamento circular da vala do TC3

sobre as áreas ainda por escavar verifica-se que a mesma se vai sobrepor a vala interior do TC1 formando um círculo perfeito (Figura 7.8), circunstância a ser ainda confirmada.

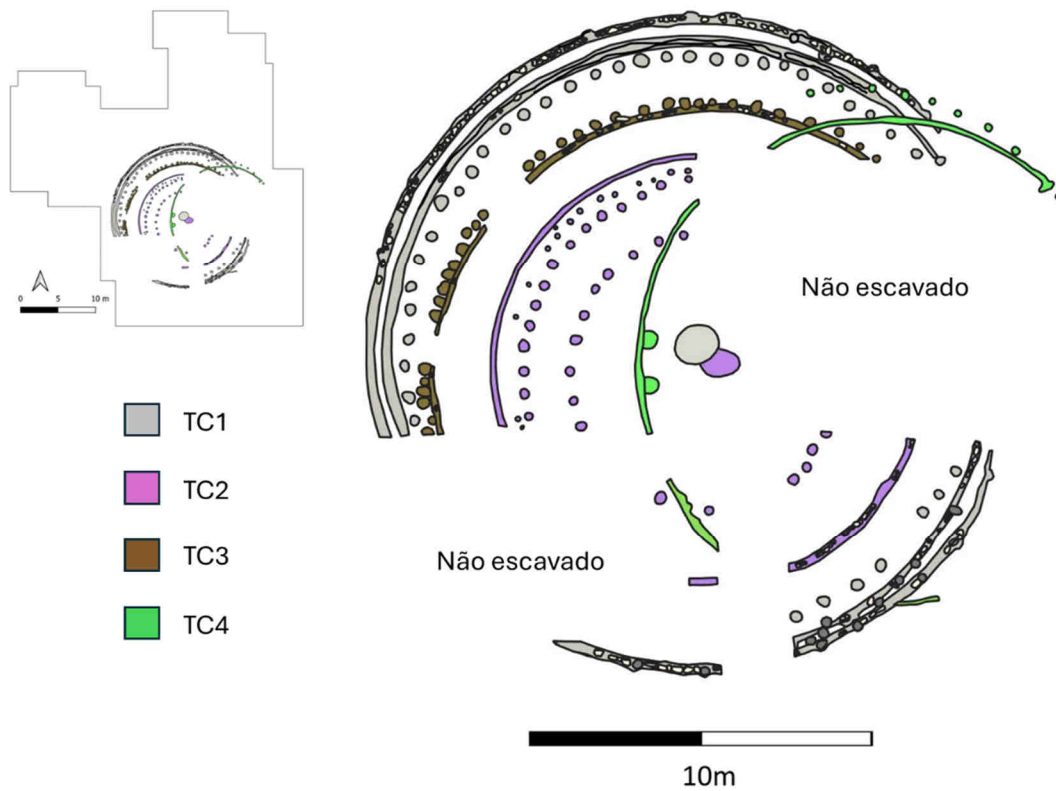


Figura 7.7 – Plano das estruturas atribuídas às estruturas TC1, TC2, TC3 e TC4 (a numeração tem a ver com a ordem de identificação e não cronológica).

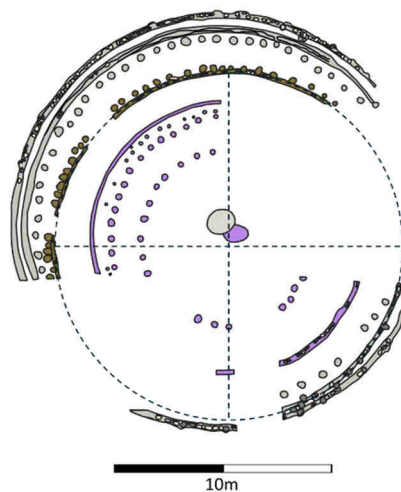


Figura 7.8 – Projecção circular da vala do TC3 sobre as áreas não escavadas, sugerindo que a mesma se vai sobrepor à vala interna do TC1.

Outros alinhamentos e inúmeros buracos de poste têm sido identificados neste ponto central dos Perdigões (Figura 7.6). Porém, porque não é ainda claro com que momentos construtivos se relacionam ou se se articulam com estruturas posteriores, não são aqui considerados nem incorporados na planta apresentada na Figura 6.7.

De acordo com as datações actualmente disponíveis (Tabela 7.1), as estruturas designadas por TC1 e TC3 correspondem aos mais antigos *timber circle* que, na modelação bayesiana para a sequência de ocupação desta área central, se enquadram sensivelmente entre 2800 e 2650 a.C..

Considerando as duas estruturas individualmente, a modelação bayesiana dos dois conjuntos de datas como duas fases sequenciais indica uma ligeira anterioridade do TC3 relativamente ao TC1 (Figura 7.9). Assim, destas duas estruturas, a primeira a ser construída e usada terá sido o TC3 (c.2800-2750) e, tendo em conta a hipótese de sobreposição de valas acima exposta, terá sido posteriormente ampliado para Norte com a construção do TC1 (c.2750-2650). As outras duas fases construtivas (TC2 e TC4) são mais tardias e serão descritas mais à frente na sequência.

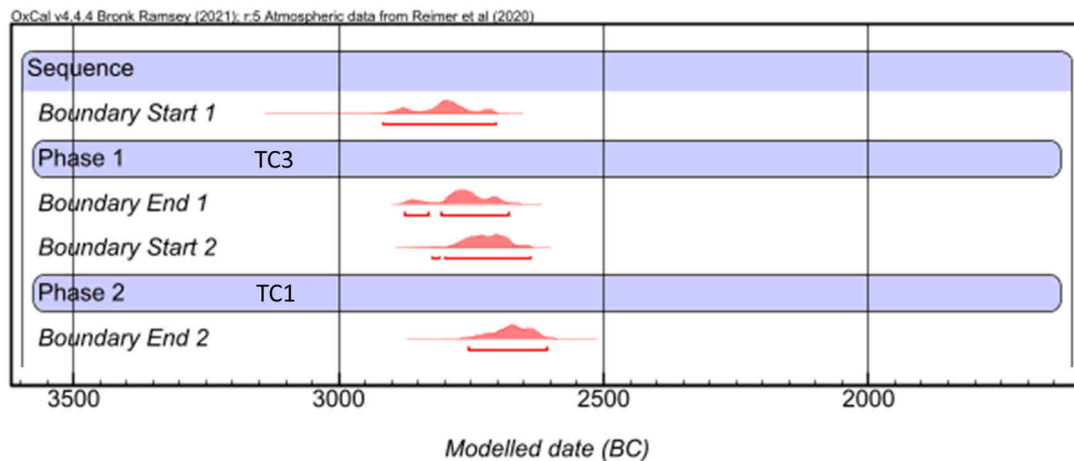


Figura 7.9 – Excerto da modelação bayesiana para a sequência de ocupação da Sondagem 1 do Sector Q, relativo aos TC3 e TC1.

7.3.2 A construção de cabanas de sulco perimetral

Num segundo momento, com os *timber circles* iniciais desactivados, são construídas estruturas de cabana de sulco perimetral, dentro dos quais se preservam calços em vários troços. Foram já identificadas três destas estruturas, sendo duas de planta circular e uma de planta sub-elipsoidal (Figura 7.10).

A **Cabana 1** (Figura 7.11) corresponde a uma estrutura de tendência circular definida por um sulco [345] de secção rectangular, com larguras de 20/24cm e profundidades de 19/25 cm. A planta ultrapassa ligeiramente (em cerca de 1,20m) um semi-círculo, tendo um diâmetro máximo 7,70m. Apresenta uma ampla abertura de 7m virada a Este.

O sulco era preenchido pelo depósito [346], sedimento areno-argiloso que integrava ao longo do seu trajecto inúmeros calços cravados na vertical, e que serviriam para sustentar os postes que integrariam a parede da estrutura. Na extremidade nordeste do sulco existia uma pequena depressão no geológico [413], de planta ovalada no topo, mas tendo uma zona circular na área mais profunda (que atingia apenas 6 cm) e que poderia servir de assentamento de um poste que marcaria o limite da estrutura desse lado.

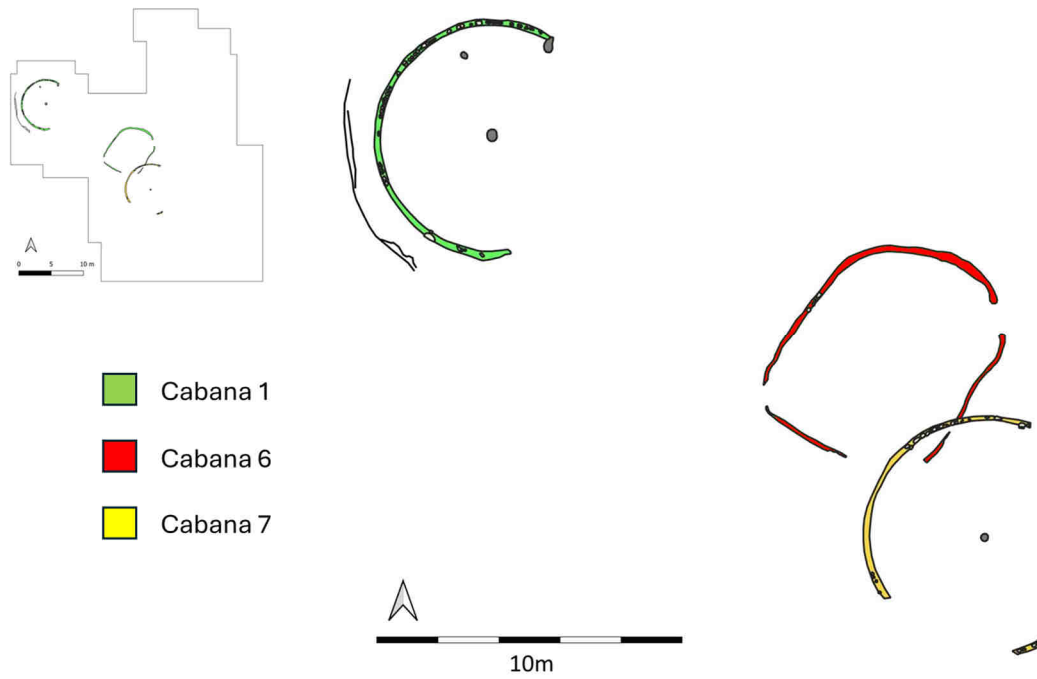


Figura 7.10 – Plantas das cabanas de sulco perimetral.

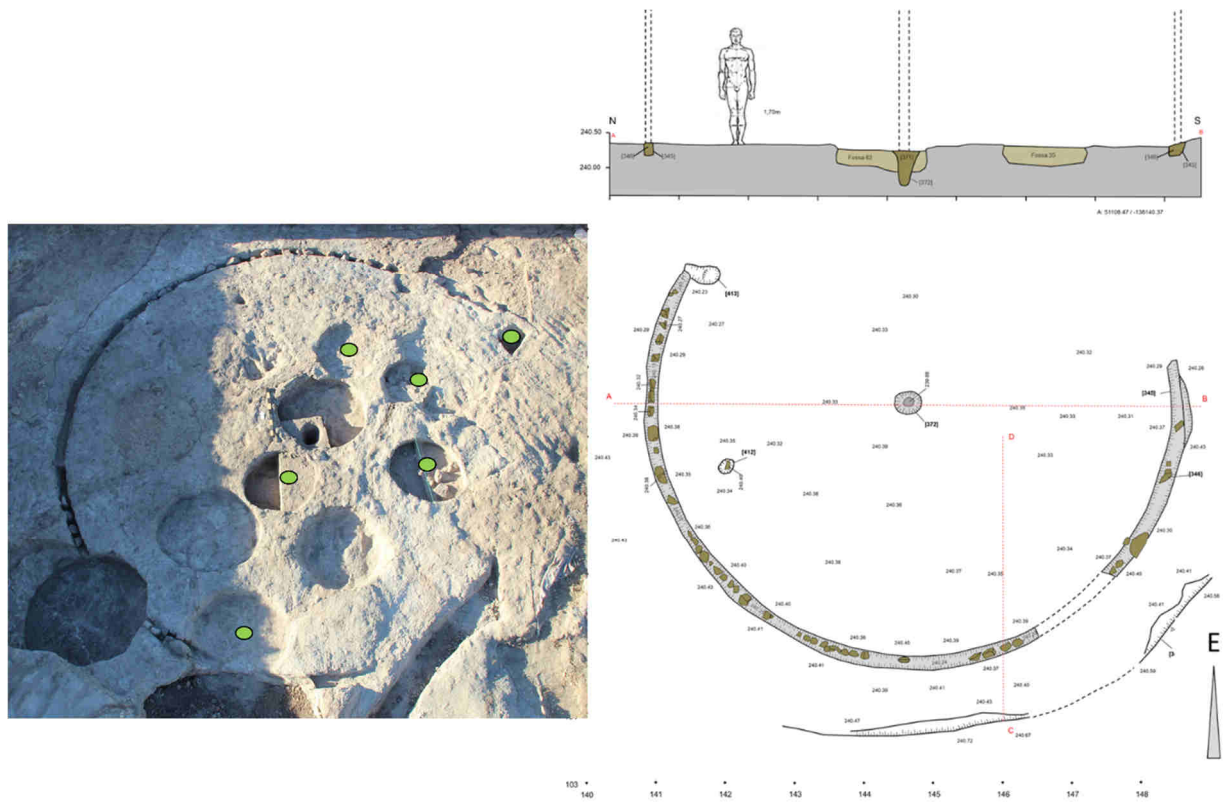


Figura 7.11 – Vista aérea, planta e perfil da Cabana 1 (pontos verdes marcam fossas anteriores neolíticas)

Precisamente no centro geométrico do desenho de tendência circular do sulco foi identificado um buraco de poste [372], o qual foi escavado nos sedimentos que preenchiam a Fossa 62 (de cronologia do Neolítico Médio), penetrando no geológico abaixo desta. Com uma planta sub-circular, apresentava um diâmetro máximo de 42cm na boca, um perfil trapezoidal, e uma profundidade de 46cm. O depósito que o preenchia [371] apresentava-se bastante solto e com abundantes carvões, dos quais foram analisados 749 fragmentos, correspondendo todos a *Pinus pinea/pinaster* (Gebreselassie, 2023).

A **Cabana 6** tem o sulco perimetral pontualmente preenchido com calços e apresenta uma planta sub-elipsoidal, com 7.3m de comprimento por 5.9m de largura e com uma entrada de 1m de largura orientada a Nordeste. O sulco tem uma largura variável, que atinge um máximo de 0.29m, uma profundidade máxima de 0.25m e um perímetro de 22.3m, que se encontra pouco profundo e erodido (provocando interrupções) na extremidade Sudoeste. Corta estruturas dos TC1, TC2 e TC3. No seu interior existe uma panóplia de buracos de poste que ainda não foram atribuídos a estruturas concretas (a maioria pertencerá a estruturas dos *timber circle*), podendo alguns corresponder a esta cabana. Note-se que esta área era sobreposta pelos contextos de cremações ainda não totalmente escavados (ver ponto 7.3.3).

A **Cabana 7** apresenta uma planta com tendência para o círculo perfeito (entra pelo corte Este e corte Sul, pelo que não está totalmente definida). No seu centro geométrico tem um buraco de poste, evidenciando um processo construtivo idêntico ao da Cabana 1, e um diâmetro de 7.6m, igualmente muito próximo do daquela cabana. O sulco perimetral está preenchido por calços e apresenta uma largura de 0.20m e uma profundidade em torno aos 0.15m. A sua entrada deverá estar igualmente orientada a Este. Esta cabana corta a Cabana 6 e é cortada por estruturas do TC2.

Se considerarmos que as Cabanas 1 e 7 têm plantas completamente circulares, as áreas internas são próximas entre si: 41.8m² na Cabana 1; 38.4m² na Cabana 6 e 42.6m² na Cabana 7.

Em termos cronológicos, dispomos de uma datação para a Cabana 1 e outra para a Cabana 6, com base em amostras provenientes do interior dos respectivos sulcos (Tabela 7.1). A sua modelação bayesiana relativamente aos TC1 e TC3 confirma a posterioridade observada estratigraficamente, centrando-as num período curto, entre 2600 e 2550 a.C. (Figura 7.12).

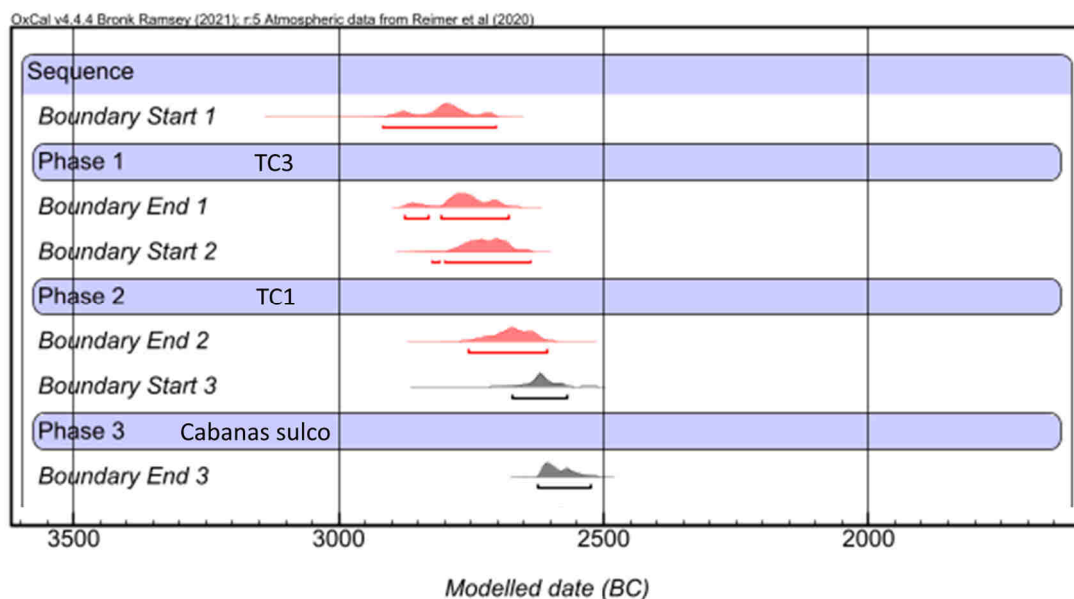


Figura 7.12 - Excerto da modelação bayesiana para a sequência de ocupação da Sondagem 1 do Sector Q, relativo aos TC3, TC1 e cabanas de sulco perimetral.

Este tipo de cabanas, nomeadamente as circulares, têm paralelos em inúmeros contextos calcolíticos, tanto integradas em recintos como em sítios abertos. Em Portugal, contudo, apenas foram identificadas no litoral alentejano, no sítio da ETAR de Vila Nova de Milfontes (Valera, Parreira, 2018). Já em Espanha surgem de Norte a Sul, estando presentes na vizinha Extremadura nos recintos de San Blás (Hurtado, 2004) e Cortijo Lobato (Pérez García *et al.*, 2025), na Andaluzia Central em Los Marroquiés Bajos (Zafra de la Torre *et al.*, 1999), no centro peninsular em Gósquez de Arriba (Díaz-del-Río, 2003) ou na Meseta Norte em Casetón de la Era (Delibes de Castro, 2016).

7.3.3 *Um novo timber circle, cabanas com soco em pedra, uma construção hemi-elipsoide em madeira e o contexto funerário de deposições de cremações.*

Posteriormente a estas estruturas de cabana e à sedimentação que se foi sobrepondo às estruturas anteriores terá existido uma reescavação desses depósitos na área mais central, sendo construído um novo *timber circle* (TC4), o qual corta o sulco da Cabana 7 e as estruturas dos TC1 e TC3 (Figura 7.7), formando-se um depósito cinzento-escuro que estabelece um grande contraste cromático com os depósitos prévios envolventes. Este novo *timber circle* é constituído por uma única vala, de planta circular, com 14m de diâmetro, ainda não completamente exposta. A Nordeste esta vala termina em “T” e parece estar associada a um alinhamento curvo de pequenos buracos de poste, enquanto do lado sudeste já quase não existe, resultado da afectação provocada pela surriba profunda nesse ponto. A sua abertura seria do lado Este, onde poderá estar associado a um pavimento constituído por milhares de pequeníssimos seixos rolados e cerâmicas fragmentadas “in situ”, ainda em processo de escavação. Do lado Oeste, em frente do que seria a entrada, existem dois grandes buracos de poste (para verdadeiros troncos) separados por cerca de um metro e cujo eixo central está precisamente alinhado com os equinócios (270° - 90°). Foram obtidas três datações de radiocarbono para estas estruturas (Tabela 7.1), tendo uma delas um valor considerado atípico e as duas restantes enquadrando-se dentro do modelo bayesiano sensivelmente entre 2550 e 2500 a.C. (Figura 7.16).

Terá sido ainda dentro desta fase que se começaram a construir (e a desmontar) estruturas em soco de pedra localizadas a Norte e a Sudoeste da zona de implantação dos *timber circles*. Se as documentadas a Sudoeste foram expostas numa pequena área não permitindo ainda a sua compreensão (ficando, para já, fora deste texto), a Norte observou-se uma sequência de construção, utilização e desmonte de várias estruturas de embasamento em pedra e provável elevação em argila e madeira, várias das quais correspondem a cabanas circulares (Figura 7.13), as quais já foram objecto de uma publicação parcelar (Valera *et al.*, 2019).

Das várias estruturas apenas o muro comprido que entra pelo corte Este e a Cabana 2 apresentavam o soco em pedra totalmente preservado. A cabana, com 3m de diâmetro interno, apresentava uma entrada orientada a 90º graus e das suas faces exteriores partiam muros radiais que compartimentavam o espaço externo. Quase todos foram parcialmente desmontados em época calcolítica. A mesma situação de desmonte parcial se registou para a Cabana 4 e para a Cabana 3, que se lhe sobrepunha parcialmente, revelando uma dinâmica de construção e desconstrução que simultaneamente traduz a estabilidade da ocupação de uma determinada área e a dimensão efémera das construções que a caracterizam, sugerindo um certo nível de periodicidade ocupacional e construtiva e a incorporação de materiais de estruturas mais antigas em estruturas mais recentes, com o carácter prático e simultaneamente simbólico que essas praticas acarretam (Valera *et al.*, 2019). Esta mesma situação está igualmente documentada por um outro muro de cabana (Cabana 5) registado cerca de 10m mais a sul das Cabana 3 e 4, já na área central do sector de sobreposição ao TC4.



Figura 7.14 – Aspectos das construções em soco de pedra na zona Norte da Sondagem 1 do Sector Q



Figura 7.15 – Sequência da escavação da Cabana 2, sendo visível a Fossa 83 no seu interior (3) e alguns dos pontos onde são usadas pedras de xisto para regularizar o topo do muro, formando uma segunda fiada (4).

Para estes contextos existem apenas duas datações absolutas, ambas de depósitos associados à Cabana 2 e que a colocam como ainda parcialmente contemporânea ao TC4 ou imediatamente posterior (Figura 7.16), como acontece com a já referida Cabana 5. Porém, como a Cabana 2 é estratigraficamente a mais tardia dentro da sequência construtiva observada, podemos assumir uma contemporaneidade genérica entre esta dinâmica construtiva e o TC4.

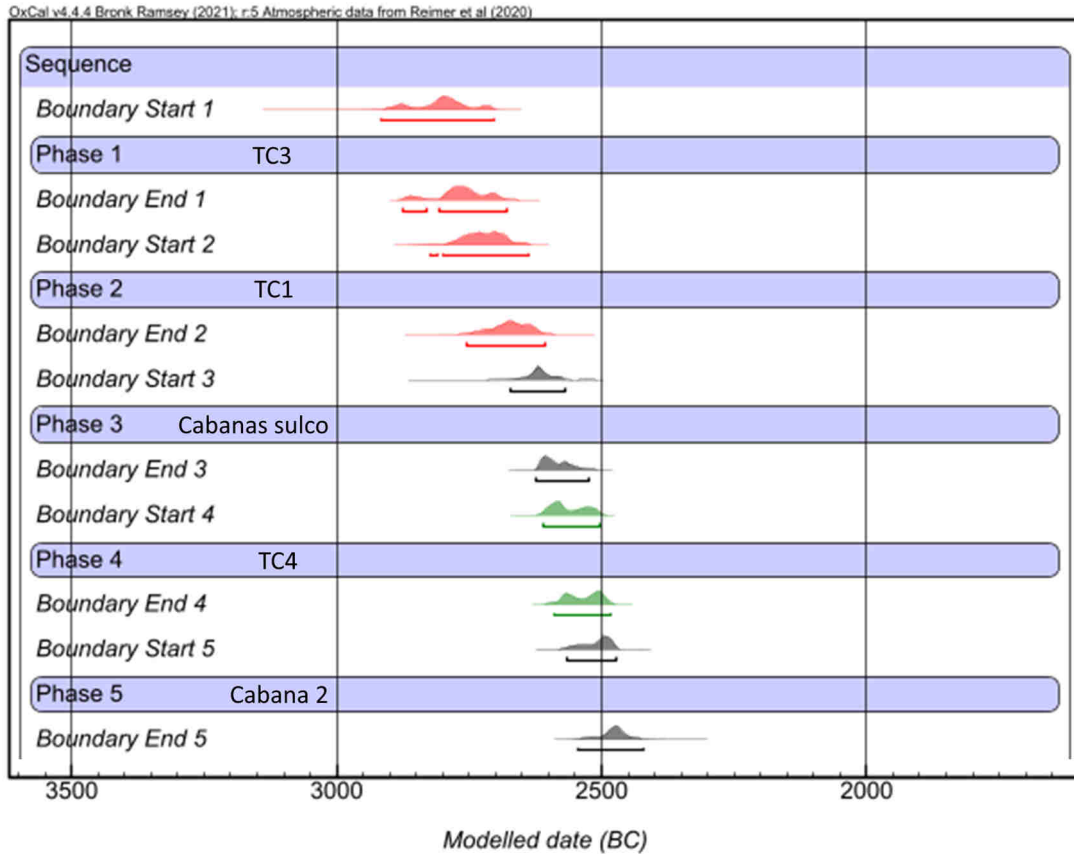


Figura 7.16 – Enquadramento cronológico do TC4 e da Cabana 2 no modelo bayesiano da sequência da área central dos Perdigões.

Ainda que não datada, as relações estratigráficas levam à integração neste momento, eventualmente numa fase inicial, de uma estrutura em madeira hemi-elipsoidal, a qual se localiza no lado Norte do corte do geológico efectuado para a construção dos *timber circles* iniciais e se implanta sobre depósitos que os cobrem (Figura 7.17).

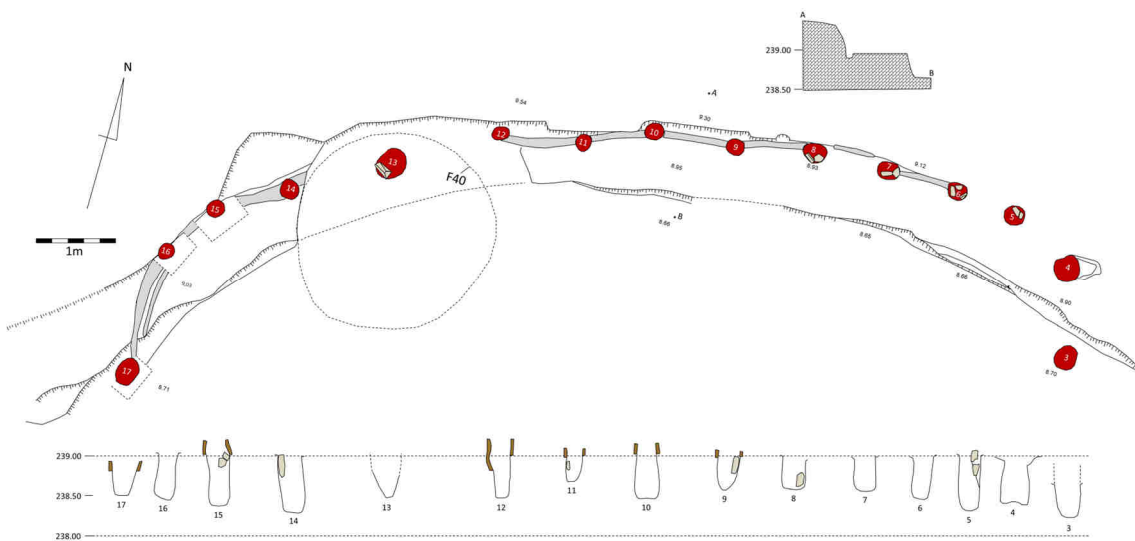


Figura – 7.17 – Estrutura hemi-elipsoidal em madeira.

Esta estrutura de planta hemi-elipsoidal aberta a Sul é composta por 15 buracos de poste, vários dos quais com calços ainda no interior, com profundidades entre os 30 e os 75cm e um espaçamento entre eles relativamente regular. Acompanha o rebordo do referido corte circular realizado no geológico e, nas extremidades Este e Oeste inflete em curva para Sul.

Com exceção da extremidade Este, entre os buracos de poste existe um pequeno sulco escavado na rocha, com larguras em torno aos 10cm e profundidades de 5cm ou menos, e que sugere que os espaços entre os grandes postes implantados nos buracos seriam preenchidos estreitas paredes feitas igualmente de madeira, eventualmente revestidas a argila.

Esta estrutura criou um espaço semi encerrado, no interior do qual se escavaram sucessivos depósitos com grandes concentrações alongadas de fragmentos cerâmicos e restos faunísticos, idiciando uma área de intenso consumo.



Figura 7.18 – Vista aérea da estrutura hemi-elipsoidal em madeira.

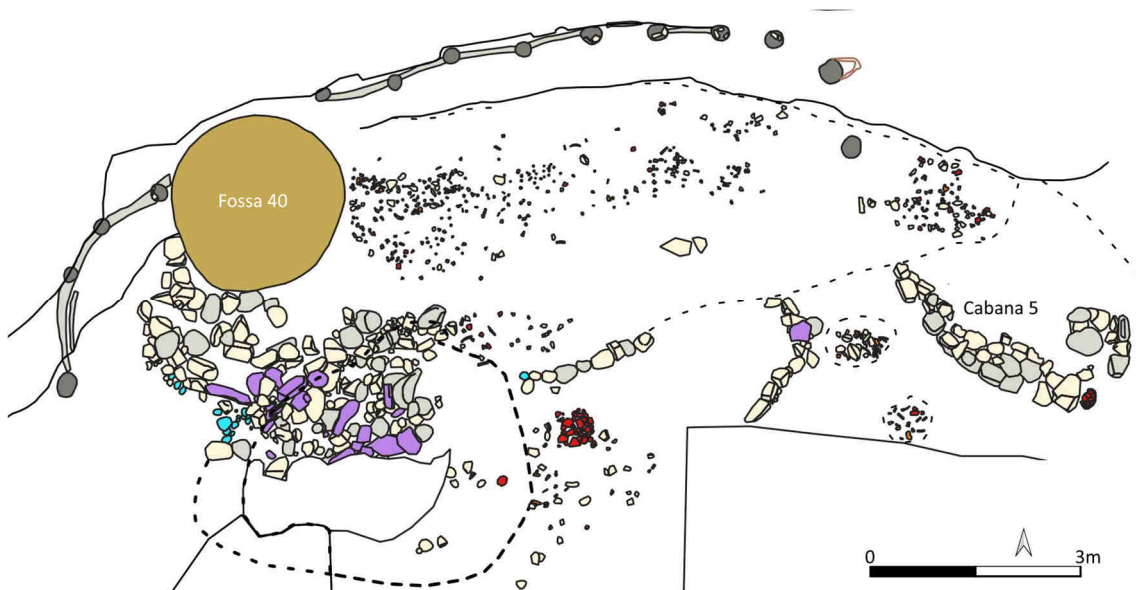


Figura 7.19 – Plano de uma das acumulações alongadas pelo interior da estrutura hemi-elipsoidal, cortado a Oeste pela Fossa 40 e restantes contextos de deposições de cremações. A Este o troço da Cabana 5.

Por último, duas outras ocorrências significativas nesta fase de meados do 3º milénio a.C.: o aparecimento em alguns depósitos dos primeiros campaniformes, ainda que em número reduzido, e o início das deposições secundárias de restos de cremações e de ossos não cremados, cujas estruturas são abertas em depósitos anteriores ou a eles sobrepostas.

Estes contextos, cuja escavação ainda não está totalmente concluída, foram já várias vezes referidos (Silva *et al.*, 2014; Valera *et al.*, 2014; Valera, 2020) e recentemente objecto de uma publicação mais detalhada (Valera *et al.*, 2025), pelo que aqui apenas se fará uma descrição genérica, remetendo o leitor para essa última publicação.

A localização nuclear destas deposições está sobreposta a parte das estruturas dos TC1 e TC3, da Cabana 6 de sulco perimetral, e da parte Oeste do interior da estrutura hemi-elipsoidal. É composta por uma fossa larga (Fossa 40), aberta em sedimentos prévios, que teria uma cobertura perecível, e pelo designado Ambiente 1, que integra um empedrado que se desenvolve daquela fossa para Sul. Este empedrado incorpora uma pequena cista e é sobreposto por diversos depósitos, apresentando inúmeros ossos não cremados na base (misturados com cremados) e grandes quantidades de cremados entre o empedrado e nos depósitos que o cobrem. Um pouco mais para Oeste encontram-se mais duas fossas que fazem parte deste contexto. A Fossa 16, aberta em sedimentos prévios calcolíticos e onde foi depositado um conjunto de restos cremados e a Fossa 91, aberta no topo do enchimento de um fosso neolítico (Fosso 12) e na qual foram depositados empilhados fragmentos de grandes recipientes utilizados no transporte dos restos cremados e que mantinham alguns desses restos associados (Figura 7.20). No conjunto, e ainda sem grande parte da colecção osteológica estudada, o número mínimo de indivíduos representados ultrapassa os 350.

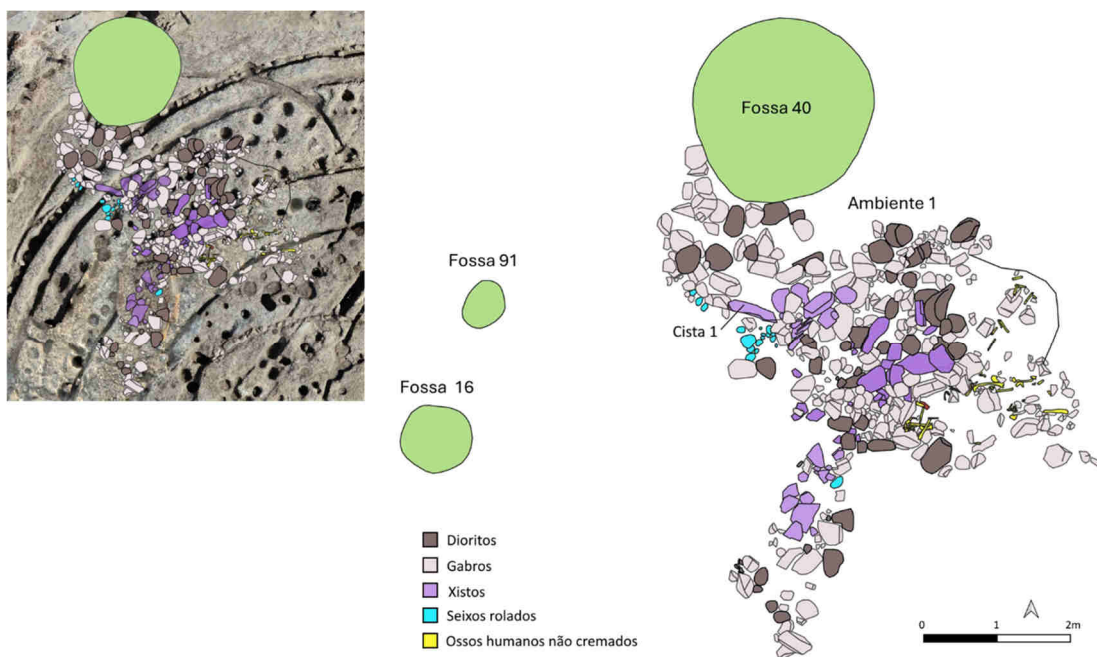


Figura 7.20 – Planta da base, actualizada a 2025, dos contextos de deposições secundárias de restos humanos cremados e não cremados e localização da sua área nuclear sobreposta às estruturas do TC1, TC3 e Cabana 6.

Foram já realizadas 22 datações de radiocarbono: uma para a Fossa 16, quinze para a Fossa 40 e 6 para o Ambiente 1 (Tabela 7.1). A sua modelação, com um único resultado atípico (que traduz a mistura de ossos de indivíduos que morreram em períodos diferentes), coloca

estas deposições entre 2600 e 2400, estabelecendo uma concordância entre as datas realizadas sobre ossos humanos cremados e não cremados e os carvões datados. Este intervalo sobrepõe-se ao intervalo estabelecido pelas datas do TC4 e da Cabana 2, indicando um certo nível de contemporaneidade, mas vai para além dele, continuando pelo terceiro quartel do 3º milénio a.C. (Figura 7.21), fase em que a presença campaniforme se acentua nesta área central (ver ponto 7.3.4).

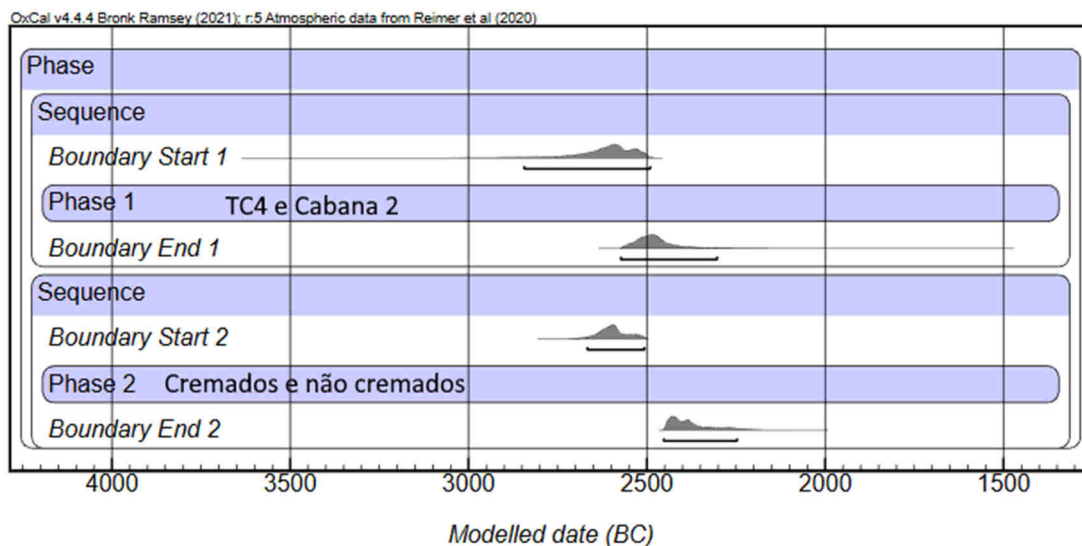


Figura 7.21 - Modelo de fases sobrepostas ($A_{\text{model}}=67.2$), revelando a sobreposição parcial dos intervalos obtidos para o TC4 e Cabana 2 e as deposições de restos humanos.

7.3.4 *Deposições campaniformes em fossa e espaço aberto, um último timber circle (?) e ainda as deposições de restos humanos.*

A par dos contextos funerários acima descritos, este é um dos momentos mais bem datados da sequência, com 16 datas de radiocarbono (Tabela 7.1), deixando ainda de fora algumas relativas a depósitos que necessitam de melhor esclarecimento estratigráfico. São datas obtidas para um conjunto de seis fossas, dois depósitos associados a deposições campaniformes em espaço aberto e a um empedrado que encerra esta fase de ocupação da área central, e que geram um intervalo enquadrado no terceiro quartel do 3º milénio a.C., entre 2450 e 2250 (Figura 7.22), o qual corresponde a uma intensa ocupação campaniforme. A estas junta-se a única data até ao momento obtida para o TC2 (MTMC-MH58-2 - 3910±34BP – 2476-2238 cal AC, data ainda inédita e obtida no âmbito do projecto Zoochanges financiado pela FCT (<https://doi.org/10.54499/2022.02053.PTDC>), permitindo incorporar provisoriamente esta estrutura nesta fase, num momento eventualmente inicial, o que a estratigrafia não contradiz.

O TC2 (ver figura 7.7) corresponde a uma estreita vala de planta circular com 12.5m de diâmetro e pelo menos dois alinhamentos de postes internos perfeitamente concêntricos entre si. No seu centro apresenta uma fossa (Fossa 96B), a qual corta parcialmente a fossa central do TC1 (Fossa 96A), ao qual o TC 2 se apresenta ligeiramente descentrado para sul. Entre a vala externa e o primeiro alinhamento de postes existe um alinhamento descontinuado de pequenos buracos de poste, o qual mantém a concetricidade geral deste TC2. A sua construção/utilização poderá relacionar-se com o esvaziamento e reutilização da fossa central do TC1 e com o contexto ritual de deposição da cabeça decapitada, que apresenta datas compatíveis.

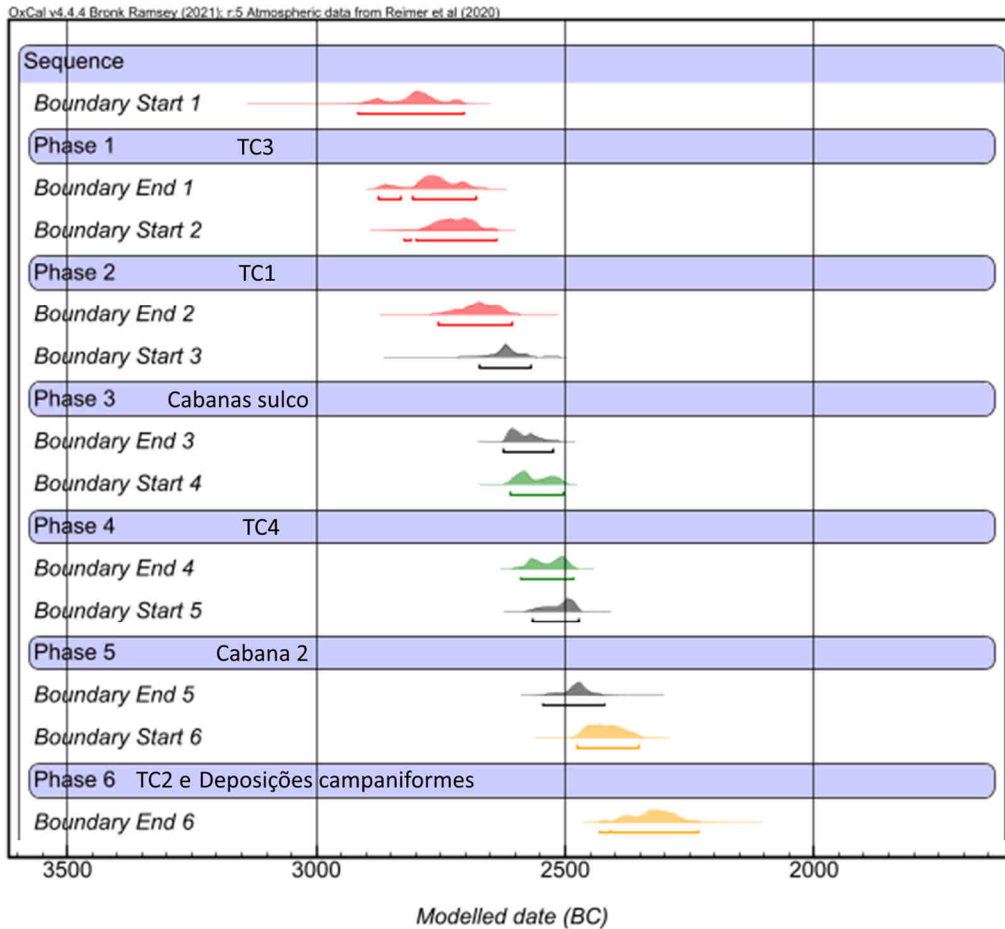


Figura 7.22 - Enquadramento cronológico do TC2 e das deposições campaniformes no modelo bayesiano da sequência da área central dos Perdigões.

Durante este período foram abertas fossas a Norte e a Oeste dos limites do TC2 (Figura 7.23) e foi reaberta a fossa central do TC1, nas quais se registaram práticas deposicionais que revelam níveis de formalismo e ritualidade.



Figura 7.23 – Localização das fossas com deposições formais realizadas no terceiro quartel do 3º milénio a.C.

A Fossa 45, de planta circular, perfil troncocônico e um diâmetro máximo de 1.78m por 0.98m de profundidade, cortava depósitos calcolíticos anteriores, uma fossa igualmente calcolítica e parte do sulco da Cabana 1, entrando pelo geológico. Sensivelmente a meio dos enchimentos foi feito o enterramento de um canídeo. O cão encontrava-se em conexão anatómica, depositado junto à parede da fossa, mas sem o crânio. No seu lugar foram colocados parte de um grande corno de auroque e de uma mandíbula de suíno, indicando que o animal havia sido decapitado. O corpo estava rodeado e coberto por pedras e o crânio encontrava-se pelo lado de fora das pedras, com a mandíbula esquerda em conexão, enquanto a mandíbula direita se encontrava mais perto do corpo sobre as pedras (Figura 7.24). Apresentava o fémur direito com evidência de fractura regenerada. Foi datado de 2448-2144 cal a.C. (Tabela 7.1).

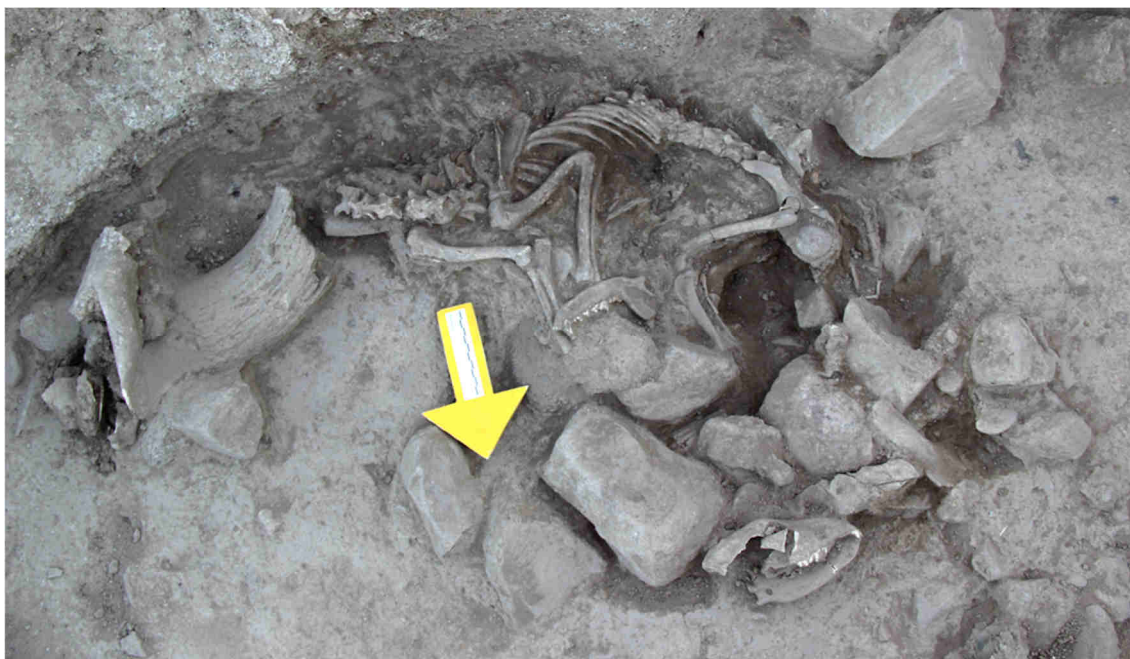


Figura 7.24 – Enterramento de canídeo da Fossa 45.

As Fossas 92 e 101 encontravam-se praticamente encostadas. A primeira, de planta subcircular com um diâmetro máximo de 1.20m na base e perfil trococônico com 0.30m de profundidade, foi escavada em depósitos que cobriam o TC1, não chegando ao geológico. Revelou a deposição de 10 recipientes inteiros e cerca de metade de um outro, uma valva convexa inteira de *Pecten maximus*, uma tampa discoide em xisto e dois botões em marfim com perfuração em “V”, sendo um redondo e o outro ovalado (Figura 7.25). Os vasos correspondem a dois globulares, uma tigela fechada, um grande recipiente de corpo cilíndrico e base convexa, quatro pequenas e finas taças, um vaso em forma de saco com perfurações de suspensão à volta do bordo, um prato e um recipiente campaniforme com decoração de estilo pontilhado linear. Duas das pequenas taças estavam empilhadas junto ao campaniforme, conjunto que se localizava do lado Este da fossa. Mais ao centro encontravam-se os recipientes de maiores dimensões e do lado Sul o prato, a tampa de xisto, a concha, as outras duas taças e o recipiente tipo saco. Os botões estavam na zona mais Oeste da fossa. Sobre a tampa de xisto encontrava-se meia mandíbula direita de suíno queimada, enquanto no interior da tigela estava meia mandíbula esquerda igualmente de suíno, queimada e misturada com cinzas. As mandíbulas são compatíveis com um único indivíduo. Dispersos pelo depósito que envolvia estes recipientes registaram-se inúmeros fragmentos cerâmicos. Para esta fossa existe uma datação de 2466-2294 cal a.C. (Tabela 7.1).



Figura 7.25 – Fossa 92. À esquerda os recipientes, a concha e a tampa de xisto e respectiva localização na fossa; à direita pormenor dos botões em marfim, das taças junto ao recipiente campaniforme, do conjunto prato, concha e tampa de xisto com meia mandíbula de suíno e, por último, as duas mandíbulas de suíno queimadas, com vista da que se encontrava dentro da tigela juntamente com cinzas.

Quanto à Fossa 101, de planta subcircular e perfil convexo com 0.68m de diâmetro por 0.36m de profundidade, foi também aberto nos depósitos que cobriam o TC1, chegando mesmo a penetrar ligeiramente no topo dos enchimentos da sua vala externa. Nela, para além de alguns fragmentos cerâmicos, de um fragmento de peso de tear e alguma fauna, foi depositado um recipiente campaniforme liso, metade de uma valva convexa de *Pecten maximus*, e um grande fragmento de prato (Figura 7.26). Foi datada de 2564-2298 cal a.C (89.1% entre 2494-2298).



Figura 7.26 – Materiais depositados na Fossa 101.

A Fossa 93, de plano circular, com 0.80m de diâmetro e 0.60m de profundidade, também corta depósitos que cobrem o TC1, assim como as suas valas, entrando pelo geológico. Era encerrada por um aglomerado pétreo, abaixo do qual estava uma deposição estruturada. Esta era composta por um grande recipiente de armazenagem que havia sido fracturado intencionalmente por secções circulares, que depois foram encaixadas umas nas outras em torno da secção da base. Dentro da base foi colocada uma caçoila campaniforme lisa, que depois foi fracturada deixando-se cair sobre ela um conjunto de pedras. Ao lado deste conjunto estava cerca de metade de um grande troncocónico e de um grande globular, enquanto por baixo do grande recipiente fragmentado estavam três cadinhos usados completos e parte de um braçal de arqueiro e ao centro da fossa um grande bloco de argila. Um depósito mais abaixo forneceu cerâmica fragmentada e alguma fauna e na base um aglomerado de pedras (Figuras 7.27 e 7.28). Para esta fossa existem duas datações de radiocarbono com os intervalos 2470-2297 e 2339-2139 cal a.C. (Tabela 7.1).



Figura 7.27 – Sequência da Fossa 93, vendo-se os vasos fracturados pedras e os cadinhos subjacentes.

Mais a Norte, a Fossa 87 foi aberta nos sedimentos que cobriam a estruturas de embasamento pétreo, nomeadamente o muro alongado e a Cabana 3, prolongando-se em profundidade entre estas. Também era encerrada por um aglomerado pétreo e, abaixo deste, uma grande concentração de carvões e de *Pyrus pyraster* (pêra selvagem) carbonizadas. Esta concentração prolongava-se em profundidade e assentava no aglomerado de pedras e de grandes fragmentos cerâmicos, onde se encontravam também um vaso em mármore, uma falange de equídeo, uma conta de colar, um fragmento de minério de cobre e uma tampa discoide em xisto (Figura 7.29). Esta fossa foi datada de 2458-2207 cal a.C. (Tabela 7.1).

Por último a Fossa 96A, a qual já foi sujeita a publicação detalhada (Valera *et al.*, 2024b). Trata-se da fossa localizada no centro geométrico do TC1 e que lhe deverá pertencer. Esta fossa foi reaberta (tendo ficado junto às paredes parte do preenchimento original) e nela foi depositada a cabeça decapitada de um indivíduo masculino com origem exógena à região (pelos altos valores de Sr, terá proveniência a Norte), seguindo-se a realização de fogo e consumo, nomeadamente de ameijoas estuarinas (Figura 7.30). Entre os materiais recolhidos destaca-se um conjunto de pontas de projectil em osso polido e um minúsculo fragmento de ouro, possivelmente de pepita. Para esta fossa existem cinco datas de radiocarbono. Uma, realizada sobre axis humano disperso fornece o intervalo 2881-2626 cal a.C., data compatível com as do TC1 e que sugere que inicialmente a fossa também poderia ter tido deposições de restos humanos. As outras quatro datas reportam-se ao preenchimento da fossa após a sua reabertura: 2469-2289 (cabeça humana), 2457-2206, 2466-2209 e 2461-2209 cal a.C. (Tabela 7.1).



Figura 7.30 – Fossa 96A. Deposição de cabeça decapitada, pontas de projectil em osso e fragmento de ouro.

É interessante observar algumas repetições nestas deposições para além dos recipientes campaniformes, nomeadamente das tampas de xisto, das valvas de *Pecten maximus*, de recipientes troncocónicos grandes, ou de elementos da metalurgia do cobre. Alguns destes

elementos voltam a aparecer nas deposições realizadas em espaço aberto, que ocorrem sobretudo na metade Este da área em escavação (Figura 7.31).

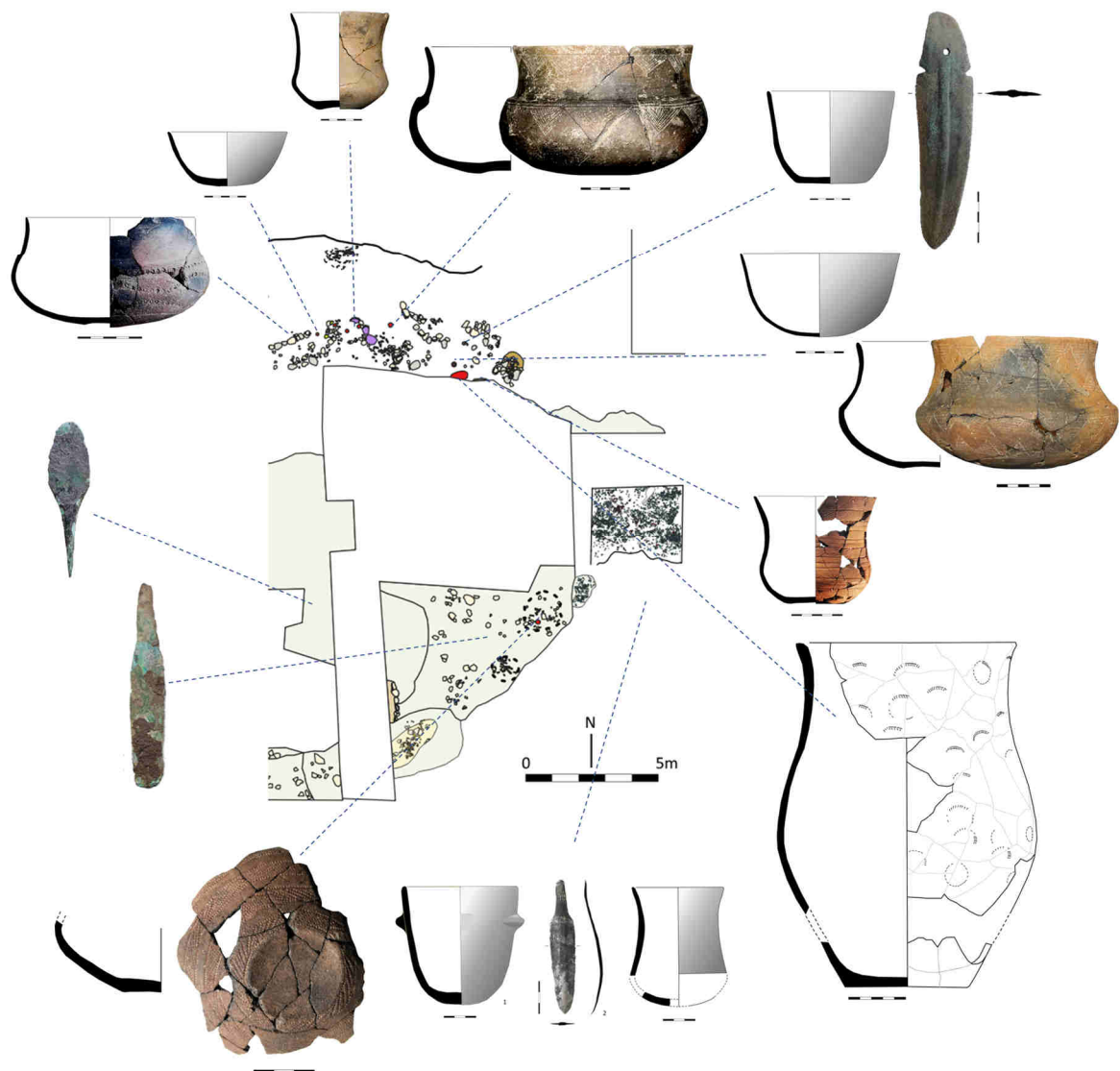


Figura 7.31 – Alguns dos materiais depositados em espaços abertos: campaniformes, troncocônicos, taças e metais.

Entre estas deposições de recipientes inteiros ou quase completos há que sublinhar algumas associações interessantes, como a de um troncocónico a uma alabarda (já publicada – Valera *et al.*, 2020) ou a de um troncocónico, um punhal de lingueta e um campaniforme liso, evocando as associações do Horizonte de Ferradeira, assim como a presença de *Pecten maximus* e de uma concentração de *Pyrus pyraster*, reforçando as ligações às deposições em fossa. Para estes contextos existem três datações de radiocarbono: 2560-2301, 2573-2348 e 2461-2209 cal a.C. (Tabela 7.1).

Durante este terceiro quartel do milénio, como acima se referiu, continuam a fazer-se deposições de cremações, sobretudo na Fossa 40 e Ambiente 1 e a metalurgia do cobre torna-se particularmente intensa, nomeadamente nos contextos com campaniforme da área mais central (Figura 7.32). Reforça-se, assim, a ideia deste centro como local de mistura de actividades e vivências que, noutros contextos, tendem a estar separadas e que aqui se articulam sincronicamente e diacronicamente, criando um espaço qualitativamente diferenciado.

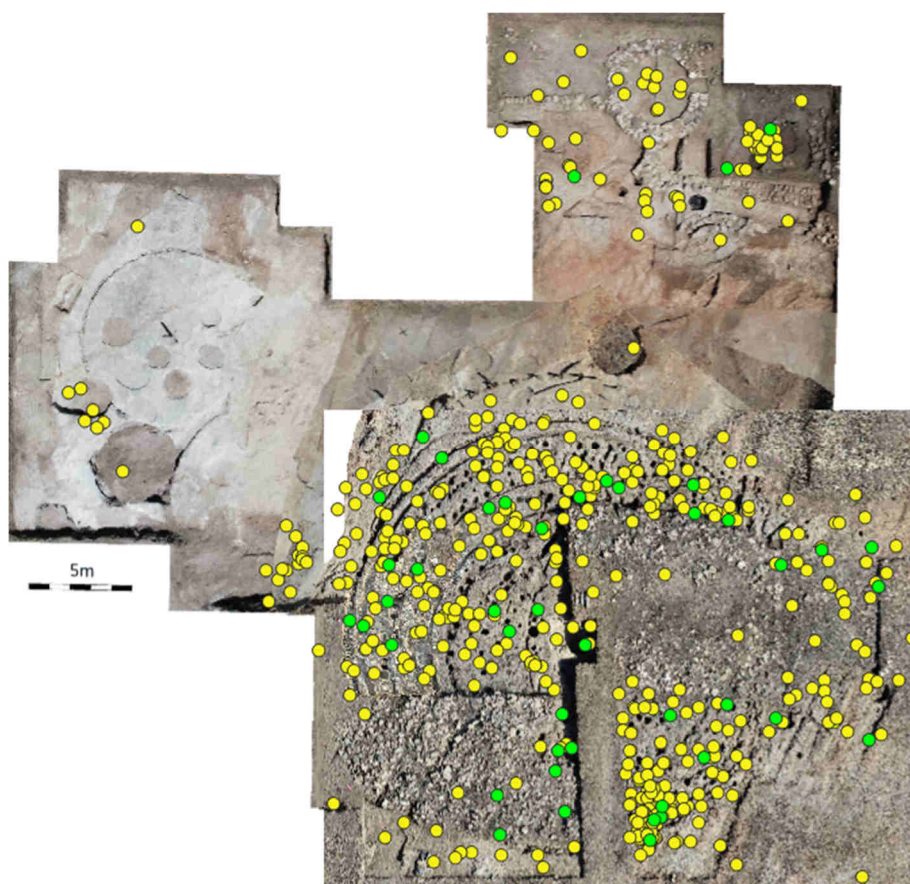


Figura 7.32 – Elementos de metalurgia do cobre no centro dos Perdígões: a amarelo materiais relacionados com a metalurgia (cadinhos, restos de cobre e minério), a verde os artefactos. Em baixo, exemplos de cadinhos e artefactos.

Finalmente, esta fase termina com a construção de um grande empedrado (UE27) em forma de “U” aberto a Este e que cobre parte destes contextos (Figura 7.33). Trata-se de uma massa de pedras dispostas sem qualquer organização e integradas numa matriz de sedimento muito escuro, argiloso e muito compacto e que integra abundantes fragmentos cerâmicos fortemente erodidos (alguns campaniformes), alguma fauna e material lítico talhado, que aparentemente resultam de uma mistura de materiais de diferentes fases de ocupação na construção desta estrutura de encerramento.

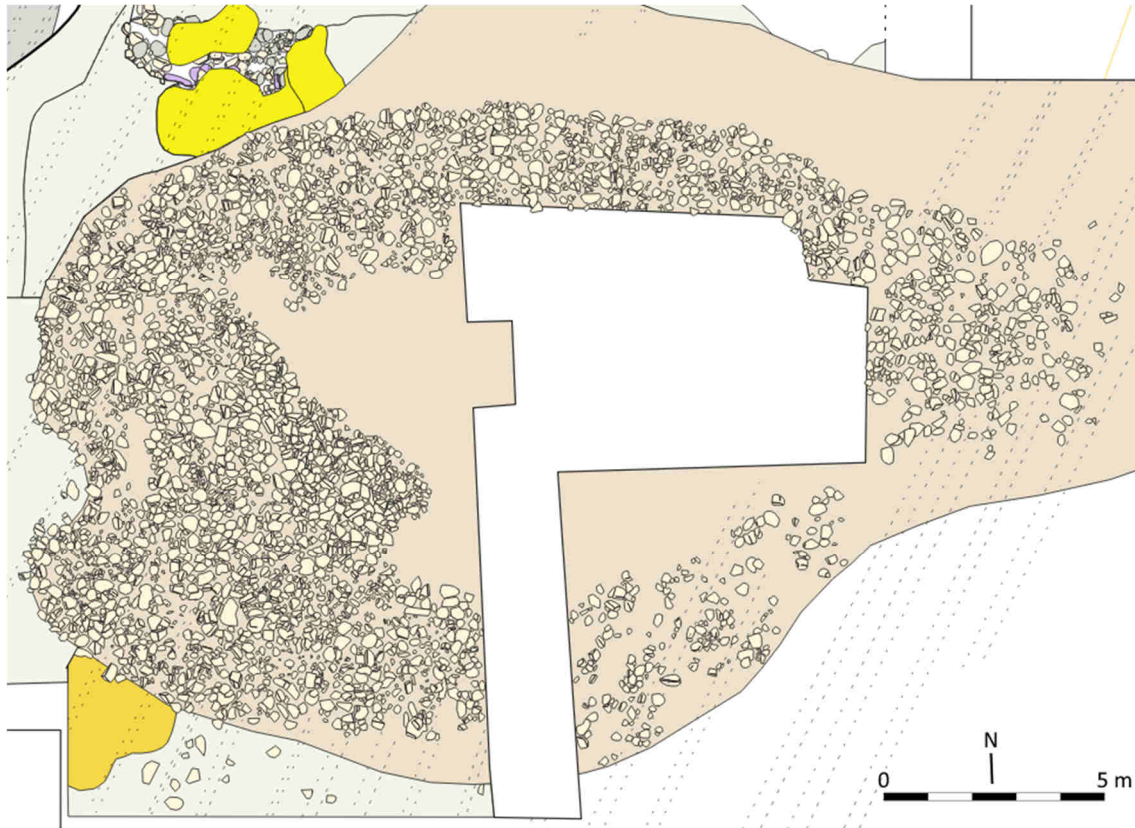


Figura 7.33 – Plano da estrutura de empedrado UE27.

Para este encerramento temos quatro datações, sendo que uma é atípica, reflectindo a incorporação de um osso de uma fase mais antiga. As restantes três apresentam intervalos entre 2474-2238, 2467-2297 e 2568-2302 cal a.C. (Tabela 7.1).

7.3.5 O final do 3º milénio a.C e a transição para a Idade do Bronze.

Esta fase surge consubstanciada apenas no extremo Norte da área de escavação, e reporta-se ao final da ocupação deste espaço central. Corresponde a um depósito [415=531] composto por um sedimento argiloso, castanho-escuro e bastante compacto, que integrava três realidades estruturais: o “Cairn 1” a Este, uma pequena lareira em fossa ao centro e uma estrutura composta por dois pavimentos sobrepostos localizada mais a Oeste (Figura 7.34).

A estrutura do “Cairn 1”, já publicada (Basílio, Cabaço, 2019; Basílio, 2022), corresponde à selagem, através de um aglomerado pétreo numa matriz de argilas negras e muito compactas, de uma depressão subcircular com um diâmetro de três metros e uma profundidade de 30 cm, na qual estavam escavadas duas fossas (Fossas 77 e 79). Este empedrado, de tendência circular, integrava no seu interior um pequeno monólito (menir?) em granito (Figura 7.35).

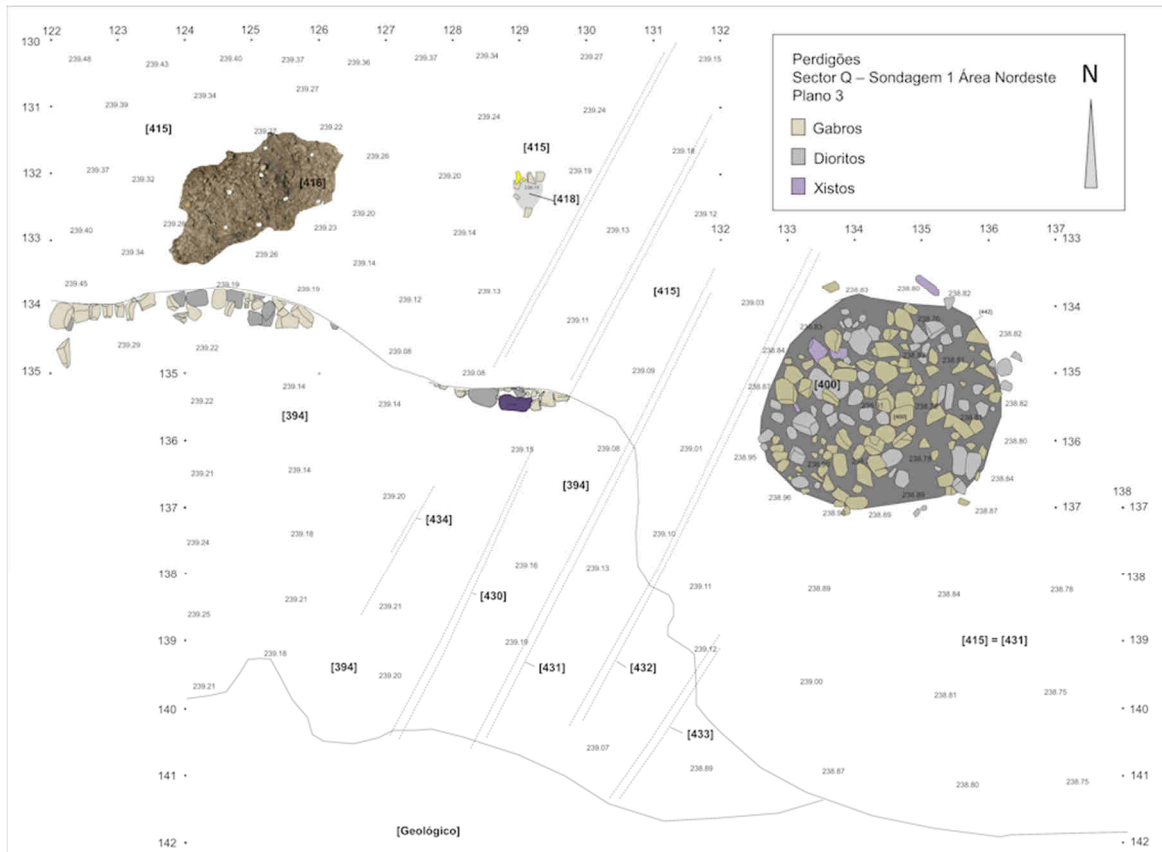


Figura 7.34 – Plano do depósito (UE415) e estruturas datadas do último quartel do 3º milénio a.C.

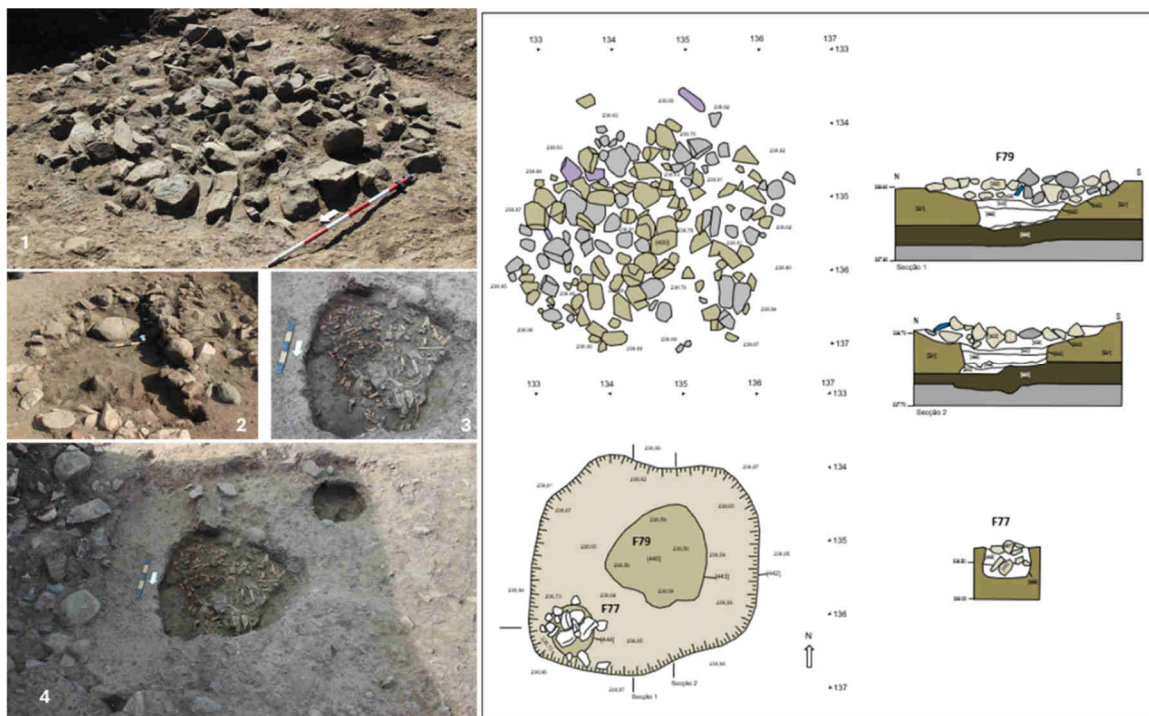


Figura 7.35 – Cairn 1 e estruturas subjacentes.

No que respeita às duas fossas, uma mais pequena situava-se na zona mais Sudoeste da depressão (Fossa 77) e outra, de maiores dimensões (Fossa 79), ocupava o centro da depressão, estando ambas escavadas em sedimento e não atingindo o geológico. A Fossa 77 era preenchida por dois níveis de empedrado separados por um fino depósito, contendo um número residual de materiais arqueológicos, enquanto a Fossa 79 revelou três níveis de sucessivas deposições de restos faunísticos, fragmentos cerâmicos, alguma indústria lítica talhada e vários elementos relativos ao sagrado. Na fauna predominavam restos de animais selvagens, nomeadamente de *Cervus elaphus*, tendo este contexto sido interpretado como deposições na sequência de um acto de comensalidade, eventualmente associado a um qualquer cerimonial. O investimento na cobertura destas fossas com um empedrado numa matriz de argilas enegrecidas e muito plásticas sugere um carácter ritualizado para as próprias deposições, constituindo a estrutura pétreia simultaneamente um encerramento, uma protecção e uma sinalização e materialização de memória (*Idem*).

Quanto à estrutura de lareira localizada na área mais central do depósito [415], trata-se uma lareira em pequena fossa de plano ovalado, com 60cm de eixo maior e 44cm de eixo menor, preenchida pelo depósito [418], cinzento-escuro, e por algumas pedras ao longo do rebordo. No seu interior encontravam-se fragmentos de uma pequena taça de parede fina, com carena média e fundo em *omphalos*.

Finalmente, situada cerca de 2m a Oeste da lareira, registou-se uma estrutura constituída por dois níveis de pavimentos constituídos por pequenas pedras e fragmentos cerâmicos, integrando pontualmente alguns restos faunísticos e seixos rolados, separados por um fino depósito intermédio (Figura 7.36).



Figura 7.36 – Vista de parte da base dos pavimentos superior e inferior e do fino depósito intermédio que os separa .

Para estes contextos existem três datações de radiocarbono, duas para a Fossa 79 sob o “cairn” e outra para a lareira, as quais os colocam nos últimos dois séculos do 3º milénio a.C.: 2196-1977, 2199-1981 e 2135-1939 cal a.C. (Tabela 7.1, Figura 7.37).

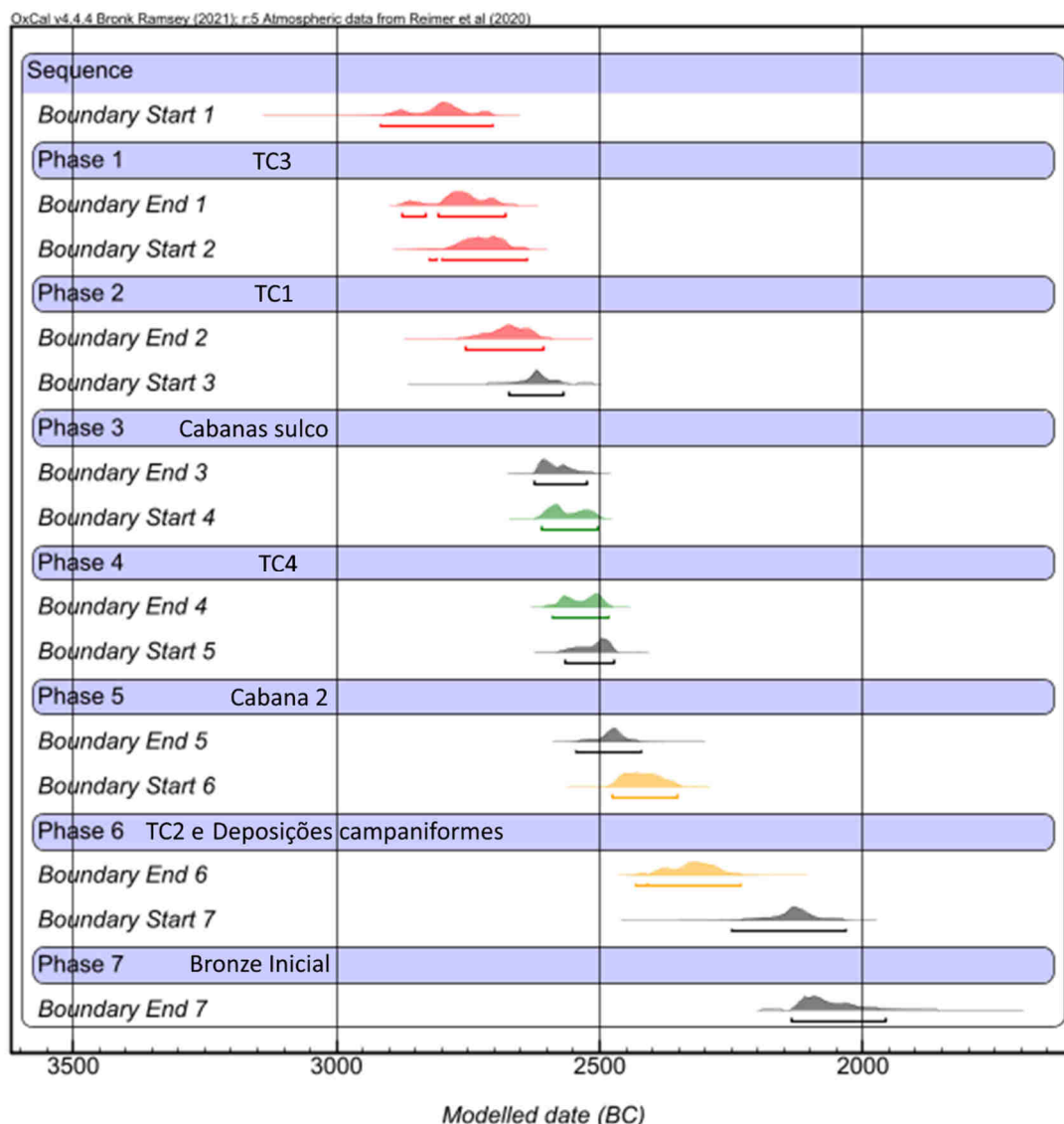


Figura 7.37 – Modelo bayesiano para a sequência de ocupação da área central dos Perdigões. $A_{\text{model}}=65.4$.

Tabela 7.1 – Datações de radiocarbono utilizadas na construção da sequência da área central dos Perdigões.

Contexto	UE	Amostra	Ref. Lab.	Data BP	Cal 2σ
TC1 vala ext.	677	<i>Cervus elaphus</i>	Beta-535488	4110±30	2865-2804 (24,1%) 2762-2574 (71,3%)
TC1 vala int.	676	<i>Ovis/capra</i>	Beta-535487	4180±30	2887-2835 (21,7%) 2817-2666 (73,7%)
TC1 vala int.	676	<i>Sus</i>	FTMC-ML56_9	4160±28	2879-2662 (90,3%) 2654-2631 (5,1%)
TC3	831	<i>Sus</i>	FTMC-ML56_6	4171±28	2884-2832 (20,6%) 2821-2663 (71,9%) 2651-2633 (3%)
TC3	831	<i>Sus</i>	FTMC-ML56_7	4205±26	2896-2846 (29,7%) 2812-2742 (47%) 2713-2675 (18,7%)
Cabana 1	346	<i>Bos</i>	Beta-535488	4110±30	2835-2819 (2,2%) 2666-2645 (3,6%) 2636-2473 (89,7%)
Cabana 6	325	<i>Ovis/Capra</i>	FTMC-ML56_8	4058±27	2851-2812 (11,9%) 2743-2729 (1,5%) 2695-2551 (66,9%) 2537-2491 (15,2%)
Fossa	1680A	<i>Fauna</i>	FTMA-TZ45-3	4082±35	2862-2804 (16,5%) 2756-2719 (6,6%) 2705-2560 (61,4%) 2539-2491 (11%)
Fossa	1680B	<i>Fauna</i>	FTMC-TZ45-10	4011±32	2863-2804 820,2% 2758-2718 (8,7%) 2705-2568 (62,2%) 2525-2497 (4,4%)
TC4	1241	<i>Cervus elaphus</i>	FTMC-TZ45-1	4006±34	2622-2598 (3,2%) 2584-2462 (92,2%)

TC4	824	<i>Lagomorpha</i>	FTMC-TZ45-20	4094±31	2863-2804 (820.2%) 2758-2718 (8.7%) 2705-2568 (62.2%) 2525-2497 (4.4%)
Cabana 2	393	<i>Sus</i>	ICA-16b/0912	4010±30	2617-2611 (0,9%) 2581-2458 (94,5%)
Cabana 2	421	<i>Fauna</i>	ICA-17B/1149	4000±30	2577-2468 (95,4%)
Fossa 87	593	<i>Pyrus pyraster</i>	Beta-474677	3850±30	2458-2269 (75,7%) 2260-2207 (19,7%)
Fossa 45	279	<i>Canis familiaris</i>	ICA-15R/1253	3820±30	2448-2446 (0,2%) 2436-2420 (1,4%) 2405-2378 (3,5%) 2350-2193 (84,9%) 2177-2144 (5,3%)
Fossa 92	909	<i>Cervus elaphus</i>	FTMC-TK72-2	3896±28	2466-2294 (95,4%)
Fossa 93	797	<i>Cervus elaphus</i>	Beta-535489	3900±30	2470-2297 (95,4%)
Fossa 93	819	<i>Cervus elaphus</i>	Beta-542213	3800±30	2339-2139 (95,4%)
Fossa 96	1247	<i>Crânio Homo</i>	FTMC-IQ60-1	3898±31	2469-2289 (95,4%)
Fossa 96	1154	<i>Sus sp.</i>	FMTC-ML56-5	3855±27	2457-2276 (77.7%) 2256-2206 (17.8%)
Fossa 96	1250	<i>Sus sp.</i>	KIA-57299	3880±35	2466-2282 (90.3%) 2251-2231 (3.5%) 2221-2209 (1.7%)
Fossa 96	1156	<i>Fauna</i>	KIA-57302	3870±35	2461-2281 (86.8%) 2252-2230 (5.7%) 2222-2209 (2.9%)
TC3	911	<i>Ovis/Capra</i>	FTMC-MH58-2	3910±34	2476-2286 (94.9%) 2247-2238 (0.6%)
Fossa 101	1685	<i>Ovis/Capra</i>	FTMC-TZ45-4	3932±34	2564-2534 (6.4%) 2494-2298 (89.1%)
Depósito	767	<i>Pyrus pyraster</i>	FMTC-TK72-1	3931±28	2560-2539 (3,4%) 2491-2338 (87,9%) 2324-2301 (4,2%)
Depósito	361	<i>Sus sp.</i>	Beta-535486	3860±30	2461-2276 (84%) 2254-2209 (11,4%)
Depósito	1141	<i>Cervus elaphus</i>	KIA-57285	3965±30	2573-2513 (37.4%) 2504-2402 (50.6%) 2381-2348 (7.4%)
Empedrado	28	<i>Cervus elaphus</i>	KIA-57264	3940±35	2568-2527 (13%) 2498-2339 (79.2%) 2323-2302 (3.2%)
Empedrado	27	<i>Cervus elaphus</i>	KIA-57269	3905±35	2474-2286 (94.8%) 2247-2238 (0.7%)
Empedrado	28	<i>Sus sp.</i>	FTMC-ML56-4	3903±27	2467-2297 (95.4%)
Cairn 1- F79	500	<i>Cervus elaphus</i>	ICA-16B/0913	3690±30	2196-2171 (4,6%) 2146-2010 (85,6%) 2001-1977 (5,1%)
Cairn 1 – F79	488	<i>Cervus elaphus</i>	ICA-17B/0104	3700±30	2199-2164 (8,7%) 2151-2017 (84,5%) 1995-1981 (2,2%)
Lareira	418	<i>Cervus elaphus</i>	ICA-16B0939	3650±30	2135-1939 (95,4%)

7.3.6 A relação da sequência de ocupação central com o Fosso 7.

Tendo em conta a cronologia absoluta obtida para o preenchimento da secção escavada do Fosso 7 (ver Capítulo 3), cujo início andar por volta de 2600 a.C., e se considerarmos que o intervalo entre a abertura do fosso e o início do seu preenchimento terá sido relativamente curto, então temos que a área central dos Perdígões só terá começado a ser delimitada por este fosso a partir da fase de construção do TC4 e do aparecimento dos primeiros campaniformes ou imediatamente antes, na fase da construção das cabanas de sulco perimetral. Ou seja, aquando da construção dos primeiros *timber circle* o centro dos Perdígões apenas estaria delimitado pelo Fosso 10.

A ser assim, e admitindo que seria importante escavar o Fosso 7 noutra secção a fim de obter uma melhor definição da sequência cronológica do seu enchimento, a pré-existência dos TC1 e TC3, e das práticas e carga simbólica que lhes estariam associadas, terão estado de alguma maneira implicadas na decisão de construção do Fosso 7 como elemento delimitador de um espaço central mais restrito e no próprio investimento que a sua abertura implicou (recorde-se que é o terceiro maior em termos de dimensões, só ultrapassado pelos Fossos 1 e 2, mais tardios – ver Capítulo 3). Na realidade, é a partir da sua construção que o centro dos Perdígões entra num processo de maior complexificação contextual, começando a misturar uma multiplicidade de estruturas relacionadas com diferentes actividades e práticas cerimoniais, as quais conferem a este centro o estatuto diferenciado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERGARIA, J. (1998) – Recipientes cerâmicos campaniformes recolhidos no povoado dos Perdígões. in: LAGO, M.; DUARTE, C.; VALERA, A.; ALBERGARIA, J.; ALMEIDA, F.; CARVALHO, A. (1998) – Povoado dos Perdígões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 1(1): 105-119.
- BASÍLIO, A.C. (2022) - *Dinâmicas ocupacionais na segunda metade do 3º milénio A.C. nos Perdígões: continuidades e descontinuidades*, Monografias da Associação dos Arqueólogos Portugueses. 12. Lisboa: A.A.P.
- BASÍLIO, A.C.; CABAÇO, N. (2019) - An end that perpetuates: a cairn from the end of the 3rd millennium BC at Perdígões. A.C. Valera (ed.) *Fragmentation and Depositions in Pre and Proto-Historic Portugal*. Lisbon. NIA-ERA: 105-123.
- DELIBES DE CASTRO, G.; CRESPO DÍEZ, M.; RODRÍGUEZ MARCOS, J.A. (2016) – Anatomía de un recinto de fosos calcolítico del valle medio del Duero: el Casetón de la Era (Villalba de los Alcores, Valladolid). *Del neolítico a l'edat del bronze en el Mediterrani occidental. Estudis en homenatge a Bernat Martí Oliver*. TV SIP 119. València: 387-401.
- DÍAZ-DEL-RIO, P. (2003) – Recintos de fosos del III milenio ac en la Meseta Peninsular. *Trabajos de Prehistoria*. 60(2): 61-78.
- GEBRESELAASSIE, S.G. (2023) – *Charcoal analyses from the Prehistoric Funerary Site of Perdígões (Alentejo, Portugal)*. Mestrado em Ciências de Materiais Arqueológicos (ARCHMAT). Évora. Universidade de Évora.
- HURTADO, V. (2004) – El asentamiento fortificado de San Blas (Cheles, Badajoz). III milenio ac. *Trabajos de Prehistoria*. 61(1): 141-155.
- LAGO, M.; DUARTE, C.; VALERA, A.; ALBERGARIA, J.; ALMEIDA, F. E CARVALHO, A. (1998) – Povoado dos Perdígões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 1(1): 45-152.
- NARCISO ZAFRA DE LA TORRE, N.; HORNOS MATA, F.; CASTRO LÓPEZ, M. (1999) – Una macro-aldea en el origen del modo de vida campesino: Marroquies Bajos (Jaén) c. 2500-2000 cal. Ane. *Trabajos de Prehistoria*. 56(1): 77-102.
- PÉREZ GARCÍA, C.M.; CANO ECHEBERRÍA, A.; FERNÁNDEZ ALGABA, M.; JIMÉNEZ GORDON, J.I.; GIRÓN ABUMALHAM, M.; MÁRQUEZ GALLARDO, J.M. (2025) – Cortijo Lobato. Un recinto de fosos fortificado de la Edad del Cobre en la vega del Harnina, cuenca media del Guadiana (Extremadura). Avance de resultados de la excavación arqueológica en curso. *CUPAUAM*. 51(1): 51-90.
- SILVA, A.M.; LEANDRO, I.; PEREIRA, D.; VALERA, A.C. (2014) – Collective secondary cremation in a pit grave: A unique funerary context in Portuguese Chalcolithic burial practices. *HOMO - Journal of Comparative Human Biology*. Nov 20. <http://hdl.handle.net/10316/27749>
- VALERA, A.C. ed. (2018) – *Os Perdígões Neolíticos. Génesis e desenvolvimento (de meados do 4º aos inícios do 3º milénio a.C.)*. Perdígões Monográfica 1. Lisboa. NIA-ERA.
- VALERA, A.C. (Ed.) (2020) – *O Sepulcro 4 dos Perdígões. Um Tholos da segunda metade do 3º milénio a.C.*. Perdígões Monográfica 2. Lisboa. NIA-ERA.
- VALERA, A.C. (2023) – Monumentality in wood: a preliminary approach to timber circles of Late Prehistory in South Portugal. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología da Universidad Autónoma de Madrid*. 49(1): 11-31.
- VALERA, A.C.; ALMEIDA, N.; EVANGELISTA, L.S.; MAURER, A.-F.; DIAS, C.B.; MacROBERTS, R.; RIBEIRO, S.; SANTOS, J.F. (2024) – No centro do centro dos Perdígões: o contexto de deposição de cabeça humana da Fossa 96 (2ª metade do 3º milénio a.c.). in, M. Diniz; A. Martins; C. Neves; J. Arnaud (Coords), *Vila Nova de São Pedro e o Calcolítico no Ocidente Peninsular*. vol. 2. Estudos & Memórias 22. Lisboa. UNIARQ-FLUL: 383-401.
- VALERA, A.C.; BOTTAINI, C.; BASÍLIO, A.C. (2020) – A deposição de uma alabarda em contexto campaniforme na área central do recinto dos Perdígões (Reguengos de Monsaraz). *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 14: 41-49.
- VALERA, A.C.; EVANGELISTA, L.S.; GODINHO, R. (2025) - Dissolving and contrasting. The secondary deposition of human remains at Perdígões enclosure (3rd millennium BC, South Portugal). In: Higginbottom, G., Jadranka Verdonkschot, Chris Scarre, A. César González-García, Felipe Criado Boado, F. (eds.) *Megalithic Societies: Old Questions, New Narratives*. Oxford: Archaeopress: 35-58.
- VALERA, A.C.; MATALOTO, R.; BASÍLIO, A.C. (2019) – The South Portugal perspective. Beaker sites or sites with beakers?, In: Alex M. Gibson (ed.), *Bell Beaker Settlement of Europe. The Bell Beaker phenomenon from a domestic perspective*. Prehistoric Society Research Paper nº9. Oxford. Oxbow: 1-23.
- VALERA, A.C.; PARREIRA, J. (2018) – A ocupação calcolítica da costa alentejana: nova intervenção junto à E.T.A.R. de Vila Nova de Milfontes (Odemira). *Actas do VIII Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Serpa/Aroche: 137-152.
- VALERA, A.C.; SILVA, A.M.; CUNHA, C.; EVANGELISTA, L.S. (2014) – Funerary practices and body manipulations at Neolithic and Chalcolithic Perdígões ditched enclosures (South Portugal). In: A.C.Valera (ed) *Recent Prehistoric Enclosures and Funerary Practices*. Oxford. BAR International Series 2676: 37-57.

8 CONCLUINDO: A CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO DE “ASSEMBLEIA”

A escavação da área central dos Perdigões continua em curso. A sua sequência de ocupação será melhor detalha e datada de forma mais fina. Boa parte das suas materialidades está ainda por estudar ou em estudo e o espaço abrangido representa ainda uma percentagem diminuta do recinto definido pelo Fosso 7. Contudo, os dados já obtidos permitem perceber a complexidade deste espaço, nomeadamente da sua zona mais central, a qual atingiu o seu expoente máximo em meados do 3º milénio a.C. e durante todo o seu terceiro quartel.

A conjugação, tanto sincrónica como diacrónica, de todas as realidades acima descritas numa área reduzida e central do grande complexo dos Perdigões evidencia um espaço de sentido politético, onde se tecem relações entre estruturas, objectos e actividades que normalmente não ocorrem integradas em conjunto e num mesmo local. Trata-se de um espaço de mistura, que rompe com concepções de zonação e especialização funcional, o qual parece traduzir a materialização de processos de categorização mental mais fluídos e permeáveis, que se traduzem numa forma de espacialização de conjugações significantes de actividades.

Neste espaço, as diferentes práticas (deposicionais, funerárias, metalúrgicas e outras), assim como arquitecturas (cabanas, estruturas cerimoniais em madeira, fossas e outras) interpenetram-se, gerando, através das relações que estabelecem entre si, uma pluralidade de sentidos e agências que ultrapassam funções mais específicas de cada uma, funcionando como “ritos de construção” de um lugar (Eliade, 1969). No seu conjunto, conferem ao centro dos Perdigões um estatuto axial, ao qual se aplica bem a afirmação de Eliade de que o centro é uma zona do sagrado por excelência.

O espaço central dos Perdigões constitui-se, assim, com uma área com múltiplas camadas de leitura e sentido, assumindo qualidades diferenciadas e indicando que a estruturação espacial do complexo de recintos se organizaria de forma hierarquizada, heterogénea e descontínua em termos significantes, possivelmente cosmográfica se conjugarmos tudo isto com o simbolismo patente na relação que o sítio estabelece com a paisagem e com as orientações solsticiais e equinociais das entradas, o último caso patente precisamente no Fosso 7.

De facto, e recorrendo à categorização de Merton (1957), às funções manifestas (caracterizadas pela satisfação de necessidades concretas) juntam-se as funções latentes, carregadas de ambiguidades e de pluralidade de agência social, aumentadas pelas relações contextuais estabelecidas. Neste âmbito de complexidade contextual, as próprias funções manifestas podem perder protagonismo em face dos significados emergentes das relações de

contexto. Como lembra Edmund Leach (1992), sempre que distinguimos classes de objectos ou de actividades traçamos fronteiras artificiais entre o que frequentemente é por natureza contínuo. Mas a fronteira caracteriza-se precisamente por uma ambiguidade implícita e é por excelência zona de rito, de tabu, de sacralidade, de transformação ou mesmo transubstanciação. Neste âmbito podemos intuir o fogo como um dos elementos preponderantes na sua transversalidade a diferentes actividades que ali ocorriam, nomeadamente a partir do momento em que a metalurgia do cobre se intensifica em simultâneo com as inúmeras deposições de restos de cremações. Agente de transformação, que tanto actuava na metalurgia e na dimensão mágica que sempre lhe esteve associada, como na cremação, nos cerimoniais de comensalidade ou nas tarefas mais quotidianas, e que estimula aquilo que Marshall Sahlins designou como o “envolvimento da agência espiritual na quase totalidade da actividade humana” (Sahlins, 2023: 46), onde “a existência é tudo menos mundana” (*idem*: 23).

É também neste espaço que o campaniforme, nas suas múltiplas expressões artefactuais, esteve envolvido em práticas ritualizadas de carácter social de onde estão ausentes contextos que preservem qualquer sentido de individualidade. A sua amplitude de agência parece ir bem para além da de bens de prestígio usados em exposições de status diferenciado e podem mesmo ter sido utilizados em práticas cerimoniais de *feasting* onde se procede à sua amortização como mecanismo de matização e de negociação de diferenciações sociais ainda não plenamente institucionalizadas. A circunstância contextual em que os campaniformes ocorrem na área central dos Perdigões, em diálogo com um conjunto de práticas ritualizadas e cerimoniais, evidencia que o seu papel e valor social não é intrinsecamente evidente e que tem que ser estabelecido na pluralidade de agências que emergem das suas relações contextuais.

Em suma, o centro dos Perdigões é, para a arqueologia, um contexto tão fascinante quanto difícil. Nele se conjugam, tanto sequencialmente como paralelamente no tempo, estruturas, objectos e actividades que se nos afiguram, aos olhos de hoje, muito diversas e bem compartimentadas. A sua mistura neste espaço central força-nos a um pensamento mais relacional, mais poroso, percebendo que dessas relações emerge todo um discurso de sentido que temos dificuldade em captar e que essas estruturas, objectos e actividades não esgotam a sua agência social nas funções primárias ou manifestas que lhes queiramos impor. Alerta-nos igualmente para o carácter plural, heterogéneo e significativo da organização espacial intra recintos, mas não de uma espacialidade simplesmente de base funcional. Antes, uma organização de sentidos construídos através de misturas e relações de maior fluidez entre o que à partida tenderíamos a olhar de forma separada, mesmo quando dão origem a espaços fisicamente bem delimitados.

Não, o centro dos Perdigões não é uma área metalúrgica, uma necrópole, um espaço artesanal (de tecelagem, por exemplo, com milhares de pesos de tear registados), uma área residencial ou um simples local para eventos cerimoniais e comensalidades. É tudo isto em relação. Se quisermos encontrar no nosso rol de designações classificadoras, normalmente pouco plásticas, um termo para designar este espaço, talvez a melhor seja Assembleia. Assembleia de pessoas, estruturas, materialidades e práticas que, em relação, produzem um ambiente de tendência holística, que parece dotar de um estatuto primordial o centro de uma organização espacial circular e concêntrica como é a dos Perdigões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ELIADE, M. (1969) – *Le mythe de l'éternel retour*. Paris. Gallimard.
MERTON, R.K. (1957) – *Social Theory and Social Structure*. Rev. ed. Glencoe. Illinois. The Free Press.
LEACH, E. (1992) – *Cultura e comunicação*. Lisboa. Edições 70.
SAHLINS, M. (2023) – *A ciência nova do universo encantado. Uma antropologia da maior parte da humanidade*. Lisboa. Temas e Debates.



NIA

NÚCLEO
DE INVESTIGAÇÃO
ARQUEOLÓGICA

ERA
ARQUEOLOGIA